

ROMANCE ESPÍRITA

José Carlos Leal

A Casa dos Espíritos Sofredores

NS NOVO SER
EDITORA

CASA DOS ESPÍRITOS SOFREDORES

JOSÉ CARLOS LEAL

A família Fonseca Teles conseguiu comprar a casa tão sonhada: ampla, com jardim na frente e horta nos fundos. Só não sabia que ela não estava vazia, mesmo estando fechada.

Assim que a família mudou para a nova casa, Cristina e Ana Júlia começaram a testemunhar coisas "estranhas" que aconteciam nela.

Porém, na opinião de Augusto, para todas essas coisas, havia uma única explicação: tudo não passava de fruto da imaginação das filhas.

Dona Rosa as confortava, mas ao final sempre concordava com o marido.

Imaginação ou não, o fato foi que, desde a mudança, os tais acontecimentos vinham tirando o sossego da família. Por isso, naquela noite, Augusto resolveu que desvendaria o "mistério", seja qual fosse. Mas desta vez ele não teve explicação nem para o que os próprios olhos viram... Foi aí que, convencido por Dona Rosa, resolveu buscar ajuda.

A CASA DOS ESPÍRITOS SOFREDORES

1ª edição

SUMÁRIO

Palavras iniciais

Capítulo I

A casa em Jacarepaguá

Capítulo II

D. Eulália

Capítulo III

D. Eulália tinha razão

Capítulo IV

A visita do tio Abílio

Capítulo V

A primeira sessão

Capítulo VI

Ramiro volta a se comunicar

Capítulo VII

Sinhá Moça

Capítulo VIII

Meu tio nos fala sobre a reencarnação

Capítulo IX

Uma conversa muito interessante

Capítulo X

Um ator perdido no tempo

Capítulo XI

O demônio e o Espiritismo

Capítulo XII

Caem as últimas restrições de em relação ao Espiritismo

Capítulo XIII

A narrativa da Irmã Letícia

Capítulo XIV

Por fim Hasterius se manifesta

"Que todos os espíritos sofredores possam compreender essa verdade, em vez de se revoltarem contra as dores e os sofrimentos morais que são o seu quinhão aqui na Terra. Usai, pois, como divisa, estas duas palavras: devotamento e abnegação, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem."

O Espírito de Verdade

ALLAN KARDEC

O Evangelho segundo o Espiritismo - Cap. VI.

Palavras iniciais

Meu nome é Álvaro Fonseca Teles e a história que vou narrar aconteceu comigo e minha família. Embora já faça muito tempo, ainda me lembro dela com riqueza de detalhes. Resolvi escrevê-la, em forma romanceada, depois que me tornei espírita militante porque acredito que todas as coisas que possam reforçar as ideias espíritas devem ser divulgadas. A pedido dos meus familiares, os nomes dos personagens foram trocados, embora os fatos continuem os mesmos sem a menor alteração. Espero, sinceramente, que o nosso leitor possa aproveitar, de algum modo, a leitura destas páginas.

CAPÍTULO I

A casa em Jacarepaguá

Naquela noite de sábado, em maio de 1999, o nosso pai estava muito feliz. Havíamos terminado o jantar e permanecemos à mesa conversando, como era o costume lá em casa. Meu pai sempre nos dizia que durante as refeições é o momento ideal para a família se reunir e conversar sobre as coisas do cotidiano, coisas que, à primeira vista, parecem banalidades, fatos corriqueiros e sem importância; entretanto, quando refletimos sobre eles descobrimos o quanto

podem ser importantes. Foi com o meu pai que aprendi que não existe "jogar conversa fora", pois todo diálogo por mais simples que nos pareça possui o seu valor. Naquela noite, ele nos fez uma surpresa que nos foi revelada rapidamente: Gente, hoje é um dia muito especial para a nossa família.

— O que há de tão especial, Augusto? perguntou minha mãe.

— Calma, calma que vou contar. Disse meu pai com um sorriso no rosto como se fosse um jogador que possui um trunfo na manga.

— Pai, fale logo. Eu estou morrendo de curiosidade. Pediu Cristina, minha irmã mais nova.

— Espera um pouco, pessoal, há tempo para tudo embaixo do sol.

— Sim, eu sei e há tempo para contar o que deve ser contado, seu Augusto, falou Ana Júlia, a minha outra irmã.

— Está bem. Eu quis só citar o Eclesiastes.

— Mas, papai, você não é religioso, observou Ana Júlia.

— Não. Não sou, porém isso não me impede de apreciar um livro que contém grande sabedoria como o Eclesiastes.

— Senhor Augusto, não fuja do assunto. Chega de fazer suspense.

— Diga logo qual é a surpresa. Espero que a sua revelação justifique tudo isso, falou minha mãe, fingendo-se de zangada.

— Está bem, Dona Rosa. Vou dizer. Vocês sabem que todos nós temos um sonho, um sonho muito antigo...

— Sonho de nossa família? perguntou Cristina.

— Sim. Sonho de nossa família, confirmou meu pai.

— Então já sei o que é! É a casa nova! exclamou Júlia elevando o tom da voz.

— Acertou, filha, é isso mesmo, concluiu meu pai acariciando os cabelos de minha irmã.

Quando meu pai fez aquela declaração, pude ver nos olhos de todos um brilho singular e nos sorrisos francos o fim da expectativa que nos dominava.

Minha mãe que estava saboreando um pedaço de manga Palmer, que ela havia colocado no prato ainda sujo de comida, foi quem tomou a palavra.

— Augusto, vá com calma. Você sabe como todos nós sonhamos em sair deste apartamento para uma casa maior com um jardim na frente e uma horta nos fundos. Vem você, agora, nos dizer que este sonho foi realizado.

— Você está falando sério?

— Claro que estou, Maria Rosa. Comprar a casa nova foi um sonho para mim também durante muito tempo. Incomodava-me quando vocês reclamavam do pouco espaço deste apartamento. Devagarzinho, as coisas foram melhorando para mim. Aumentei um pouco a oficina, comprei máquinas novas, fiz convênios com algumas seguradoras de automóveis. De repente, fui percebendo que dava para guardar um dinheirinho, fazer uma poupança e alguns outros investimentos, não demorou muito, surgiu uma bela oportunidade e eu não vacilei.

— Você ainda pergunta, pai? Claro que nós vamos, não é mãe? perguntou Ana Júlia como se quisesse buscar o apoio de nossa mãe.

— Sim. Eu também estou louca para ver a casa, disse nossa mãe.

No dia seguinte, acordamos cedo, tomamos um café reforçado e saímos de casa no Santana da família. Naquela época, nós morávamos em Marechal Hermes, perto da Escola Evangelina onde eu e minhas irmãs estudávamos. Tomamos a direção da esquerda como quem vai para o antigo Campo dos Afonsos onde ficava a Escola da Aeronáutica. Não demorou muito passamos por Vila Valqueire e fomos desembocar na Praça Seca. Eu, que não estava menos ansioso que meus irmãos, perguntei ao meu pai:

— Onde é mesmo, pai?

— Em um bairro chamado Freguesia.

— Ainda está longe?

— Um pouquinho.

Continuamos a nossa caminhada, passamos pelo Mato-Alto, um pouco antes do Hospital-Colônia Curupaiti, exclusivo para hansenianos e, cerca de uns vinte minutos depois, chegamos à Freguesia. Seguimos por uma rua comprida até que o nosso carro dobrou à direita e entramos em uma rua descalça com eucaliptos plantados de um lado e outro. Uns cavalos magros pastavam em um terreno vazio. O lugar era bonito, pelo menos para o meu gosto.

— Pessoal, a rua é esta. Disse meu pai diminuindo bastante a velocidade do carro e olhando para um lado e para o outro como quem procura localizar alguma coisa. Não demorou muito e paramos em uma casa com um Gol branco na frente.

Meu pai nos disse:

— Esta é a casa e o Gol é do corretor.

Então, papai estacionou o carro e todos nós saímos. Vimos uma casa com aspecto antigo, com uma aparência arquitetônica que lembrava um pouco os chalés da época vitoriana. Era a única casa da rua que possuía aquele aspecto.

O corretor veio em nossa direção e cumprimentou meu pai efusivamente.

— Essa deve ser a família. Estou certo? perguntou o homem afrouxando o laço da gravata.

— Sim. Este é o meu pessoal: minha esposa e filhos, disse meu pai apertando a mão que o corretor lhe estendera.

O homem parecendo um tanto ansioso para vender o imóvel, convidou-nos para entrar. Havia antes da varanda um jardim inglês, mas não muito grande.

Estava descuidado, pois o capim havia crescido e disputava o espaço com algumas roseiras e um pé de dália junto do muro. O corretor chegou próximo à porta da casa, colocou a chave na fechadura e fez um movimento enérgico da esquerda para a direita. A porta se abriu atirando em nosso rosto uma lufada de ar quente e cheiro de coisas velhas.

— Parece que faz muito tempo que alguém não vem aqui, observou minha mãe.

— É verdade, minha senhora. Este imóvel está vazio faz tempo.

Eu tive vontade de perguntar por que a casa não tinha sido alugada e nem vendida há tanto tempo, mas silencieei com medo de causar algum constrangimento ao homem ou perturbar a alegria dos meus familiares. O corretor sempre muito falante nos levou a todos os cômodos da casa. Enquanto examinávamos o imóvel, ele não parava de falar:

— Esta casa possui cinco quartos, três no primeiro andar e dois no segundo, duas salas de estar, duas de jantar e este jardim de inverno. O senhor tem três filhos. Pode dar um quarto para cada um e ainda sobra um para o senhor fazer um espaço para livros ou mesmo um escritório.

— É verdade, falou meu pai, satisfeito com o que escutara.

Depois de o homem nos ter mostrado a casa toda, nosso pai nos perguntou:

— O que acharam? Ficamos com a casa?

— Claro! dissemos todos quase ao mesmo tempo.

— Como o senhor vê, a venda está fechada. Eu lhe disse que a minha família daria a última palavra e deu, afirmou meu pai convicto.

O corretor, parecendo querer valorizar mais ainda o imóvel para o comprador, disse:

— Seu Augusto, o senhor está fazendo uma bela compra e por um preço de ocasião. O senhor está vendo aquela casa logo ali em frente?

— Aquela pintada de cinza, está para vender e o preço dela, em relação a esta aqui, está muito salgado.

— Não será por que a nossa casa já está muito velha? interrogou Ana Júlia.

— Esta é uma boa observação, Senhorita, mas se considerarmos a idade da casa de vocês, ela deveria ser muito mais cara, disse o vendedor muito sério.

— Eu pensei que era o contrário, comentou minha irmã.

— Esta casa, senhorita, foi construída em 1928 por Sir Paul Livingstone Leister que era adido cultural da Inglaterra no Rio de Janeiro. Naquele tempo as construções eram muito mais sólidas e o material usado de excelente qualidade.

— Por exemplo, todo mármore usado nela veio da Itália, acho que de Carrara se não estou enganado.

— Deixe para lá, Moreira, minha filha é assim mesmo. Puxou a avó materna, disse meu pai, sorrindo e olhando para a minha mãe como se esperasse uma resposta que não veio.

— Acreditem, insistiu o corretor, os senhores fizeram um negócio da China.

— Acredito, Moreira, falou papai.

— Espero que sejam muito felizes aqui. Ah! Sem querer me intrometer, mas já me intrometendo. Acho que já perceberam como o jardim está descuidado e como o mato cresceu no fundo do quintal. Se quiserem, posso lhes dar o endereço do seu Joaquim, ele pode cuidar disto para vocês. Ele é bom nessas coisas e é uma pessoa de inteira confiança. Se desejarem, eu mesmo posso falar com ele para fazer uma

boa limpeza por aqui.

— Sim, claro que queremos. Falou minha mãe. Só que não é preciso o senhor se incomodar com isso. O Senhor nos passando uma forma de contacto com ele, nós mesmos resolveremos o problema.

— Está bem. Aqui está o telefone dele.

— Muito grata seu Moreira. Nós vamos precisar muito de uma pessoa assim.

CAPÍTULO II

D. Eulália

Nós não nos mudamos logo de nosso apartamento em Marechal Hermes porque a casa foi comprada em setembro, faltando mais ou menos três meses para o fim do ano letivo. Por isso, meus pais decidiram que deixariam acabar o ano escolar para fazer a mudança. À época, Ana Júlia e eu estávamos no segundo grau e Cristina na metade do primeiro grau. Enquanto nós não nos mudávamos, papai contratou o seu Joaquim para limpar o terreno e dar uma nova forma ao jardim.

Papai mandou também religar a luz e água, pintar a casa e consertar o muro que estava com algumas falhas. Finalmente, ficou resolvido que mudaríamos no mês de janeiro.

De fato, foi assim. Esperamos o final do ano de 1999, e fizemos, em nossa antiga residência, a ceia de Natal e de Ano novo. Desse modo, no dia 5 de janeiro do ano 2000, estávamos deixando o nosso antigo apartamento e seguindo na direção da casa nova. Quando chegamos, eu quase não a reconheci.

Estava pintada de marrom claro. O jardim, bem limpo, tinha outro aspecto.

Podíamos ver, agora, algumas flores que foram libertas do mato pelo trabalho do seu Joaquim.

Mamãe foi quem mais vibrou com aquela mudança. O sonho dela havia, por fim, se realizado.

O caminhão que trouxera a nossa mudança começou a ser descarregado.

Papai estreou logo a garagem. Eu fiquei parado no portão olhando para a casa com a sensação estranha de quem contempla uma novidade, mas que não se sente muito seguro em relação a ela. Um pássaro preto, pousado em um pé de acácia do terreno vizinho, piou como se fosse um lamento. Apenas eu notei naquele pio que, para mim, soou tanto como uma saudação de boas-vindas como uma advertência. Meu pai que havia acomodado o carro e tirado a bagagem que viera no porta-malas, abraçou minha mãe dizendo-lhe:

— Agora temos alguma coisa digna da família Fonseca Teles.

— Graças a Deus, Augusto, graças a Deus.

— Então, você está feliz? perguntou meu pai, embora soubesse a resposta.

— Que pergunta, Augusto! Melhor não poderia estar. Não é todo dia que se realiza um sonho acalentado por tantos anos.

Assim que os carregadores colocaram todos os móveis da casa sob o comando de

minha mãe e minhas irmãs, teve início uma disputa sobre quem ficaria com os quartos de cima. Decidimos que o mais democrático seria tirar a sorte, assim fizemos, e Cristina e eu ficamos com os quartos de cima. Ana Júlia não reclamou e nos disse que preferia mesmo o quarto de baixo, porque era bem maior que os de cima e ela precisava de espaço. Eu não sabia se ela estava sendo sincera ao dizer isso ou se era apenas desculpa de perdedor. Fosse porque fosse, o fato é que não houve mágoas por causa dos quartos.

Passou-se o mês de fevereiro e veio março. Nós conseguimos as transferências para as escolas da proximidade sem maiores dificuldades. A nossa vida passou a deslizar suave como as águas tranquilas de um regato nas tardes de primavera. Mamãe, com a ajuda de seu Joaquim, havia reconstruído o jardim e começava a pensar na horta que ficaria no quintal dos fundos. Meu pai, porém, discordava da horta, pois achava que era muita coisa para minha mãe cuidar. Na opinião dele, ela deveria escolher entre a horta e o jardim. Minha mãe, como era de seu costume, silenciou. Esse silêncio, entretanto, não significava que ela havia desistido da horta, mas que esperaria outro momento para voltar ao assunto.

Numa sexta-feira, mamãe estava no jardim quando a vizinha do lado, que voltava da feira arrastando um carrinho de compras, ao passar pelo portão, vendo minha mãe, puxou assunto:

— Bom dia, vizinha! Está gostando da casa nova?

— Muito. O meu sonho era uma casa assim. A gente morava em um apartamento de dois quartos em Marechal Hermes.

— Eu conheço Marechal Hermes. É perto de Bento Ribeiro não é?

— Sim. Fica entre Bento Ribeiro e Deodoro.

— Tenho uma irmã que ainda mora lá na Rua Jarina 263. Aqui é um pouco mais sossegado, embora lugares realmente tranquilos estejam se tornando uma raridade no Rio de Janeiro.

— No Brasil, eu diria, ponderou minha mãe.

— Isso mesmo, a violência está tomando conta deste país. A senhora me desculpe por não me apresentar. Meu nome é Eulália. Sou professora primária aposentada.

— Foram 25 anos aturando um bando de pestinhas que me deixaram de cabelos brancos. Já no final, deixei a sala de aula e me tornei Diretora da Escola, mas as coisas não melhoraram muito. Muita politicagem, sabe? Já vi os seus meninos, são muito bonitos. Eu tenho dois filhos, mas estão casados e já me deram netos.

— Não é para me gabar, mas são netos maravilhosos: uma menina e um menino.

— A menina é uma coisa rara. Inteligente que só vendo! O menino não fica pra trás, mas a Taisinha é especial. A senhora ainda vai conhecê-la.

Ante aquela enxurrada de palavras e os sinais evidentes de que a mulher não desejava encerrar a conversa logo, minha mãe resolveu se apresentar:

— Meu nome é Maria Rosa. Sou doméstica. Ensinava para as mocinhas de meu bairro noções de corte e costura, fazia isso para ajudar meu marido nas despesas.

— Então, a senhora é costureira.

— Sim, e gosto bastante de costurar.

— Isso é muito bom. Aqui neste bairro não há costureiras. Hoje, com os shoppings e as butiques as pessoas preferem roupas prontas, mas, para mim, as costureiras e alfaiates ainda têm o seu valor. De vez em quando, preciso fazer umas reformas nas minhas roupas e não encontro onde. Posso contar com a senhora?

— Penso que sim. Isso se a senhora não for muito exigente.

— Não. Sou uma pessoa simples.

— Então, neste caso...

— Posso lhe perguntar uma coisa, Maria Rosa? Vou lhe chamar assim e você pode me chamar de Eulália, certo?

— Certo. Mas a senhora me disse que gostaria de me fazer uma pergunta...

— Pode perguntar.

— Rosa, você não me tome por uma pessoa "entrona" destas que adoram se meter na vida alheia, porque se há uma coisa que considero sagrada é a vida dos outros.

— Não tenho por hábito julgar as pessoas, Eulália. Já lhe disse, pode perguntar.

— Está bem, Rosa, vou perguntar: está tudo bem aí na sua casa?

— Está tudo bem, pelo menos até agora. Por que esta pergunta?

— Vou ser muito franca. Posso?

— Claro que pode.

— O seu marido não fez um bom negócio comprando esta casa.

— Não fez?

— Não. Não fez.

— Por que você está dizendo isso, Eulália?

— Ué! Vocês não sabem?

— Não sabemos de quê?

— Rosa, esta casa onde vocês moram é mal-assombrada.

— Mal-assombrada! Que história é essa, Eulália?

— Isso mesmo. O último morador, um pastor evangélico, saiu daí correndo com a família e nunca mais voltou. E olha que era um homem bom e temente a Deus.

— Não largava a Bíblia; porém, não pôde com as coisas que aconteciam aí.

— Vai para uns cinco anos que ninguém mora mais nesta casa.

— Você está falando sério, Eulália?

— Você acha que iria brincar com uma coisa desta? Eu respeito muito as coisas que estão além de minha compreensão.

— Que tipo de assombração esta casa tem? quis saber minha mãe muito interessada.

— O que sei me foi contado por dona Débora, a mulher do pastor, logo nas primeiras semanas que eles estavam aí, começaram a escutar barulhos de passos no andar de cima. De noite se ouvia pessoas conversando alto nos quartos a ponto da família não poder dormir. A filha mais nova deles viu um velhinho corcunda no

jardim. Ela, pensando que fosse uma pessoa viva, foi falar com ele, mas o velho desapareceu bem na frente dela e a menina desmaiou de medo.

— O Pastor convocou, então, uns amigos dele lá da igreja e fizeram uma reunião na casa e logo no primeiro dia, todas as lâmpadas se quebraram deixando todos na escuridão. Aí começou a aparecer flutuando cabeças humanas e mãos luminosas que passavam de um lado para outro. Foi demais para o homem e, dois dias depois, ele arrumou as malas e foi embora.

— E você, Eulália, já viu alguma coisa aqui em casa?

— Não vi e nem quero ver. Tenho medo de alma do outro mundo, mas uma amiga minha, por nome Dalva, viu.

— O que foi que ela viu?

— Esta minha amiga é médium. A propósito, você sabe o que é médium?

— Sim. É uma pessoa que recebe espíritos. Não é?

— É isso mesmo, mas me deixe contar o que aconteceu com ela.

— No dia em que a Dalva esteve aqui em casa, ficou muito tarde para ela voltar para Irajá, onde ela mora. Então, ofereci a ela dormir aqui e ela aceitou.

— De noite, depois da novela das oito, estando muito calor, ficamos sentadas na varanda conversando.

— Tudo estava muito bem até que ela me perguntou quem eram os nossos vizinhos da direita. Fiquei sem entender coisa alguma, porque a casa da direita, era esta onde você está morando, e ela não tinha moradores fazia muito tempo.

— Então, disse a ela que deveria haver engano porque na casa da direita ninguém morava. Ela apontou para a sua casa e disse que ali havia uma festa com pessoas vestidas com roupas antigas, bem antigas. Expliquei que ela não poderia estar vendo tais coisas, uma vez que a casa da direita estava vazia.

— Ela virou-se para mim e, com a cara mais calma deste mundo, disse:

— Então são espíritos. Não sei como não percebi antes.

— Rosa, fiquei arrepiada do dedão do pé aos cabelos da cabeça e pedi a ela para entrarmos.

— Foi por isso, Rosa, que perguntei a você se estava havendo alguma coisa na sua casa.

— Afirmo a você que nada está acontecendo conosco.

— Fico feliz. Olha, Rosa, desculpe-me. Eu não quis assustá-la, até pensei que você já soubesse de algo sobre a casa.

— Tudo bem, Eulália, mas agora você me desculpe que preciso entrar.

— Está quase na hora de meus filhos voltarem da escola.

— Tudo bem. Eu também tenho de guardar estas frutas e legumes.

— Olha a feira daqui fica bem perto e é muito boa. Quando você quiser ir lá...

— Muito obrigada, Eulália. Até mais ver.

— Até mais ver.

Naquela mesma noite, minha mãe comentou com meu pai a conversa que havia

tido com a nossa vizinha. Meu pai ficou céptico e preferiu acreditar que tudo aquilo fosse conversa fiada da D. Eulália. Fantasmas não existem, dizia ele, a não ser para as almas medíocres, para as pessoas supersticiosas e ignorantes.

Conforme meu pai falava. Pessoas racionais e inteligentes buscam sempre para os fenômenos tido como estranhos uma explicação natural. Dava com reforço de seu ponto de vista um livro de um padre chamado Oscar Quevedo, **A face oculta da mente** que botava fim em todas essas coisas supersticiosas.

Penso que devo explicar aqui esse comportamento de meu pai.

Ele, na mocidade, havia se filiado a um sindicato e lá teria feito cursos de política. Leu alguns textos de Marx e Engels, um pouco de Lênin e muitos romances de J. P. Sartre. Essa leitura o fez ficar certo de que era ateu e materialista dialético.

No tempo da ditadura no Brasil esteve preso, mas foi logo solto.

Estou contando esta brevíssima história sobre meu pai para que fique justificado o motivo de seu ceticismo quanto às convicções de D. Eulália.

CAPÍTULO III

D. Eulália tinha razão

Passaram-se alguns dias sem que nos acontecesse coisa alguma digna de nota.

Uma noite, porém, em que estávamos vendo televisão na sala, Cristina apareceu muito assustada.

— Cristina, o que aconteceu? perguntou minha mãe.

— Não consigo dormir.

— Por que não consegue dormir, minha filha?

— Por causa do barulho.

— De que barulho você está falando?

— Um barulho no telhado. Parece que tem gente andando no sótão e fazendo toc... toc. toc.

— Está bem, vamos ver o que é, falou meu pai para tranquilizar minha irmã.

Subimos todos e fomos diretos ao quarto dela, a luz estava acesa, conforme ela havia deixado e o quarto vazio e silencioso. Meu pai disse à Cristina:

— Veja, minha filha, nada há aqui e nenhum barulho se ouve.

— Mas eu escutei um barulho muitas vezes e é no sótão e não dentro do quarto.

— A impressão que eu tive era de que alguém estava andando lá em cima.

— Devem ser ratos ou mesmo uma família de gambás por aqui tem uma fartura desses bichos. Vamos fazer o seguinte: amanhã bem cedo, antes de ir para o trabalho, eu ligo para o seu Joaquim, peço a ele para vir aqui e dar uma boa olhada lá encima. Vamos, deite-se, fique quietinha que você logo pega no sono.

— Está bem pai. Eu vou tentar dormir.

— Vai sim, vou pedir a sua mãe que fique aqui com você até que durma. Certo?

— Certo, pai.

Assim foi feito, mamãe ficou no quarto de minha irmã até que ela dormisse.

Aquela noite transcorreu calma sem que nada de sobrenatural acontecesse. Ao sair para o trabalho, papai ligou para o seu Joaquim e pediu que ele fosse lá em casa dar uma boa olhada no sótão para ver se havia algum ninho de ratos ou de qualquer outro bicho. O homem veio, vasculhou tudo e nada encontrou que justificasse o barulho que minha irmã ouvira. Na ocasião, eu também subi ao sótão e, de fato, nada havia lá exceto algumas ferramentas velhas e uma Enciclopédia Britânica em inglês, mas incompleta. Quando meu pai soube que nada havia no sótão, limitou-se a dizer que a Cristina tinha sonhado com o barulho e confundido o sonho com a realidade. As crianças assim como os povos primitivos costumam confundir seus sonhos com a realidade. Falou meu pai do alto de sua sabedoria. O segundo fato preocupante se deu com a minha irmã mais velha.

Aconteceu em uma quinta-feira à noite, mais ou menos às 22 horas.

Ana Júlia estava estudando em seu quarto, pois no dia seguinte seria prova mensal em sua escola. A casa estava em silêncio. Papai já havia chegado e estava tomando banho para jantar. Cristina adormecera no quarto de cima e eu estava vendo televisão na sala. Ouvi, então, um grito apavorado que vinha do quarto de Ana Júlia. Corri para lá, abri a porta e vi minha irmã sentada sobre a cama com os olhos esbugalhados. Os livros e cadernos estavam caídos no chão.

Logo depois, chegou mamãe. Minha irmã parecia estar em estado de choque.

Chamei-a pelo nome, sacudia-a pelos ombros. Então, ela me abraçou, chorando muito e exclamando:

— Foi horrível! Foi horrível!

— O que foi horrível, Aninha? perguntei a ela.

— A mulher! A mulher!

— Que mulher? perguntei.

— A que esteve aqui.

— Aqui não entrou pessoa alguma, Ana. Se houvesse entrado alguém, teria passado pela porta e eu teria visto, tentei explicar.

— Mas eu vi. Era uma mulher alta com um vestido comprido.

— Ela chegou bem perto de mim, mas quando gritei ela sumiu.

— Ana, minha filha, acalme-se, disse mamãe, procurando tranquilizar Ana Júlia.

Nesse momento, meu pai entrou no quarto, perguntando, preocupado:

— O que está acontecendo, Rosa?

— Eu não sei. Nossa filha deu um grito e viemos aqui para ver o que havia acontecido, encontrei-a assim, nesse estado de nervos.

— E ela disse o que aconteceu? interrogou meu pai.

— Disse que viu uma mulher dentro do quarto dela.

— Que coisa esquisita! Como uma mulher entrou em nossa casa e vocês não viram?

— Este é o problema, Augusto porque aqui não entrou pessoa alguma, respondeu minha mãe.

Enquanto meu pai falava com minha mãe, Ana Júlia foi se recompondo. Mamãe foi até a cozinha e buscou para ela um chá de erva-cidreira. Ela bebeu aos goles compassados. Quando ela conseguiu falar, nos contou com detalhes o que havia acontecido. Disse que estava estudando, ficou cansada e se recostou um pouco. Estava de olhos fechados, mas inteiramente consciente quando ouviu um respirar de leve. Teve a certeza íntima de que não estava sozinha. Abriu os olhos e viu, de pé, olhando, para ela, uma mulher ainda jovem, alta, de cabelos compridos, porém com o rosto muito pálido como se não tivesse no corpo uma gota de sangue. No momento em que ela gritou, a senhora misteriosamente desapareceu. Meu pai buscou racionalizar a visão de minha irmã:

- Minha filha, você estava acordada mesmo?
- Estava. Tenho certeza, respondeu minha irmã enfaticamente.
- Você pode estar enganada, filha. Pode ter sido um pesadelo, argumentou meu pai.
- Até pode ser, mas estou certa de que não foi.

Depois que Ana Júlia falou de sua experiência, acalmou-se, mas não quis dormir no quarto dela de forma alguma. Naquela noite ela dormiu no sofá da sala. No dia seguinte, na hora do café, mamãe puxou o assunto da noite anterior e nos contou a conversa que tivera com D. Eulália. Quando ela acabou de falar, Ana Júlia tomou a palavra:

- Pai, não quero mais ficar nesta casa. Estou com medo.
- Calma, Aninha, não há motivo para tomarmos atitudes apressadas e radicais.
- Custamos muito a conseguir esta casa, curtimos tanto o nosso novo lar.
- Não tem sentido sairmos daqui correndo ante a primeira dificuldade.
- Filha, obstáculos acontecem para serem superados.
- Eu sei, pai, mas esta casa é assombrada. O senhor sabe muito bem o que D. Eulália contou para a mamãe.
- Filha, isso são estórias. Contos fantásticos iguais a esses filmes que a televisão passa para conquistar a audiência de gente que adora narrativas de terror.
- E a mulher que eu vi?
- A mulher que você imagina que viu. Dá um tempo, filha, não vamos nos deixar influenciar por estas coisas.
- Pai, não quero ver aquela mulher horrível novamente.

Meu pai levantou-se da mesa, beijou a cabeça de minha irmã e falou carinhosamente:

- Filhinha, se você não quiser vê-la mais, não verá. Você não sabe o poder da nossa imaginação. O medo produz fantasmas onde eles não existem.
- Seja corajosa, esqueça isso e você verá que essas coisas passam.
- Vou-lhe contar um caso que exemplificará o que estou dizendo.
- Lá em Marechal Hermes, perto da Rua Sirici, existe um prédio antigo que por sua forma se chama palacete. Dizem que foi o Marechal Hermes quem o mandou

construir. Você já ouviu falar nele?

— Não só ouvi falar como já o vi. Fica num altinho não é?

— Isso mesmo. O pessoal de lá dizia que o palacete era assombrado, por isso, à noite, embora se pudesse cortar caminho por lá para a estação de trem, as pessoas evitavam e faziam um trajeto maior, porém, menos assustador.

— Naquele tempo, eu morava na Rua Igaratá e costumava cortar caminho pelo palacete para pegar o trem. Um dia, um amigo meu e meu vizinho, por nome Almir, veio da estação à noite e tomou o atalho do palacete. Era uma noite de lua cheia e ele não era dos mais corajosos. Quando ele chegou bem em frente ao Palacete, viu um vulto branco e enorme avançando contra ele, o pobre saiu em desabalada carreira só parando no portão de sua casa onde estava o Aderaldo, seu tio, um sujeito que não tinha medo de nada. O Almir contou para ele o que havia acontecido e o homem foi lá ver o tal fantasma. Chamou o sobrinho, mas não houve força neste mundo que o convencesse a voltar ao palacete.

O Aderaldo decidiu ir sozinho e quando chegou ao lugar, onde o fantasma foi visto, viu pelo chão alguns panos brancos. Examinou-os e percebeu que eram lençóis. Um pouco mais à frente, estava um cavalo. Juntando coisa com coisa, ele descobriu que o cavalo, solto à noite, passou por um varal da casa ao lado onde alguém havia esquecido uns lençóis de um dia para o outro.

Quando o animal passou por baixo do varal se enrolou neles e assustado saiu correndo, exatamente na hora em que o Almir passava. Esse era o fantasma que o meu amigo havia visto. É claro que ele não acreditou na explicação do Aderaldo, preferiu manter o fantástico que era algo muito mais interessante para ser contado do que falar sobre o medo sentido por causa de um cavalo coberto por lençóis. Entendeu, minha filha? O medo faz das suas. Você irá me prometer que não vai pensar mais nisso, ou que pelo menos, se esforçará.

— Está bem, pai, eu prometo.

Aquele dia se passou normalmente. Minha mãe teve vontade de contar para D. Eulália o que nos havia acontecido; porém, desistiu porque não havia gostado muito da loquacidade da vizinha. Minha mãe era uma pessoa muito discreta, falava pouco e não gostava de expor nossa vida para os outros.

Talvez, por isso, tivesse muito poucas amigas. Na tarde daquele dia, quando voltamos do colégio, Cristina perguntou a mamãe:

— Mãe, sabe o que aconteceu?

— Como eu vou saber se você não me disse? falou minha mãe sorrindo.

— A minha boneca, disse Cristina.

— O que houve com a sua boneca? quis saber minha mãe.

— Ela sumiu. Eu sempre colocava ela junto do meu ursinho, no chão, do lado da cama, mas esta manhã procurei e ela não estava no lugar de sempre.

— Você procurou bem.

— Não muito bem porque estava na hora de ir para a escola.

— Então, vá para o seu quarto e procure com mais atenção.

Cristina seguiu a sugestão de nossa mãe e me pediu para ajudá-la a procurar a boneca perdida. Subimos, fomos até o quarto dela e começamos a pesquisar.

— Cristina, onde você disse que colocou a boneca? perguntei.

— Aqui perto da cama, nessa caixa de papelão onde guardo o meu ursinho.

— Estou vendo a caixa, mas nela só está o ursinho.

— Claro que a boneca não está na caixa. Já não disse que ela sumiu.

— Você não olhou embaixo da cama, olhou?

— Claro que não. Eu vou procurar a minha boneca em um lugar onde eu não coloquei.

— Então eu vou olhar.

— Problema seu.

— Não fique irritada senão eu não ajudo mais.

— Desculpe.

— Tudo bem. Eu vou dar uma olhadinha também no armário.

Procurei sob a cama, olhei no armário gaveta por gaveta e nada da boneca.

Ela havia desaparecido mesmo. Quando minha irmã se deu por vencida, fez um muxoxo e pareceu se conformar. Esse fato ocorreu em uma terça-feira.

Na quinta-feira, Cristina entrou correndo na cozinha e falou para minha mãe:

— Mãe, achei a minha boneca.

— Achou? Onde é que ela estava?

— A senhora nem imagina.

— Não imagino mesmo. Onde estava?

— No jardim. Por trás do registro de água. Está toda molhada e suja.

— Mas como esta boneca foi parar lá?

— Não sei.

— Filha, você não foi brincar com ela no jardim e a esqueceu lá?.

— Não, mãe, tenho certeza de que não fiz isso.

Dois dias depois do caso da boneca, nós estávamos dormindo quando ouvimos um gato miando alto. Ficamos preocupados porque não tínhamos gato nem cachorro.

O miado era tão alto que meu pai se levantou para ver de onde vinha, e foi seguindo o miado até chegar ao banheiro. Papai abriu a porta e lá dentro da banheira, todo molhado, estava um gato preto.

Papai nos chamou e perguntou quem havia apanhado aquele gato e escondido no banheiro. Todos nos respondemos que jamais havíamos visto aquele animal.

Meu pai disse que desejava saber como o bicho havia entrado no banheiro, pois a única janela existente estava bem fechada. O gato foi posto para fora, e aquele mistério ficou tão sem resposta como caso da boneca de minha irmã.

Na noite seguinte, depois do jantar, papai no reuniu à mesa e, assumindo um tom didático, nos falou:

Estão acontecendo, nesta casa, fatos estranhos, mas dizer que um fato é estranho,

não é dizer que ele seja sobrenatural. A gente costuma chamar de estranho as coisas para as quais não temos explicação natural. Isso significa que a causa do fenômeno desconhecida, mas tem de ser material.

— Sempre será material esta causa, pai, interroguei com interesse.

— Sim. Isso, para mim, é pacífico.

— E por quê? insisti com ele.

— Simples, meu filho: o sobrenatural não existe. Tudo o que existe é necessariamente natural.

— Você não está sendo muito radical, pai? Há muitas coisas para as quais ainda não existem explicação natural, argumentou Ana Júlia.

— Disse-o bem, filha, ainda não existe explicação, entretanto, ela virá com o tempo. Muitas coisas que no passado foram vistas como milagres, hoje são naturais. Pessoal, quero dizer uma coisa a vocês. Todos nós, durante muitos anos, sonhamos com uma casa igual a esta e agora que conseguimos não podemos abrir mão dela facilmente.

— Sim, Augusto, você tem razão, disse nossa mãe, falando por todos nós.

— Então, vamos ficar firmes aqui. Não podemos ser expulsos desta casa seja por que motivo for.

Mamãe segurou a mão de nosso pai e deu três tapinhas sobre ela como se quisesse dizer: "conte comigo, estou com você." Depois, falou-nos em apoio a nosso pai:

— Acho que seu pai está certo. Vamos dominar os nossos temores, pôr um freio em nossa imaginação, e isso por um motivo muito simples: não vamos encontrar, em lugar algum, uma casa como esta. Seu pai colocou nela todas as suas economias, assim, não temos, em pouco tempo, condições para comprar outra.

Vamos nos encher de força e de fé em Deus, pedindo a ele proteção para a nossa família. Certa vez ouvi alguém dizer: "Eu sozinho sou nada, mas com Deus sou maioria." Nós estamos com Deus e isso tudo vai passar, meus filhos.

Nós ficamos emocionados e prometemos a nossos pais que faríamos o melhor de nós mesmos para evitar que o nosso medo virasse pânico e a vida naquela casa se tornasse insuportável.

Confesso que a conversa que tivemos com nossos pais nos tocou.

De certo modo, parece que a nossa mudança de atitude funcionou, porque durante alguns dias não tivemos problema, até que em uma conversa entre meu pai e minha mãe, que ficamos sabendo mais tarde, trouxe um novo dado ao nosso problema. A conversa a que me refiro foi a seguinte: em uma tarde de domingo, meu pai chamou minha mãe para uma conversa particular e lhe disse:

— Rosa, preciso pedir desculpas a você.

— Desculpas! Por que Augusto?

— Deixe-me explicar. Na semana passada, quando cheguei aqui, vi um homem, de terno branco e chapéu na cabeça, em pé no portão de nossa casa, olhando para dentro.

— E quem era ele?

— Não sei por que assim que ele me viu, escafedeu-se. Lembra aquele dia em que lhe perguntei se havíamos recebido visita e você disse que não.

— Sim, eu me lembro.

— Isso aconteceu mais de uma vez. Aí eu me perguntei: quem era aquele homem?

— O que ele fazia na porta de minha casa? Foi aí que me bateu a suspeita de que ele estivesse no portão de nossa casa interessado em alguém que mora aqui.

— Espera aí, Augusto, será que você está pensando?...

— O que você queria que eu pensasse, vendo, por três vezes, um homem estranho observando a nossa casa.

— Augusto, não estou reconhecendo você.

— Mas é exatamente por isso que comecei esta conversa lhe pedindo desculpas.

— Chega, Augusto, seja claro. Não vou aceitar a sua suspeita.

— Calma, Rosa, deixe-me explicar. Na terceira noite, resolvi que iria desvendar o mistério custe o que custasse. Um dia desses, vim pela rua ao lado para pegar o sujeito por trás. Cauteloso, estacionei o carro, saí devagar fui caminhando pé ante pé, evitando fazer barulho. Para minha surpresa, nesse dia, ele estava do lado de dentro, quase embaixo de nossa janela. Fiquei furioso, contudo, tentei manter a calma. Aproximei-me dele quase a ponto de tocá-lo. Saltei então sobre ele, mas ele fugiu.

— Fugiu? Como?

— Entrou em nossa casa, porém, sem passar pela porta.

— Passou por onde?

— Pela parede, por dentro da parede.

— Não pode ser, Augusto!

— Isso não posso negar. Você sabe que não acredito nessas coisas, mas desta vez, não posso ir contra o testemunho dos meus sentidos. Rosa, aquilo que vi não pode ser deste mundo.

— Meu Deus! Mas você mesmo diz que não existem fantasmas que tudo é produto de nossa imaginação.

— Já não estou tão certo. Desta vez, aconteceu comigo. Ainda estou muito assustado e não sei o que fazer.

— Augusto, tenho refletido muito sobre essas coisas todas que nos tem acontecido. Acho que precisamos de ajuda.

— Ajuda de quem?

— Pensei em meu irmão, Abílio. Como você sabe, ele é espírita.

— Rosa, não gostaria de que a gente se envolvesse nessa história de Espiritismo.

— Isso é pura superstição. Superstição por superstição, prefiro chamar um padre para benzer a casa.

— Não vejo o Espiritismo do mesmo modo que você, entretanto, respeito a sua opinião. Se você prefere buscar ajuda de um padre, tudo bem.

— Nesse momento toda ajuda é bem vinda.

— Não leve a mal o que disse. Nada tenho contra o seu irmão.

— A minha restrição é com respeito à religião dele. Outra coisa, por enquanto não vamos falar sobre esta conversa com nossos filhos.

— Está certo.

O fato de estarmos há muito pouco tempo no bairro, dificulta a nossa aproximação com o padre da igreja local. O problema foi resolvido com a ajuda de D. Eulália que nos levou à igreja na missa do domingo próximo e nos apresentou ao padre Eusébio que, depois do ofício religioso, nos recebeu na casa paroquial.

Foi meu pai quem expôs os fatos acontecidos em nossa casa. Quando ele acabou, o padre falou:

— Meus amigos, os casos que acabaram de narrar não são incomuns nesta paróquia e em outras onde já trabalhei. A maioria deles, porém, são produtos de alucinações, imaginação exaltada, fantasias do inconsciente e coisas assim.

— Eu sei, padre Euzébio, mas se houver mesmo algo de sobrenatural em nossa casa? quis saber minha mãe.

— Minha senhora, existem espíritos que se manifestam em diversos lugares, mas eles são demônios.

— E o que se pode fazer, padre, se em nossa casa houver demônios?

— Não é possível exorcizá-los? voltou a perguntar minha mãe.

— Sim. O exorcismo muitas vezes é uma tentativa de solucionar estes casos.

— Então seria possível fazer um exorcismo em nossa casa? questionou meu pai.

O padre ajeitou-se melhor na cadeira, tirou os óculos e com a ponta do lenço limpou as lentes vagarosamente. Com aquela atitude me pareceu que ele estava precisando ganhar tempo. Por fim, respondeu:

— Senhor Augusto, a Igreja é muito cautelosa nesses casos.

— Não basta que uma pessoa procure um padre e lhe conte histórias sobrenaturais para que a Igreja determine um exorcismo. A Igreja só permite o ritual depois de exaustiva e escrupulosa investigação dos fatos.

— Devo entender que não podemos contar com a sua ajuda? interrogou meu pai.

— Não é bem isso, porque existe algo que eu possa fazer, embora não seja um exorcismo.

— E o que é? perguntou minha mãe.

— Se vocês concordarem, posso ir à casa de vocês, fazer umas preces e benzer o lugar. Em muitos casos, o resultado tem sido bom.

— O senhor faria isso? indagou meu pai.

— Sim, desde que concordem.

— Claro que concordamos, afirmou minha mãe.

Naquela semana mesmo, o padre Eusébio, à tardinha, foi lá em casa, levando uma Bíblia e um pouco de água-benta em uma garrafinha. Ele disse que iria fazer um ritual e pediu que o ajudássemos concentrando o nosso pensamento em Deus e nos

santos benditos. Quem soubesse rezar, que o fizesse porque isso ajudaria muito.

— Por onde devemos começar a benzer? interrogou o padre.

— Não sei, disse meu pai, talvez devêssemos começar pelo quarto de nossa filha Cristina onde se deu o primeiro fenômeno.

— Muito bem. Começemos por lá.

Subimos todos e entramos no quarto de Cristina. O padre fez uma prece em voz alta e começou a jogar água-benta nos cantos do cômodo. Feita esta parte, pegou a Bíblia e começou a ler uma passagem do *Evangelho segundo São Mateus*: “Quando o espírito impuro sai do homem, perambula por lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontra. Então diz, voltarei para a minha casa de onde saí.

Chegando lá a encontra desocupada, varrida e arrumada.

Diante disto, vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele e aí vêm habitar. E com isso, a condição final daquele homem torna-se pior que antes.

Eis o que vai acontecer a esta geração má”.

Mal o padre havia terminado a leitura, um vento frio invadiu o quarto, acompanhado de um cheiro nauseante. O padre pediu que continuássemos a rezar sem perder a fé. Então, como se uma força invisível ali estivesse, arremessou o padre Euzébio contra a parede, a Bíblia caiu no chão e fora deslocada para debaixo da cama, como se houvesse levado um chute. Ana Júlia e Cristina apavoradas deixaram o quarto correndo. No chão, em voz alta, o padre Euzébio exclamou: Meus Deus! O que é isso? No mesmo momento, uma voz masculina e grave soou no quarto: "Saíam daqui! Esta casa é minha." Depois da voz misteriosa ter dito essas palavras, tudo voltou ao normal. O padre Euzébio estava nervoso.

As mãos tremiam ao tirar a Bíblia de onde ela foi parar.

— Vamos descer, disse ele, e nós descemos.

Lá embaixo, o padre ainda bastante nervoso e abatido nos falou:

— Vocês ouviram?

— Ouviram o quê, padre?

— Aquela voz.

— Sim. Ouvimos. O que era aquilo, padre? interrogou meu pai.

— Eu não sei.

— E o que vamos fazer agora? disse minha mãe com voz trêmula.

— Minha senhora, confesso que não sou especialista em matéria de exorcismos.

— O que fiz em sua casa foi um ritual simples. O que aconteceu não sei explicar.

— Diga-me, padre, aquela voz poderia ser do demônio? indagou minha mãe.

— Não tenho certeza, mas tudo é possível.

— Padre, é preciso fazer algo, insistiu mamãe.

— Bem. Acho que o melhor a fazer seria eu me aconselhar com o Senhor Bispo.

— Ele pode avaliar essas coisas com muito mais competência que eu e se ele achar que é caso de exorcismo, ele mesmo indicará um especialista.

— Isso vai demorar, padre? pergunto minha mãe.

- Pode demorar um pouco.
- Quanto tempo? questionou meu pai.
- Não sei. Talvez alguns meses.
- Meses! Não podemos esperar tanto tempo assim, objetou nossa mãe.
- Essas coisas demoram, minha Senhora.

O padre, que parecia estar incomodado em nossa casa, pediu licença, despediu-se de nós e prometeu que voltaria para nos contar o resultado de sua conversa com o bispo. Depois que ele saiu, ficamos na sala, tensos e sem saber o que fazer.

Minha mãe, que parecia a pessoa mais interessada em resolver o problema, virou-se para meu pai e falou:

- Augusto, hoje as coisas foram longe demais. O padre saiu daqui apavorado.
- Mãe, não quero mais morar aqui, falou minha irmã mais nova com voz chorosa.
- Eu também não quero mais ficar aqui, Ana Júlia fez coro com a irmã.
- Meninas, nós vamos conseguir outra casa no menor tempo possível, disse meu pai, consolando as filhas.

Papai parecia desanimado. Tinha a cabeça baixa, os ombros caídos.

Durante muitos anos ele havia se esforçado para conseguir uma casa para nós.

De repente, aquilo que era um sonho, convertera-se em pesadelo.

Minha mãe, percebendo o estado de meu pai disse a ele:

- Augusto, tenha calma. Deve haver uma saída. Olhe, antes de tomar qualquer medida apressada, vamos pedir ajuda ao meu irmão Abílio. O que você acha?
- Eu não acho mais nada. O que você fizer estará bem feito.
- Tudo bem. Vou ligar para ele e pedir que venha a nossa casa sábado agora.
- De acordo com o que ele disser, nós tomaremos uma decisão. Confio no Abílio.
- Ele é professor universitário, tem doutorado em Literatura, já escreveu alguns livros, faz conferências espíritas e não-espíritas, portanto não é uma pessoa qualquer. Só de Espiritismo ele tem mais de vinte anos.

Concordamos com a mamãe, e ficou acertado também que dormiríamos em um quarto único, o maior da casa, pois nenhum de nós, depois do caso do padre, estava com coragem de dormir sozinho.

CAPÍTULO IV

A visita do tio Abílio

Meu tio tinha um compromisso no sábado, creio que era uma palestra em um Centro Espírita de Nova Iguaçu, mas prometeu a mamãe que viria no domingo pela manhã. Assim, no dia marcado às dez horas, ele e tia Hortência chegaram lá em casa. Meus tios não correspondiam a ideia que eu fazia deles, e essa forma de vê-los se devia ao fato de minha avó materna, depois de se tornar evangélica, considerar os espíritas, como servidores de Satanás na Terra, inclusive o próprio filho.

Além disso, os filmes americanos colocavam estereotipadamente os médiuns como

vigaristas e embusteiros, que usam turbantes e se ocupam em olhar bolas de cristal a fim de invocar o espírito dos mortos em troca de muito dinheiro.

Minha imaginação trabalhou ainda mais negativamente quando soube que a tia Hortência era médium, palavra que vovó até mesmo evitava pronunciar.

As raras vezes que tio Abílio foi lá em casa eu dava uma desculpa e saía.

Naquele domingo, entretanto, eu estava realmente interessado no que iria acontecer e pude examinar com mais cuidado os meus tios e nada notei neles de anormal. Ele era um homem simpático, afável e bem educado.

Usava uma calça jeans de marca, um tênis moderno, camisa azul de seda com mangas compridas. Ela vestia-se com elegância e bom gosto. Era discreta ao falar e econômica nos gestos.

Depois do tradicional cafezinho com bolo de aipim com coco, que era o preferido do meu tio, mostramos às nossas visitas a casa nova. Meu tio fez alguns comentários despreziosos sobre a arquitetura de nossa casa e o fato de o arquiteto ter se inspirado na época vitoriana. Por fim, nos reunimo na sala e mamãe entrou direto no assunto:

— Abílio, vou direto ao assunto. Nós estamos com um problema que eu acho ser você a melhor pessoa para nos ajudar, ou pelo menos aconselhar sobre o que está acontecendo aqui.

— Qual é o problema, Rosa?

— Esta casa parece estar infestada de espíritos!

— Espíritos? Rosa, por favor, descreva detalhadamente o que está acontecendo. Minha mãe fez um relato minucioso dos últimos acontecimentos, inclusive o testemunho de D. Eulália.

Meu tio pontilhou a narrativa de minha mãe com perguntas diversas.

Quando ela terminou, houve um silêncio que foi quebrado por ele:

— Para que vocês entendam com clareza o que está acontecendo nesta casa, preciso fazer algumas considerações sobre a morte e a vida pós-morte.

— Em primeiro lugar, segundo a doutrina que professo, não existe céu, inferno, purgatório e limbo conforme prega o Catolicismo e outras religiões.

— E para onde vão as pessoas depois da morte? perguntei a ele.

— Alvinho, algumas almas desencarnadas continuam presas à Terra conforme os seus interesses quando encarnadas. O jogador vai para os cassinos; o alcoólatra volta a frequentar os bares; os espíritos sexólatras vão para os "inferninhos", lugares de prostituição e similares.

— Nesses ambientes esses espíritos desencarnados, mas ainda submetidos às paixões materiais, buscam satisfazer suas emoções e desejos primários.

— Muitos ficam presos a certos lugares como velhos castelos, cemitérios e casas chamadas assombradas, pode ser que seja isso que esteja acontecendo aqui.

— Esta situação espiritual dura para sempre? interroguei.

— Não. Os Espíritos superiores, quando o espírito sofredor solicita ajuda, vêm em

auxílio desses irmãos para levá-los a lugares de ajuda como é o caso de Nosso Lar.

— Nosso Lar? Que lugar é esse? perguntou meu pai.

— É uma colônia espiritual de transição que cuida de espíritos retirados do Umbral.

— Umbral é outra palavra cujo sentido desconheço, comentou meu pai.

— Umbral, como o nome indica, é uma regia sombria e triste onde os espíritos desencarnados pouco esclarecidos passam uma temporada. Olhe Augusto, há um livro do espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, com este título que aclara todas essas coisas. Qualquer dia desses vou trazê-lo para você.

— Você quer?

— Sim. Gostaria de lê-lo.

— Por quanto tempo um espírito fica em um colônia dessas, Abílio? perguntou minha mãe.

— Depende do progresso que ele fizer e da necessidade mais ou menos urgente de reencarnar.

— Tio, todos nós passamos obrigatoriamente pelo Umbral? perguntou Ana Júlia.

— Não minha filha. Isso depende do grau evolutivo de cada espírito.

— Há aqueles de certa evolução que, depois de desencarnados, se liberam da Terra e ascendem a planos mais altos. Há também os que continuam na Terra, andando pelas ruas, visitando suas casas, frequentando os lugares de que gostavam quando encarnados; são os que se encontram fortemente ligados a valores materiais.

— Muitos desses nem mesmo sabem da própria morte.

— Pessoas que morrem e não sabem da própria morte? Como isso é possível? questionou meu pai que parecia muito interessado na explicação do tio Abílio.

— Isso se dá porque cada um de nós possui mais um corpo, o de natureza fluídica e que foi denominado, por Allan Kardec, de perispírito. O corpo de carne é uma cópia fiel dele e tudo que há no segundo, existe também no primeiro.

— Desencarnado, o espírito perde o corpo material, mas não o perispírito e, assim, embora morto, sente-se como se vivo estivesse, respirando, emocionando-se, vendo e ouvindo, por isso, confuso quanto ao seu estado, não sabe que morreu.

— Esse perispírito pode ser visto por nós? questionou meu pai.

— Não por todos. As pessoas que veem espíritos são chamados de médiuns videntes, embora haja uma situação especial em que todos podem ver um espírito.

— Que situação é esta? perguntei.

— Todos podem ver espírito se ele estiver materializado ou com um corpo ectoplasmático.

— Corpo ectoplasmático! O que é isso? perguntou meu pai.

— É um corpo formado por ectoplasma. E esta palavra foi criada em 1903, em Argel, por Charles Richet, um grande metapsiquista francês, que, naquela oportunidade, estava estudando fenômenos de materialização produzidos pela médium Eva Carrière.

— Para encurtarmos o nosso caminho, devo lhe dizer que o ectoplasma é uma substância fluídica de aparência diáfana e sutil que flui, através de determinadas cavidades, do corpo do médium. Os espíritos valendo-se desta substância plasmam para si corpo ectoplasmáticos (feitos com o ectoplasma).

— Tais corpos não raro apresentam uma grande semelhança com os de carne.

— A propósito. Você gosta de ler?

— Muito.

— Então sugiro que leia um livro chamado **Materializações luminosas**, de Rafael Ranier ou **Trabalho dos mortos**, de Nogueira de Farias e principalmente, um livro de William Crooks de pesquisa sobre os fenômenos espíritas.

— Essa obra foi publicada no Brasil, se não me engano, com o título de **Fatos espíritas**.

— Esses livros são fáceis de serem encontrados?

Sim. Os que estão esgotados podem ser achados em sebos de livros espíritas.

— Augusto, este assunto é muito rico, complexo e vasto, entretanto, agora o que devemos tratar é das aparições desta casa, porque, para isso, fui chamado aqui.

— Não é verdade?

— Sim, Abílio, respondeu minha mãe.

— Vamos então objetivar este assunto. Segundo o que me foi relatado, aqui existem espíritos que, por razão desconhecida, vivem aqui. A nossa tarefa é afastá-los desta casa e, com isso, os fenômenos cessarão.

— E como podemos tirar de nossa casa esses intrusos? falou nossa mãe.

— Nós precisamos entrar em contato com eles para doutriná-los.

— O que é doutrinar um espírito? interrogou Ana Júlia.

— A prática consiste em dialogarmos com ele a fim de conscientizá-los em relação à sua real situação, mostrando-lhe a impropriedade moral de sua conduta.

— Como o senhor pode conversar com um espírito? perguntou Ana Júlia.

— Isso é feito através de um médium, ou seja, de uma pessoa que possui a faculdade de intermediar os contatos entre o plano espiritual e o encarnado.

— O espírito se comunica conosco por meio dela.

— Abílio, quando vamos fazer a primeira sessão? quis saber minha mãe.

— Existe um pequeno problema. Não é aconselhável que se faça esse tipo de sessão em uma casa de família?

— Porque não é? tornou a perguntar minha mãe.

— Porque essas casas não são lugares adequados. Nelas o que se pode fazer é apenas o chamado culto Cristão no Lar.

— Como é este culto? perguntou Ana Júlia.

— É feito sempre no mesmo dia da semana. Nele se faz uma prece de abertura e a leitura de um trecho de uma obra espírita. Em seguida, conversamos sobre o texto lido. O encerramento também é feito com uma prece, chamada prece de encerra-

mento. Durante o culto não deve haver manifestações de espíritos guias ou sofredores.

— Então como faremos a limpeza desta casa? interrogou meu pai.

— Vocês terão que ir ao centro que eu frequento, aqui bem perto, no Largo do Tanque, onde o trabalho poderá ser feito com toda a segurança.

— Vocês estão dispostos a ir?

— Sem dúvida que vamos, não é, meu querido? disse a minha mãe virando-se para meu pai.

— Sem dúvida, falou meu pai um pouco incomodado.

— Ah! Há outra coisa. As reuniões serão feitas à noite, entre as 20 e 22 horas, todas as quartas-feiras. Não serão naturalmente reuniões públicas.

— Delas participarão, além do presidente do centro, o Dr. Ramalho, eu, minha esposa, os médiuns da casa e vocês que são a parte mais interessada nesta questão.

— As crianças não participarão, porque em nada acrescenta a presença delas, além de ser um sacrifício para elas.

— Não se preocupe Abílio, vou pedir a nossa vizinha Eulália para que fique com elas. Um dia só, não acredito que ela se negue.

— E eu, tio, posso assistir. Tenho muito interesse. Gostaria até de gravar as sessões se for possível.

— Álvaro, você já é um rapazinho e parece tão interessado que a sua participação não nos trará nenhuma dificuldade. Quanto à gravação, não vejo em que poderá prejudicar os trabalhos.

— Então está tudo certo, disse minha mãe muito satisfeita.

— Sim. Mais do que certo. Confirmou meu tio. Falta apenas falar com o presidente do centro e ele nos dar sinal verde.

Deixando a nossa casa, o tio Abílio foi conversar com o Dr. Ramalho, que era presidente do Centro Espírita Ernesto Bozzano, e contou a ele a natureza de nosso problema, pedindo a sua ajuda. Dr. Ramalho acolheu muito bem o pedido de meu tio e a nossa ida ao centro foi marcada para a quarta-feira seguinte.

CAPÍTULO V

A primeira sessão

De posse do endereço do Centro Ernesto Bozzano, na quarta-feira, às 18 horas, meu pai, minha mãe e eu, entramos no carro rumo à rua das Flores uma pequena rua sem saída onde ficava o centro. De fato, como o meu tio dissera, o lugar não era muito longe de nossa casa. Quando chegamos, estavam lá o Dr. Raul Ramalho, a esposa dele D. Otília e mais dois médiuns, um de incorporação, o senhor Paulo Medeiros e a senhorita Julieta Marins de Campos que psicografava.

Assim, que chegamos, fomos apresentados ao Dr. Ramalho, que nos disse:

— Estamos muito felizes em recebê-los em nossa casa. Esperamos que encontrem aqui aquilo que vieram buscar. Nossa casa não é muito grande.

— Foi fundada, em 1928, por um engenheiro chamado Ernesto Ramalho que, não por acaso, era meu avô. Vamos aproveitar o tempinho que temos ainda para mostrarmos a vocês o centro.

Saímos com o Dr. Ramalho e ele foi nos mostrando as diversas salas que compunham a casa.

— Este é o salão, começou ele, onde fazemos as nossas conferências e algumas atividades artísticas. Esta segunda sala é onde realizamos os nossos trabalhos mediúnicos. No momento, estamos em obras para construir um segundo andar e assim que ele estiver pronto, passaremos esta sala lá para cima. Esta outra aqui é onde os jovens se reúnem para estudar a doutrina e esta ao lado é dedicada à evangelização. Ainda há uma onde guardamos os alimentos para os nossos assistidos, mas agora está fechada e a chave não está comigo. É este o nosso local de trabalho. Como eu disse, não é muito grande, mas estamos trabalhando para aumentá-lo.

— Muito bom, disse meu pai que jamais havia entrado em um centro espírita em toda a sua vida.

O Dr. Ramalho olhou para o relógio e nos convidou para irmos para a sala dos trabalhos mediúnicos. Logo que entrei, percebi que mais dois médios haviam chegado: o professor Aluizio Menezes médium de psicofonia e Maria Augusta Vianna médium de efeitos físicos.

Sentamos todos em uma grande mesa que possuía lugar para 12 pessoas. Sobre ela, havia livros da Codificação, um de André Luiz, Sinal verde e um de Emmanuel, com o título **Seara dos médiuns**. Depois que nos acomodamos, foi lida uma mensagem do livro de André Luiz e logo em seguida o Dr. Ramalho fez uma prece:

"Jesus, bom e amado mestre. Aqui se encontra um grupo de irmãos deseioso de prestar ajuda a esta família que veio nos procurar em busca de ajuda. Nós, porém, somos muito pequenos e pedimos, por isso, a sua ajuda. Jesus, envia até nós os bons espíritos e principalmente aqueles que têm por tarefa auxiliar a nossa reunião. Ampara o nosso desejo de crescimento e que esta reunião possa transcorrer em paz e com grande proveito para todos nós. Assim seja." Depois dessa prece, o Dr. Ramalho, que parecia ter muito respeito por meu tio, pediu a ele que atuasse como doutrinador uma vez que o pedido era dele. De repente, o médium que estava sentado ao meu lado, começou a respirar de maneira ofegante. Meu tio compreendeu que um espírito estava se comunicando através do médium. Com voz suave, mas enérgica, falou ao espírito recém-chegado:

— Meu querido irmão, a que devemos a sua visita?

O médium mudando a expressão facial e o tom normal de sua voz, falou:

— Epa! Vamos com calma. Em primeiro lugar não sou seu irmão e muito menos seu querido. Em segundo lugar, desejo saber o que estão fazendo na minha casa.

— Saio um pouquinho e, quando volto encontro cheia de gente. Como é que se entra assim na casa dos outros sem pedir? Estão pensando o quê.

— Meu irmão, você está enganado. Esta casa não é sua mais.

— Como não é? Pois eu não moro aqui?

— Você não mora aqui, meu irmão, por um simples motivo: para se ter uma casa é preciso estar encarnado e, você não está.

— Que papo é este de encarnado? Encarnado que eu sei é vermelho.

— Vamos facilitar: quando eu disse que você não está encarnado é o mesmo que dizer que você está morto.

— Estou morto? Esta é a maior patacoada que já ouvi. Eu, Ramiro Cobra-Verde, malandro da Lapa, amigo de Meia-Noite, Madame-Satã, Miguelzinho Camisa-Preta, morto! Eu estou aqui falando com você, como posso estar morto?

— Deixa de más-más, meu camarada.

— Meu irmão, pense um pouco. Você ignora o seu verdadeiro estado, ponderou meu tio.

— Ignoro uma pinoia! De que estado você está falando?

— O seu estado espiritual.

— Se você insistir com essa bobagem, vou me embora e deixo você falando sozinho.

— Não faça isso, Ramiro, será pior para você.

— Pior coisa nenhuma, nisto o espírito viu meu pai à mesa e disse:

— Não é o besta que queria me pegar um dia desses quando eu estava no portão de minha casa? Dei uma volta nele que ele ficou sem pai nem mãe.

Quando meu pai ouviu isso, segurou a mão de minha mãe, abaixou a cabeça como se não quisesse olhar para o médium ao seu lado. O tio Abílio retomou o diálogo com ele:

— Ramiro, por que você fez isso?

— Isso o quê?

— Isso que você fez com o senhor Augusto.

— O nome dele é Augusto? Eu nem sabia. Nada pessoal, foi uma brincadeira.

— Na verdade, no primeiro dia eu estava a fim de brincar, mas, nos outros, tive a ideia de fazê-lo pensar que eu era amante da mulher dele.

— Você acha isso certo, meu irmão?

— Nem certo nem errado. Acho divertido. Quer saber de uma coisa?

— Já estou chateado de toda esta baboseira. Vou-me embora. A Lapa me espera. Então, o médium estremeceu e voltou ao normal. Neste mesmo momento, chegou outro espírito. Este incorporou em uma das médiuns abriu a comunicação com uma breve saudação:

— Que a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja em vossos corações hoje e sempre. Aqui agora tem início uma tarefa que a Espiritualidad Maior nos confiou e que devemos levar a bom termo se desejamos colaborar com o Mundo Maior.

— Como se chama, minha irmã? pergunto tio Abílio.

— Para vocês, sou a irmã Letícia.

— Irmã, a senhora nos disse que há uma tarefa que está começando hoje na qual estaríamos envolvidos. Que tarefa é essa? continuou meu tio.

— Vou explicar: Na casa em que estão morando, estão alguns espíritos a ela relacionados como este que se manifestou, faz pouco tempo. São espíritos que, por razões diversas, estão presos psiquicamente a àquela casa, mas que precisam se libertar para dar continuidade a sua caminhada em direção aos Mundos Maiores. Um deles, que se encontra lá, é muito querido por mim, e, por isso, fui designada para auxiliar na chefia de uma equipe socorrista que visa levá-los de lá, para que possam se recompor na espiritualidade.

— E por que fomos convocados a auxiliar? quis saber meu tio.

— Em primeiro lugar, está sendo oferecida a vocês uma oportunidade muito boa de trabalho e elevação espiritual, não foi por simples acaso que compraram aquela casa. Maiores esclarecimentos hão de vir no prosseguimento de nosso trabalho.

— Será que poderei contar com vocês?

— Por certo, irmã Letícia, pode contar com nossa ajuda, embora ainda sejamos iniciantes neste tipo de trabalho. Temos apenas boa vontade, falou meu tio expressando o pensamento do grupo.

— Isso é muito bom. Estejam certos de que Jesus Cristo e os bons espíritos estarão ao nosso lado o tempo todo. Não tenham medo de iniciar este tipo de tarefa, pois é o trabalho a escada que nos leva a Mundos Maiores. Não tenham dúvidas de que o conhecimento intelectual é importante para o progresso dos espíritos, contudo é o trabalho pelo nosso próximo que nos impulsiona verdadeiramente para o alto.

— Por isso, frente ao trabalho fraterno, jamais se coloquem como incompetentes ou incapazes. Todos nós podemos auxiliar os nossos irmãos encarnados ou desencarnados.

A irmã Letícia parou de falar. Todos nós estávamos emocionados com as palavras dela, até mesmo meu pai, que sempre se mostrara avesso às coisas do espírito, parecia tocado de algum modo. Eu mesmo, apesar da pouca idade, tentei entender o que aquele espírito bondoso queria nos dizer com aquelas palavras de incentivo. Hoje, quando conto esse relato, alguns anos depois, imagino que aquele dia foi um dos mais importantes de minha vida, pois ele determinara o caminho que eu deveria seguir dali para frente.

CAPÍTULO VI

Ramiro volta a se comunicar

Na quarta-feira seguinte, Ramiro voltou a se comunicar. Estava um pouco menos agressivo. Parecia cansado. Foi o tio Abílio quem deu início ao diálogo:

— Meu irmão Ramiro, sentimos muita alegria com o seu retorno. Por que voltou?

— Eu não sei bem. Estou meio lelé da cuca. Ando por aí muito triste, sem destino,

fazendo um monte de porcarias que não levam a nada. Estou cansado de tudo isso. Eu pensava que era "espertão", mas acho que, de fato, sou um otário e dos grandes.

— Então, você despertou para uma nova vida, meu irmão?

— Penso que sim.

— Como foi isso?

— Foi depois de uma conversa com uma senhora muito bacana, gente fina mesmo.

— Ela costuma vir aqui.

— Você se refere à irmã Letícia?

— Acho que este é o nome dela. Você a conhece?

— Faz pouco tempo que tive o prazer de conhecê-la.

— Acredite na irmã Letícia, colabore com ela, pois ela deseja a sua felicidade.

— Você ainda acha que posso ser feliz?

— Mas é claro, meu irmão! A bondade de Deus é ilimitada, é como o sol que aquece o justo e o injusto.

— Meu irmão, você não sabe da missa a metade. Eu fiz todo o tipo de loucura quando estava encarnado. Acho que não sou digno do perdão de Deus.

— Não diga isso, Ramiro, como já disse, o perdão de Deus não é negado a nenhum de seus filhos, por maiores que sejam os erros cometidos. A única condição é que nos arrependamos verdadeiramente das faltas cometidas.

— Estou arrependido de verdade.

— Isso é muito bom, meu amigo. Diga-me uma coisa. Nesta nossa conversa, você usou a expressão: "quando estava encarnado." Então você já conhece a sua real situação?

— Sim, eu já sei que estou desencarnado.

— Isso é muito bom. Como você fez essa descoberta?

— A irmã Letícia me levou a um lugar muito bonito com jardins, parques e prédios, parecia mesmo esses condomínios de bacanas que a gente vê por aqui.

— Ela me conduziu a um prédio onde havia muitas pessoas vestidas de branco, pareciam médicos. Acho que ali era um hospital. Nesse lugar fui levado a uma sala onde passaram um filme para mim. Você sabe quem estava nesse filme?

— Não.

— Eu. Na tela me vi com o meu "tresoitão" correndo e atirando na polícia.

— Eu corria, mas, de repente, me vi com o meu terno branco encharcado de sangue. Depois me vi de pé junto da gaveta de um necrotério onde estava meu corpo.

— Aí, o filme parou e eu tive a certeza de que estava morto.

— E agora, meu irmão, o que pretende fazer?

— Irmã Letícia me disse que vem me buscar para me levar a um lugar bonito onde vou descansar e cuidar da saúde. Quero me desculpar com você por causa das grosserias que lhe fiz.

— Não precisa se desculpar. Isso já passou.

— Está bem, meu amigo, devo ir agora.

Nesse momento, o espírito se retirou dessa vez com suavidade.

Logo depois, a irmã Letícia se comunicou:

— Meus irmãos, esta foi a nossa primeira vitória. Nosso amigo Ramiro vai conosco para fazer um longo tratamento, a fim de que ele possa voltar à carne para uma nova experiência retificadora. Fiquem na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A nossa luta meus irmãos, continua, pois ainda há muitos irmãos sofredores que necessitam de nossa ajuda.

Terminada a reunião, meu pai que parecia cada vez mais interessado em tudo o que assistia, perguntou ao tio Abílio:

— Abílio, a irmã Letícia falou uma coisa que não compreendi bem.

— Algo como voltar a uma experiência na carne. Você sabe o que significa isso?

— Sim. Trata-se de um conceito-chave na Doutrina Espírita.

— A reencarnação ou vidas sucessivas.

— Isso não é uma ideia hinduísta?

— Não apenas. Ela aparece no Egito, na Grécia, entre os judeus e outros povos.

— A rigor a reencarnação é uma lei natural e, sendo assim, não é propriedade de um povo ou de um credo. Posso sugerir-lhe um livro que tirará as suas dúvidas sobre a reencarnação e outros conceitos espíritas.

— Que livro é esse?

— Refiro-me a **O Livro dos Espíritos**, publicado no dia 18 de abril de 1857 em Paris por Allan Kardec. Nele estão descritos os fundamentos da Doutrina Espírita.

— Há outros livros além desse?

— Sim mais quatro: **O livro dos médiuns**, publicado em 1861; **O Evangelho segundo o Espiritismo** que veio à luz em 1864; depois foram lançados **O Céu e o Inferno**, em 1865, e, por fim, em 1866, **A Gênese**. Esse conjunto forma o que se convencionou chamar em nosso meio de O Pentateuco Espírita em uma alusão clara ao Pentateuco da Bíblia. Você quer mesmo ler **O Livro dos Espíritos**, Augusto?

— Quero sim, Abílio, ainda não acredito nas concepções espíritas, mas é um tema muito interessante e tenho vontade de me informar melhor sobre ele.

— Então está bem, na próxima reunião, trago o livro. Espere um pouco, vou fazer melhor. Vou lhe presentear o Pentateuco.

— Muito grato, Abílio.

— Não me agradeça. Prometa-me apenas que vai ler esses livros com o carinho e atenção que eles merecem.

— Pode deixar. Prometo.

CAPÍTULO VII

Sinhá Moça

Na quarta-feira seguinte, o meu tio voltou à nossa casa, trazendo consigo, além de

O Evangelho segundo o Espiritismo, que ele usava para leitura preparatória da reunião, os Livros da Codificação que ele prometera a meu pai. Percebi que meu pai havia sofrido uma grande transformação. Ele pegou os livros que meu tio lhe presenteara, deu uma rápida folheada em **O Livro dos Espíritos** e levou-o para o seu quarto e lá o guardou com os outros quatro livros. Aquele era um sinal de que ele iria mesmo lê-los porque papai não levava um livro para o quarto se não o fosse ler.

Mamãe serviu um chá de pêssego com bolachinhas de polvilho, sua especialidade. Conversamos sobre muitas coisas relacionadas ao Espiritismo e o tio Abílio nos explicou quem era Allan Kardec e como ele havia codificado o ensinamento dos espíritos. Por fim, chegou a hora de irmos para o centro, para mais uma reunião de desobsessão. Quando chegamos, os nossos companheiros já estavam lá.

Ocupamos nossos lugares à mesa e houve um respeitoso silêncio. O Dr. Ramalho fez a prece de abertura:

"Senhor Jesus, aqui está mais uma vez um grupo de irmãos seus, desejosos de seguir o seu Evangelho de Luz e Amor. Dá-nos, Senhor, o entendimento das coisas que estão além de nossa compreensão, fortifica-nos o desejo de crescimento e nos ampare em nossas vacilações. Peço também que, se for da vontade de Deus, esteja presente entre nós a nossa irmã e benfeitora, Letícia, que será a condutora espiritual desta reunião. Que assim seja."

Fez-se silêncio e, de repente, a irmã Letícia se manifestou através da médium Maria Augusta:

- Que a paz de Jesus esteja com todos nesta casa. Fico muito feliz que possamos dar continuidade ao nosso trabalho junto aos nossos irmãos sofredores.
- Hoje se encontra aqui uma irmã que carece, e não pouco, de nossa ajuda.
- Nós vamos permitir que ela se manifeste para que todos possam ver o estado em que ela se encontra e, assim, compreender, na prática, a condição dos espíritos desencarnados.

Alguns segundos depois, o médium Aluízio Meneses deu sinais de que estava sob o efeito de um espírito. Meu tio se apressou em interrogar o espírito manifestante:

- Irmã, você está entre amigos, Fique a vontade. Todos aqui desejamos o seu bem.
- Não vejo aqui meus amigos. Onde estão os barões, os condes e os duques que me faziam a corte.
- Aqui só vejo pessoas plebeias que, naturalmente, não conheço.
- Minha irmã, como é o seu nome? perguntou Abílio.
- Como! Você não me conhece? Nem mesmo ouviu falar de mim, a Baronesa Maria Carolina Catarina Pontes de Mello e Silva? É, você deve ser mesmo um rústico!
- De fato, Baronesa, não a conheço e lhe peço desculpas por isso, falou meu tio com seriedade.
- Isso tudo está muito estranho. Esta é a minha fazenda no Rio de Janeiro.

— Aqui é o Rio de Janeiro, a corte do Imperador D. Pedro de Alcântara, marido da Imperatriz Tereza Cristina, uma pessoa maravilhosa pelo sangue e pela nobreza do caráter. Eu a conheço muito bem. Espere aí! O que é isso? É uma reunião política?

— Uma conspiração? Um conciliábulo de bruxos?

— Não é nada disto. Somos irmãos dedicados ao estudo e ao conhecimento, falou meu tio.

— Estudo? Isso é muito bom! Então são pessoas instruídas.

— Devem gostar de poesia... Eu sou uma declamadora, querem ouvir?

— Já lá vem a primavera, mostra o rosto animador vem na sua companhia o suave e meigo amor.

— Já derrama sobre os campos, brando orvalho criador; e as campinas devastadas fazem animar um novo amor.

— Já dos ventos furiosos não sai o rouco estridor; e as galernas lisonjeiras só inspiram paz e amor.

— Já dentre os verdes raminhos, ouço o emplumado cantor, que entoa em seus gorjeios fulgentes hinos de amor.

— Esses versos são de Domingos Caldas Barbosa. Vocês conhecem esse poeta?

— As pessoas de minha classe social não gostam dele. Dizem que ele é muito popular; mas quando fico cansada de Camões, Gil Vicente e outros portugueses gosto de ler algo deste Caldas Barbosa e de outros poetas brasileiros.

— Nós cá, também temos os nossos talentos, talentos bárbaros, mas sempre talentos.

O espírito fez uma pausa em sua enxurrada de palavras. Tio Abílio aproveitou-se para falar com ela:

— Irmã Carolina, gostei muito. A Baronesa canta muito bem.

— Eu sei. Aprendi com o Padre Heitor de Mariz. Ele é o mestre de canto de nossa capela. É homem erudito, conhece latim e até grego. Veio de Coimbra.

— O senhor conhece Coimbra? Ah! É uma bela cidade.

— Baronesa, posso lhe fazer uma pergunta? disse o tio Abílio.

— Permito. Hoje estou com uma ótima disposição. Do que se trata?

— Carolina, você acredita, realmente, que esta casa é a mesma fazenda onde você viveu.

— Vivi? Não! Esta é casa em que vivo.

— Minha irmã, você não pertence mais a esta vida.

— E eu não sei disso? Claro que sei. Só que isso não altera nada.

— Continuo aqui porque foi nesta casa que nasci e onde vivo até hoje e não desejo abrir mão dela.

— Minha amiga, você não pode agir assim, insistiu meu tio.

— Claro que posso. Tanto posso que estou agindo.

— Sim, é verdade, mas você está impedindo a sua própria evolução.

— Quer saber de uma coisa? Esta conversa não está me interessando nem um

pouco. Vou-me embora agora. Tenho muito mais o que fazer para perder tempo com pessoas como vocês.

Apenas havia terminado de dizer essas palavras, o espírito deixou o médium, e a irmã Letícia voltou a falar por meio de Maria Augusta.

— Vocês puderam ver com extrema clareza o estado em que se encontra este espírito sofredor.

— Quem é esse espírito, irmã Letícia? Quis saber meu tio, fazendo a pergunta que todos nós gostaríamos de ter feito.

— Há muitos anos, antes mesmo que esta casa fosse construída, aqui era uma grande fazenda de café, cujo dono era Manoel Pontes de Mello e Silva, o Barão de Santa Tecla, um homem poderoso ligado à corte de Pedro II e que viera para o Brasil cerca de vinte anos depois da chegada de D. João VI. Carolina era a filha única do Barão. Uma jovem muito alegre e gentil, cortejada pelos melhores partidos da época, mas sem se decidir por nenhum deles. Então, o pai, como era costume à época, contratou o casamento dela com o filho de Manoel Álvares Ribeiro, Conde de Igarassu, um homem que enriquecera com as usinas de açúcar que possuía em Pernambuco.

— E devido ao fato das finanças do Barão de Santa Tecla não irem muito bem, ele viu, neste casamento, a oportunidade de sair de tal condição financeira.

— Ele conheceu o Conde de Igarassu em uma festa na corte. Conversaram muito e logo entre eles, espíritos afinados, surgiu uma forte amizade cimentada no interesse recíproco. O Barão desejando sair das dificuldades em que estava, e o Conde, que havia comprado o título, queria injetar em sua família uma dose de sangue azul autêntico.

— O filho do Conde se chamava Augusto Manoel Ribeiro, um rapaz cuja vida estróina e dissoluta trazia para seu pai grandes preocupações.

— Fora estudar nas maiores capitais da Europa, porém aprendera muito mais sobre as artes dos amores escusos e das bebidas inebriantes do que sobre o que as faculdades poderiam ter lhe ensinado. Esse era mais um motivo para o Conde desejar ver o filho casado, transformado em homem sério como se costuma dizer.

— O caráter do futuro genro não era obstáculo para os desejos do Barão, e esse dizia ser esta coisa de mulher e bebida própria da juventude.

— O compromisso foi firmado entre os dois pais, entretanto, o que o Barão de Santa Tecla não sabia era que Carolina havia encontrado, na fazenda, um companheiro de muitas vidas passadas, e que estava encarnado como um mulato, filho do Feitor Bento Rodrigues e, por ele, ela se apaixonara.

— Esse sentimento, naturalmente, era mantido em segredo absoluto.

— Por esse motivo, no dia em que o pai avisou à filha sobre o seu casamento com o filho do Conde de Igarassu, a reação dela não fora a que o conde esperava.

— Pela primeira vez, ela disse não ao pai, alegando que não se casaria com o moço Augusto Manoel porque não o amava.

— É claro que o pai não aceitou a negativa da filha: amando ou não o noivo, ela se casaria com ele porque seu pai assim o queria, e a sua vontade era lei.

— Carolina procurou o apoio da mãe, mas a pobre mulher era inteiramente submissa ao marido tirânico.

— Carolina ficou desesperada quando soube que o pai oferecera um jantar à família do Conde a fim de officiar o noivado e marcar a data do casamento o mais rápido possível. Os fados, porém, continuaram tecendo as vidas a eles subordinadas.

— O rapaz, a quem ela amava, havia sido enviado pelo Barão para o norte do Estado com o objetivo de comprar algum negro da fazenda do Barão de Inhaúma, nesse lugar deveria permanecer por alguns dias.

Carolina sentiu-se abandonada e apavorada à medida que o dia do casamento se aproximava. De uma coisa, entretanto, ela estava certa: não se casaria com o filho do Conde. Enquanto isso, Bento Rodrigues ao voltar de sua viagem, ficou sabendo do casamento de sua amada. A notícia o abalou profundamente: havia sonhado alto demais. É claro que jamais poderia se casar com a jovem Baronesa.

— No seu íntimo, porém, queria conversar com Carolina e ouvir dela a notícia de seu casamento. Mas como poderia falar com ela? Naquela noite, não conseguiu dormir.

— No dia seguinte, procurou Maria Bárbara, mucama de Carolina e parenta do pai dele. Encontrou-a perto da senzala e lhe disse:

— Maria, preciso ter um dedo de prosa com vosmicê. É coisa séria e sigilosa.

— Que coisa é esta?

— Soube que a sinhazinha Carolina vai se casá. Isso é coisa verdadeira?

— Sim. Vai mesmo. O casório vai ser na semana que vem.

— Preciso de sua ajuda.

— Pra quê?

— Eu tenho necessidade de falá com ela antes do casamento.

— Você é maluco, Bento? Faz isso não. Deixa a sinhazinha se casá cum quem ela quisé. Num fica procurando chifre na cabeça de cavalo. Vosmicê é uma besta, Bento, parece que num enxerga.

— Num enxergo o quê?

— Num enxerga que essa moça não é pra seu bico. Aprende a botá o chape onde a mão alcança.

— Olhe, quem dá um passo maio que as pernas, cai feio.

— Vosmicê, Maria está se metendo onde não é chamada e fala que só a preta do leite. Eu gosto da Sinhá Carolina e ninguém vai muda isso. Deixa de mais, mais e leva um recado meu para ela.

— Bento, Bento isso num vai dá certo. A corda sempre arreventa pro lado mais fraco.

— Vosmicê, Maria, parece uma ave agourenta. Acho que tu tem o sangue da coruja rasga-mortalha.

— Num sou isso não, nem tenho sangue de coruja. O causo é que eu gosto de vosmicê mais do que a sinhazinha ou outra muié qualqué.

— Deixa de bestera, Maria, isso é pura bobage da sua cabeça.

— Vê se vosmicê se enxerga. Vai e leva o meu recado para ela.

— Diz a sinhazinha Carolina que eu espero por ela perto do tronco de Jacarandá junto da fonte. Amanhã de tarde.

— Ali, não tem ninguém.

— Vosmicê é quem sabe.

— Maria Bárbara sentiu-se diminuída e humilhada, amava Bento em silêncio e não podia aceitar o amor como ele a havia tratado. Pouco a pouco, em sua mente dominada pelo ciúme, foi nascendo um novo pensamento. Assim que Bento partiu, ela correu até a casa grande e contou ao Barão o que estava acontecendo.

— O Senhor da fazenda disse a mucama que levasse o recado à sinhazinha e ela assim o fez.

No dia seguinte, à tarde, Bento Rodrigues estava no lugar do encontro encostado ao tronco do Jacarandá. Esperava ansioso por sua amada, e ela não veio.

— Estava decidido a desistir e voltar para casa, quando sentiu as mãos fortes dos homens do Barão que o manietavam. Amarrado e arrastado, o filho do feitor foi levado à presença do Barão cujos olhos estavam repletos de ódio e desprezo pelo mulato.

— Então seu negro safado, você imaginava que poderia se casar com minha filha.

— Quem pôs em sua cabeça tal maluquice?

— Sinhô Barão, me desculpe eu não tinha esta intenção.

— Isso não me interessa. Vou lhe dar uma lição seu moleque para você nunca mais se esquecer.

— O Barão de Santa Tecla mandou que o colocassem amarrado ao tronco e o açoitassem até a morte. De dentro da casa, Carolina ouviu os gritos do rapaz, mas não chorou. Existem dores tão profundas que podem inibir as lágrimas de quem as sofre. De manhã, o Barão mandou retirar o corpo de Bento Rodrigues de lá, e depois o entregasse ao pai para enterrá-lo. Carolina nada falou, aquele mutismo foi tido por seu pai como falta de sentimento. Então, ele, que não gostava do mulato, pensou dizendo para si mesmo: tanto melhor, daqui a pouco ela se casa e as coisas se acertam.

— Quando faltavam apenas três dias para o casamento, Carolina tomou uma decisão extrema. Depois do almoço, saiu com uma de suas primas para um passeio no campo.

— Onde vamos? perguntou Alice à prima.

— Vamos à casa de Vó Balbina.

— Quem é Vó Balbina? perguntou a jovem

— É uma preta velha tida como feiticeira pelo povo daqui.

— Ela é uma bruxa?

- Não sei. Desde menina eu a conheço, e jamais a vi fazer o mal a alguém.
 - Sei que ela entende muito de ervas boas e más.
 - Quando chegaram à tapera onde morava Vó Balbina, a negra estava amassando ervas em um pequeno pilão de pedra. Assim que ela viu as duas moças, falou.
 - Menina, que alegria vê vosmicê aqui em minha humilde casinha.
 - Eu vim aqui a mando de minha mãe, vó Balbina.
 - E o que é que vossa mãe qué com esta preta velha.
 - Ela quer um pouco daquela erva que a senhora conhece, aquela que mata cavalo.
 - Mata gente também.
 - Ela sabe. É o cavalo dela, ele anda doente de fazer pena. O meu pai queria dar um fim no animal, mas minha mãe não permitiu. Ela mesma quis matar o bichinho, porém de um modo mais suave sem o animal sofrer muito.
 - A senhora tem aquela erva aí?
 - Tenho uma que é muito boa nesses casos.
- A preta foi em uma espécie de jardim, que cultivava nos fundos da casa, e veio com um ramo de cicuta e explicou a Carolina como se fazia o veneno.
- Depois que Vó Balbina entregou as ervas, Carolina agradeceu e voltou para casa.
 - Será que a tia vai conseguir fazer o veneno? quis saber Alice.
 - Vó Balbina me ensinou como se faz.
 - As duas moças correram para casa, e chegando ao quarto, Carolina fez o veneno, bebeu uma dose dupla e deitou-se na cama para esperar a morte.
 - Pela manhã, ela foi encontrada com o corpo rígido, os olhos muito abertos e vidrados fitando o vazio.
 - Desalojada do corpo pela ação do veneno Carolina esteve confusa por um longo tempo. Caminhava a esmo, ouvia nas trevas gargalhadas sinistras e vozes que a acusavam de suicida. Sentia em seu corpo espiritual, por uma espécie de sensibilidade reflexa, a ação dos vermes em seu cor físico. O que acontece com o suicida, devido ao gesto extremo, ainda encontra-se ligado fluidicamente ao corpo de carne. Aquilo era pavoroso.
 - Na sua caminhada sem destino, achou um gruta nas proximidades da fazenda onde vivera. Ali entrou e ficou quietinha. Tinha medo e sentia muito frio.
 - Todo seu corpo tremia. Durante longo tempo ficou ali, pois tinha medo de sair e ser capturada por aqueles seres horríveis. Um dia, sem mais ouvir as gargalhadas e as ofensas, que lhe eram dirigidas por seres invisíveis, saiu de seu esconderijo.
 - Decidida, foi até a casa grande da fazenda onde vivera desde menina.
 - A casa estava vazia. Para onde teriam ido seus pais? Nem mesmo os antigos escravos estavam lá. Entrou nela e foi até onde era o seu antigo quarto e ali se instalou.
 - O estranho da situação de nossa amiga é qu a sua mente atribulada permitiu

que a imaginação, tomando imagens do passado, reconstruísse, para si, a vida antiga daquela casa. Tempos depois, outros espíritos sofredores, que viveram e desencarnaram na antiga fazenda, ali também se estabeleceram e ela os tomava como antigos nobres que voltavam a fazer-lhe a corte como no passado.

— Os anos se passaram. A casa da fazenda tornou-se uma ruína com o mato cobrindo tudo e pequenos lagartos verdes correndo por sobre os tijolos velhos que restaram de uma antiga parede. Os espíritos sofredores foram embora, no entanto, ela, apegada aos fluidos do lugar, não conseguiu se afastar e continuava vivendo ali a sua fantasia de sinhazinha. Nas noites de lua, ouvia-se uma voz feminina que vinha das ruínas cantando uma modinha antiga em tom lastimoso.

— Mais tarde, veio o inglês e comprou o terreno para fazer esta casa e ela prosseguiu nela como se nada houvesse mudado.

— Irmã Letícia, será esse mesmo espírito que apareceu para a minha filha e a deixou apavorada?

— Sim. Foi ela mesma?

— O que podemos fazer por ela, irmã Letícia? Questionou meu pai, inteiramente envolvido pelos acontecimentos.

— Precisamos despertá-la de seu sonho.

— Mas como? Perguntou meu pai que estava inteiramente motivado pelo assunto.

— Acho que há uma possibilidade.

— Qual? indagou meu pai.

— Em nosso próximo encontro, vamos trazê-la de volta ao nosso meio e virá comigo alguém que vai nos ajudar no processo de desalienação de nossa amiga. A sessão daquela quarta-feira foi encerrada com a prece costumeira, e na quarta seguinte voltamos a nos reunir. Nessa, após a chegada da irmã Letícia, manifestou-se a Baronesa que parecia menos extrovertida que na última sessão.

Sua voz possuía certa inflexão de melancolia.

— Por que me chamaram aqui?

— Chamamos porque desejamos ajudá-la, falou a irmã Letícia com o seu jeito carinhoso.

— Não preciso da ajuda de ninguém. Acho que vocês querem me expulsar de minha casa.

— Minha irmã, ninguém deseja expulsar você de lá.

— Não querem mesmo?

— Claro que não. Você possui livre-arbítrio e se a sua vontade é permanecer lá, nós devemos respeitá-la, entretanto, acredite: queremos o melhor para você.

— Como você pode saber o que é o melhor para mim?

— Não seria tão arrogante, Carolina, em dizer que eu sei o que é melhor para você, entretanto, se você desejar, talvez eu possa lhe fazer uma boa surpresa.

— Surpresa! Que surpresa é essa?

— Refiro-me a alguém que lhe é muito caro.

- De quem você está falando?
- Olhe para ele. Está ao seu lado.
- Bento! Você aqui?
- Sim. Foi o Bento quem intercedeu por você. Faz muito tempo que ele estava à sua procura, mas, quando a encontrou, você não o reconheceu. Não falou com ele e nem mesmo o ouvia.
- Bento, agora me lembro de tudo. Você morreu por minha causa.
- Perdão, meu amor, perdão! Eu não imaginava que a maldade de meu pai chegasse a tanto. Ditas essas palavras, o médium começou a chorar convulsivamente.
- A Irmã Letícia falou com ternura:
- Filha, fique calma, Bento ama você do mesmo modo que a amou quando estavam encarnados. Ele quer cuidar de você. Você não quer tentar?
- Sim eu quero e muito.
- A irmã Letícia falou conosco sem esconder a sua alegria:
- Tudo está acabado, meus amigos, por fim a nossa companheira encontrou-se e este será o início de sua terapia.

CAPÍTULO VIII

Meu tio nos fala sobre a reencarnação

Em nosso encontro seguinte, em nossa casa, meu pai que se mostrava muito interessado nas questões espíritas, disse a meu tio:

- Abílio, tem muito pouco tempo que passei a me interessar pelo Espiritismo, e tudo começou com os fenômenos que perturbavam a nossa vida nesta casa.
- Como iniciante na ciência espírita, há um tema que não consegui ainda compreender muito bem. Refiro-me à reencarnação. Assim, gostaria que você abordasse esse tema para nós. É possível?
- Sem dúvida, meu irmão. Em primeiro lugar, quero lembrar que a ideia das vidas sucessivas é muito antiga. Os egípcios e os indianos, duas das culturas mais antigas da Terra, já conheciam a reencarnação.
- O grande Platão foi um pensador grego que defendia a tese da reencarnação.
- Em um de seus diálogos mais famosos, o *Mênon*, ele apresenta Sócrates, aplicando maiêutica a fim de mostrar como um escravo ignorante poderia deduzir complexo teoremas de matemática. Como era possível coisa? Ele responde dizendo que, por certo, se ele não aprendera aqueles teoremas na vida atual, os havia aprendido em outras vidas. Assim, conforme Platão todo aprendizado nada mais seria do que a recordação de conhecimentos de existências passadas.
- Tio, o Senhor usou uma expressão que eu não conheço, perguntei, bastante interessado maiêutica. O que é isso?
- Vamos ver. Sócrates possuía um método pedagógico que consistia em fazer perguntas muito bem graduadas com as quais tentava despertar o conhecimento

adormecido na mente das pessoas mãe de Sócrates, Fenáretes, era parteira que se diz em grego clássico, *maieutria*. Sócrates se considerava, como sua mãe, um parteiro, mas um parteiro de ideias. Foi por isso que deu esse nome a seu método.

— Compreendeu?

— Sim. Agora ficou claro para mim. Quando dsenhor disse que ele aplicou a maiêutica ao escravo significa que ele fez perguntas a ele. É isso?

— Isso mesmo.

— E Jesus, meu tio, ele também aceitava a reencarnação? perguntei com interesse crescente.

— Meu filho, devo lhe dizer que Jesus era reenrnacionista. Disso não se deve ter a menor dúvida. Nos Evangelhos existem muitas passagens que deixam a ideia de reencarnação bastante clara. Uma das que me parece mais evidente é a que se encontra no Evangelho de João, capítulo 3, versículos de 1 a 15.

— Que passagem é essa? perguntou meu pai.

— Trata-se do encontro entre Jesus e Nicodemos.

— Quem era Nicodemos? interoguei.

— Era um homem dos mais sábios em Israel. Conhecia a história de Israel e o Torá ou lei mosaica como poucos. Além disso, conhecia o hebraico, o aramaico e, muito provavelmente, o grego e o latim.

— Aconteceu então que Nicodemos, ouvindo falar em um novo pregador que além de pregar fazia coisas maravilhosas como: devolver a visão aos cegos, limpar leprosos, expulsar maus espíritos, decidiu falar com ele. Esse desejo de Nicodemos foi satisfeito e, assim, aconteceu o encontro entre o velho sábio judeu e o Cordeiro de Deus.

— Em certo momento desse colóquio, Nicodemos perguntou a Jesus como deveria agir para alcançar o Reino dos Céus. Jesus lhe dá a seguinte resposta: "Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus". Nicodemos ficou espantado e falou ao Nazareno: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode entrar no ventre de sua mãe e nascer?".

— Jesus admira-se com a pergunta do velho rabi e lhe diz: "Tu és mestre em Israel e desconheces estas coisas?". Mais a frente Jesus insiste: "Em verdade, em verdade te digo que aquele que não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus".

— Abílio, posso interrompê-lo? perguntou o meu pai, e continuou, certo dia conversando com um padre sobre esta passagem, ele me disse que o verbo grego usado é *anóthen* que tanto pode dizer nascer de novo como nascer do alto, e ele preferia a segunda interpretação naturalmente. Uma segunda coisa, que ele me disse, foi que no texto, em virtude da inclusão da palavra água em *nascer da água*, havia uma certa referência ao batismo que era a forma de nascer de novo.

—O que você me diz sobre isso?

— A referência aos dois sentidos do verbo grego é pertinente, entretanto,

Nicodemos entendeu nascer de novo como voltar à carne e não nascer do alto.

— Se admitirmos que a conversa entre Jesus e Nicodemo tenha sido feita em hebraico ou aramaico esta ambiguidade, que só existe no verbo grego, desaparece.

— Quanto à segunda parte de sua pergunta, posso lhe dizer o seguinte: não existe relação direta entre nascer da água e o batismo. A água, no contexto evangélico, significa o princípio material. Não vamos nos esquecer de que o corpo humano é formado em 80% de água. Assim, nascer da água deve ser entendido como nascer de um corpo de carne animado por um espírito que não deriva do corpo, mas que dele se apossa para mais uma experiência na carne.

— Está satisfeito, meu amigo?

— Sim. Perfeitamente.

— Deixe-me então continuar. Há ainda por parte de Jesus outra declaração sobre as vidas sucessivas muito mais clara do que a anterior. Essa passagem se encontra em Mateus, XVII: 10-13 e Marcos, IX: 10-13. Neste trecho, Jesus está conversando com os apóstolos e um deles lhe perguntou sobre a encarnação do profeta Elias como precursor do Messias, tese tradicional defendida pelos textos sagrados e pelos escribas, intérpretes desses textos. Jesus concorda com a tradição, mas faz um adendo interessantíssimo: "Mas eu vos digo que Elias já veio e não o conheceram, antes fizeram com ele tudo o que quiseram; assim também, o Filho do Homem há de padecer por parte deles".

— O evangelista encerra essa passagem dizendo: "então os discípulos entenderam que ele lhes falava a respeito do João Batista". Em verdade, porém, o assunto não era o Batista, mas o Elias que vivera cerca de 940 anos antes. Assim, Jesus deixou claro que Elias e João Batista eram o mesmo espírito. Desse modo, não é possível entender essa passagem dos evangelhos sem o conceito da reencarnação.

— Isso é fantástico, Abílio. Pode nos falar um pouco mais sobre isso?

— Posso. Vamos entender dois conceitos fundamentais para o caso: o de individualidade e o de personalidade. A individualidade é um espírito e a personalidade são os diversos papéis que esse assume ao longo de suas muitas vidas.

— Isso é muito semelhante ao ator que vive muitas personagens em cada uma das peças em que trabalha. O ator é único, mas as personagens são diversas.

— Dei essa explicação por causa de um argumento dos adversários da reencarnação. Dizem eles que João Batista não era o Elias porque, quando perguntado se ele era aquele profeta, Batista respondeu que não. E, de fato, não era. Naquela encarnação, ele vivia o papel (Personagem) de João, filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, uma parenta de Maria de Nazaré, a mãe de Jesus.

— Talvez se o fariseu lhe houvesse perguntado: você foi o Elias, quiçá a resposta fosse outra. Estão satisfeitos?

— Sim, por favor, continue.

— Nesse primeiro momento de nossa argumentação, tratamos apenas das razões históricas para se crer na reencarnação, mas há outros argumentos não menos

interessantes. Vamos examiná-los em seguida.

A reencarnação é a ideia que consegue harmonizar os fatos da vida com a justiça divina. Quando olhamos com atenção a nossa volta, vemos como as pessoas ocupam lugares diferentes na sociedade. Há os ricos e poderosos que ocupam uma classe normalmente chamada de elite. Logo abaixo, vem um grupo de pessoas que não são muito ricas nem muito pobres cujos proventos lhes permitem viver uma vida digna sem excessos; elas fazem parte da classe média. Por fim, mais abaixo, estão as pessoas que vivem na pobreza e, até mesmo, na extrema pobreza.

— Elas nem mesmo possuem o mínimo para uma vida digna, não raro, se alimentam dos restos que catam do lixo e seus filhos não têm acesso à educação.

— Nessa última classe social, costumam encarnar espíritos que, em outras vidas foram ricos e poderosos.

— A primeira pergunta seria: quem produziu este tipo de sociedade, foi Deus ou foi o homem? Se foi Deus, não há justiça nesse tipo de sociedade onde uma criança pode nascer na elite e outra na extrema pobreza? Se foi o homem, quem criou a sociedade desigual, e Deus permitiu que fosse assim, mais uma vez ele não é justo.

— A resposta que a reencarnação dá a esse fato é a seguinte: Deus não faz ninguém nascer em comunidades miseráveis, seja como castigo, seja como simples capricho.

— Em muitos casos, os espíritos reencarnam na pobreza por livre escolha, uma vez que em outra vida foram ricos e fizeram mal uso de seu dinheiro e poder, jogando fora uma grande oportunidade de servir e crescer. Escolhendo uma vida mais humilde, não só terão experiências novas como testarão a sua capacidade de lutar e vencer obstáculos. As sociedades, com seu cortejo de desigualdade, são criações humanas, mas delas a providência se utiliza para o progresso dos espíritos.

— Outra questão é a grande quantidade de doentes e doenças físicas e mentais que existem neste mundo. Se nos focarmos nessas dores, veremos passar aos nossos olhos, cegos, paráliticos, surdos-mudos, hansenianos, diabéticos, pacientes renais, aidéticos, loucos e outras tantas formas de sofrimento com as quais entramos em contacto em nosso dia a dia. Novamente nos perguntamos: Por que existem as doenças? Por que Deus permite que elas existam? Novamente a reencarnação é capaz de responder essa questão.

— Quero deixar bem claro que nós não sofremos por causa do pecado do casal mítico Adão e Eva como acreditam muitos teólogos. Sofremos porque é necessário ao nosso progresso. Em uma passagem do *Evangelho segundo Mateus*, encontramos Jesus dizendo: [...] Se, pois, a tua mão ou o teu pé te fizer tropeçar, corta-o e lança-o de ti, melhor te será entrares na vida aleijado ou coxo, do que tendo duas mãos e dois pés seres lançado ao fogo eterno. E o teu olho, se te fizer tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; melhor é entrares na vida com um só olho do que, tendo os dois seres atirado ao inferno de fogo.

Essa passagem é uma das mais estranhas do Evangelho, uma vez que Jesus nos pede para tirarmos um órgão que nos sirva de tropeço para alcançarmos o Reino

dos Céus.

— Sabe Abílio, eu também sempre achei esta passagem muito esquisita, falou meu pai.

— Sim, entretanto, mais uma vez a reencarnação pode nos socorrer.

— É claro que Jesus não está nos aconselhando a nos mutilarmos para alcançarmos o reino de Deus. Assim, só nos resta uma explicação possível: um órgão ou sentido que tenha sido causa de tropeço em uma vida pode ser retirado ou mesmo mutilado na vida seguinte: o cientista que usou seu cérebro para o mal pode nascer com hidrocefalia ou qualquer outra doença cerebral congênita; o homem que se perdera pela visão, poderá nascer privado dela as pernas que levaram ao crime podem ser atrofiada em uma dura expiação, e assim por diante.

— Abílio, os espíritos podem aceitar nascer mutilados? interrogou meu pai.

— Sim, caso desejem de fato dar um passo à frente na senda do progresso.

— Nós, os encarnados, sempre julgamos que o sofrimento é mau e o prazer é bom.

— Nem sempre é assim. Eu já disse isso antes, mas insisto: uma encarnação com grande dose de sofrimento, se bem aproveitada, fará o espírito avançar consideravelmente. Eu, entretanto, gostaria de dar continuidade aos meus argumentos em favor da reencarnação.

— Desculpe-me, Abílio, mas, de fato, o meu desejo de aprender é tão grande que, às vezes, me torno inconveniente, disse meu pai.

— Não, meu irmão, não veja as coisas assim, estou aqui exatamente para ajudá-los, embora meus conhecimentos sejam muito limitados. Pode ficar vontade e perguntar quando assim o desejar.

— Grato. Muito grato, agradeceu meu pai.

— Outro aspecto da vida humana, intimamente relacionado com a reencarnação, é o das criança prodígios. Napoleão Bonaparte, em tenra idade, mostrava-se com grande aptidão para a guerra, criando inclusive, ainda na infância, um método extraordinário de defesa e ataque a cidades, algo muito difícil de ser pensado por uma criança.

— Outro caso notável é o de Jacques Chrichton, um verdadeiro fenômeno no aprendizado de línguas. Nascido na Escócia, esse menino com apenas 15 anos era capaz de discutir em latim, grego, hebraico e árabe sobre qualquer assunto.

— Esse jovem conquistou o grau de Mestre com 14 anos. Esses exemplos podem se multiplicar e não pouco.

— Desculpe-me, mas tenho uma curiosidade sobre um personagem que você citou interrompeu meu pai.

— Que personagem?

— Napoleão Bonaparte.

— O que deseja saber sobre ele?

— Um conhecido meu, que é espírita, me disse certa vez que Alexandre Magno, Júlio César e Napoleão seriam o mesmo espírito. É verdade?

- Eu lhes disse que os meus conhecimentos são muito limitados.
- Confesso que não tenho uma resposta pronta para sua pergunta.
- Desejaria, aproveitando este ensejo, para fazer uma observação.
- As pessoas que acreditam na reencarnação, não raro, ficam preocupadas com aquilo que elas foram e se despreocupam com aquilo que elas são, e o que somos e fazemos hoje é o que verdadeiramente importa.
- Acho que você tem razão, falou meu tio meio envergonhado.
- Meu irmão, também quero fazer uma pergunta. Eu gostaria de falar sobre o esquecimento das vidas passadas. Parece-me que, se agente se lembrasse das vidas passadas, seria mais fácil nos corrigir nas próximas.
- Este é um grande engano. Em primeiro lugar, Deus estabeleceu desse modo e, se assim o fez, é porque é o melhor para os espíritos. Em segundo lugar, esta lembrança nos traria grandes problemas, principalmente nos reencontros entre vítimas e algozes cujo objetivo seria a reciclagem de sentimentos hostis e o exercício do perdão. Ora, se a vítima se lembrasse de seu algoz, não se aproximaria dele ou mesmo, talvez, tentasse tirar uma desforra. Em terceiro lugar, minha irmã, não é fácil lidar com as culpas de uma só vida, imagine se tivéssemos em nosso íntimo as culpas de muitas vidas? Fique certa, pois, a cortina do esquecimento, que cai sobre as nossas vidas passadas, é uma bênção divina.
- Sem dúvida. Eu não havia visto esta questão por essa ótica. Disse minha mãe.
- Há, entretanto, algo que pode ajudar os espíritos curiosos a descobrir algo de suas vidas passadas. Isso é o que chamo de janelas para o passado.
- Se olharmos por essas janelas, não saberemos quem fomos em vidas anteriores, mas teremos pistas, às vezes, boas pistas.
- E que janelas são essas? Perguntei muito interessado sobre aquele apaixonante assunto.
- Vamos conhecê-las. A primeira delas, vocês poderiam chamar de autoanálise.
- Examine as suas falhas morais mais graves como: vaidade, orgulho, egoísmo, insensibilidade, prepotência entre outras. É provável que você tenha reencarnado com a finalidade de eliminá-las; observe as suas vocações para a vida artística, religiosa, intelectual ou mesmo para a vida frívola e desregrada.
- Quanto ao possível lugar de nascimento, verifique se você aprecia um país muito mais que outros, se teve facilidade para aprender uma determinada língua, se deseja conhecer este país de que você tanto gosta, e se já conheceu o que sentiu quando lá esteve. Seus sentimentos, em relação a um determinado país, podem ser poderosos indicadores de uma vida passada em um determinado lugar.
- Outra janela são os sonhos, principalmente recorrentes ou repetidos. Muitos deles são lembranças de vidas passadas. Algumas vezes, espíritos amigos fazem com que o encarnado relembre, em sonhos, certos aspectos de sua vida passada para que não incorra nos mesmos erros na vida presente.
- Há também sonhos desse tipo cuja finalidade é lembrar o encarnado das tarefas

que ele deveria realizar na Terra, e delas está se desviando.

— Mais uma forma de resgatar o passado é o *dejá vu* ou sensação do já visto.

— Nesse caso, a pessoa, indo a um lugar, que antes não havia ido, é capaz de reconhecer não só o lugar como detalhes dele. Existem sensações desse tipo tão fortes que não há modos de explicar esse conhecimento a não ser através da reencarnação. Por fim, gostaria de falar para vocês um pouco sobre a TVP ou teorias de vidas passadas.

— Tenho ouvido falar nisso, mas não sei bem o que é, disse minha mãe.

— Vamos ver se eu consigo explicar. Nos seus estudos sobre histeria, Freud descobriu que os sintomas de seus doentes eram devidos a traumas (lesões psíquicas) que aconteceram na infância deles e que teriam natureza sexual.

— Esses traumas teriam sido recalçados, mas não eliminados.

— Assim, trazendo o material recalçado inconsciente à vida consciente, os sintomas terminavam.

— O método usado para fazer aflorar este material doentio à vida consciente foi hipnose. Freud, entretanto, por ser mau hipnotizador (segundo dizem) abandonou esse método, preferindo o de associação de ideias que passou a ser usado com regularidade na psicanálise.

— Mais à frente, alguns pesquisadores mais ousados passaram a admitir que o trauma, causador do sintoma, poderia estar em outra vida. Foi assim que surgiu a TVP ou terapias de vidas passadas que se utiliza do método da RDM (regressão de memória). Assim, através da hipnose, faz-se com que um indivíduo volte a uma vida passada (ou mais de uma) com o intuito de descobrir o trauma original do sintoma. Vou-lhes dar um exemplo para aclarar esse assunto.

Em um livro escrito por Judith Johnstone e Glenn Willinston que se intitula **Em busca de vidas passadas**. Há uma história muito interessante sobre uma jovem de 14 anos, chamada Linda. Ela ficava aterrorizada cada vez que nas aulas de ginástica, uma bola vinha em sua direção. Em esportes como badminton ou tênis não conseguia apanhar uma bola ou devolvê-la a seu parceiro de jogo.

— A menina sentia tanto medo de projéteis de qualquer natureza, estava impedida de participar das aulas de educação física. Os diretores da escola, onde ela frequentava embora compreendessem a situação dela, aconselharam aos pais da menina a procurar ajuda profissional para a filha deles.

— Foi assim que um dos autores do livro recebeu em seu consultório a menina e os seus pais. Submetida a uma regressão de memória, a moça se viu, de pé, em uma sala de julgamento, sendo acusada de feitiçaria. Seu nome então era Elisabeth Bradley. Ela ouve os juízes a condenarem à morte por enforcamento e fica revoltada. Não era feiticeira, uma vizinha armara contra ela por inveja e ciúme.

— Não, não ia morrer. Reunindo as suas forças, conseguiu fugir do tribunal.

— Uma grande multidão a persegue, chamando-a de bruxa ela corre até não poder e cai exausta na beira de um lago.

- Os seus perseguidores a alcançam e atiram pedras contra ela.
- Homens, mulheres, crianças participam do apedrejamento. Ela sente no corpo cada golpe.
- Até que uma pedra maior atinge-lhe a cabeça e ela morre. Vê o próprio corpo esmagado sobre as pedras, mas sente-se livre. Vê pessoas levando seu corpo, mas não tem o menor interesse por ele.
- A partir desse momento Judith, a psicóloga, trabalha com este material que aflorou à consciência de Linda e, em pouco tempo, ela perde o medo de projéteis e volta a sua antiga escola onde se torna uma excelente aluna de educação física.
- Acho que é isso que, no momento, eu posso falar a vocês sobre reencarnação.
- Quanto a você Augusto. Se quiser saber mais sobre o assunto, aconselho um livro muito interessante chamado **Vinte casos sugestivos de reencarnação**, escrito pelo Dr. La Stevenson. É uma das melhores obras sobre o assunto, escrita fora do meio espírita.
- Muito obrigado, Abílio, vou procurar este livro.

CAPÍTULO IX

Uma conversa muito interessante

As visitas de meu tio à nossa casa foram muito importantes para nossa família, porque serviram para aproximar aquelas pessoas tão interessantes e generosas que estavam distante de nós, Abílio e sua esposa. Meu pai construiu definitivamente o conceito sobre a Doutrina dos Espíritos e eu mesmo aprendi a conhecer melhor o meu tio e a ter por ele um grande respeito. Assim, ele passou a nos visitar com maior assiduidade, fora das visitas semanais às quartas-feiras onde íamos ao centro para as sessões. Numa dessas visitas, quando estávamos na sala conversando, meu tio perguntou para meu pai:

- Augusto, você está lendo **O Livro dos Espíritos**?
- Sim.
- Está gostando?
- Bastante. Eu não sabia que o Espiritismo científico era algo tão interessante.
- Augusto, você acabou de usar uma expressão que seria bom fazer sobre ela uma ligeira reflexão
- Qual?
- Espiritismo científico.
- Ouço muita gente falar isso.
- Eu também costumo ouvir, mas é uma expressão inteiramente equivocada.
- Admitir a existência de um Espiritismo científico é admitir também a existência de um Espiritismo não-científico e é aí que reside a questão.
- Não estou compreendendo, Abílio.
- Vou tentar ser mais claro. A Doutrina Espírita é uma estrutura que se apoia em três pilastras: Ciência, Filosofia e Religião. Não se trata, porém, de compartimentos

separados, mas de três elementos que formam uma síntese e de tal modo que nenhum deles é superior ao outro, mas complementares. Assim, ser científico não é uma diferença essencial entre o Espiritismo e, outras doutrinas, mas um componente inerente a nossa doutrina.

— Compreendo. Mas, por que as pessoas falavam assim? insistiu meu pai. Meu tio fez um breve silêncio para beber um pouco do chá que mamãe havia servido. Depois, colocando a xícara sobre o pires e passando educadamente a ponta do lenço nos lábios, falou do seu modo habitual

— Esta é uma longa história. No começo do século, a Igreja Católica estava muito preocupada com o avanço da Doutrina dos Espíritos, e um modo de desacreditá-la foi associá-la à religião dos negros que à época ainda não se chamava Umbanda, mas batuque, feitiçaria e era considerada uma superstição dos escravos da senzala.

— Em virtude disso, os próprios espíritas criaram expressões pouco felizes como: Alto e Baixo Espiritismo; Espiritismo de mesa e de Terreiro; Espiritismo de linha branca e Espiritismo científico com o objetivo de fazer uma distinção entre o Espiritismo e a religião afro-brasileira. Assim, colocavam-se em um mesmo saco o Africanismo e o Espiritismo com uma diferença apenas de particularidades como magia negra e magia branca (baixo e alto); local das sessões (terreiro e mesa); orientação mágica (linha preta e linha branca); método de estudo (científico e não-científico) e outras semelhantes.

— Essa terminologia não pode ser aceita pelo espírita contemporâneo.

— Só existe uma forma de Espiritismo: a Doutrina codificada por Allan Kardec na segunda metade do século XIX. O que não derivar dos cinco livros da codificação pode ser qualquer coisa, inclusive algo respeitável, mas não será Espiritismo.

— Muito interessante. Já que estamos numa hora de esclarecimento de pessoas que, como eu, ainda não conhecem Espiritismo, gostaria de fazer uma outra pergunta, pediu meu pai.

— Fique à vontade, Augusto, disse meu tio com simpatia.

— Muito bem. Então, diga-me uma coisa: dizer-se espírita é o mesmo que se dizer espiritualista?

— Esta é uma questão interessante, mas de início devemos saber o seguinte: todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita.

— O que é que o senhor quer dizer com isso, tio? perguntei.

— Meu rapaz, vamos tomar três palavras: materialista, espiritualista e espírita.

— A primeira delas é formada de Matéria + al + ista e significa: doutrina que defende um monismo material, ou seja, a matéria como o único elemento existente na realidade objetiva ou de um modo ainda mais simples: crença apenas na matéria; espiritualismo é formado de Spiritus + al + ista, crença que defende um dualismo formado por matéria (corpo) + espírito e que se opõe ao Materialismo; a terceira palavra, Espiritismo é formado de Spiritus + ismo e tem um sentido próximo ao do espiritualismo, entretanto, vai além deste e defende as teses das

vidas sucessivas, da comunicação dos espíritos e da pluralidade dos mundos habitados.

— Essas teses não são aceitas pelas religiões tradicionais, não é assim? disse meu pai.

— De fato. Esses três aspectos são característicos apenas da Doutrina Espírita.

— Estes pontos de vistas não são dogmáticos? questionou meu pai.

— Não. Dogmas são opiniões impostas pelas igrejas e as crenças espíritas são verdades que nascem da observação dos fatos, tanto é assim que Allan Kardec chegou a dizer que o Espiritismo não pode se opor aos fatos, em um caso de choque entre a verdade espírita e o fato real e concreto fica-se com o fato.

— Abílio, comentou minha mãe, uma amiga minha, católica, me disse, certa vez, que os espíritas não acreditam em Deus. Isso é fato?

— Claro que não, entretanto, nesse caso, temos de fazer algumas observações.

— Vocês devem conhecer muito bem o credo católico.

— Sim, eu o conheço de cor. Falou minha mãe.

— Pois bem. O credo ou símbolo dos apóstolos é um conjunto de afirmações que todo católico deve respeitar como máxima expressão de verdade de sua religião.

— O credo católico afirma que Deus é o criador de todas as coisas e que se encontra sentado no céu tendo à sua mão direita Jesus Cristo seu filho único.

— Para nós os espíritas, Deus não pode estar sentado uma vez que o ato de sentar-se é próprio do ser humano e também não cremos que Jesus esteja sentado ao lado dele e muito menos que seja seu filho único. Se nós não cremos nisso, para um católico estamos errados e não cremos em Deus, porque cremos no deus que ele acredita.

— Sim, por certo, falou minha mãe.

— Rosa, em verdade, Deus é um conceito sendo assim, é um produto da linguagem. Desse modo haverá tantos conceitos de Deus quantas fore as doutrinas que a ele se referirem.

— Então existe um conceito espírita sobre divindade? voltou meu pai a participar.

— Sim. Existe. E esse conceito se encontra em O Livro dos Espíritos.

— Augusto, você que está lendo esse livro, se lembra da definição de Deus que está na questão número um?

— Sim, pois foi um item que me interess muito. A pergunta: Que é Deus?

— Dá-se a seguinte resposta: Deus é a Inteligência Universal causa primeira de todas as coisas.

— Parabéns, Augusto, é isso mesmo, elogiou meu tio Abílio.

— Muito obrigado, Abílio, estou levando a sério o meu estudo.

— Isso é muito bom. Notaram, porém, alguma coisa na pergunta que é Deus?

— Não. Confesso que não. O que você esperava que eu notasse? disse papai.

— O pronome que e não o pronome quem.

— E faz diferença? quis saber minha mãe.

— Muita. Repare bem. O pronome que é um interrogativo neutro e, portanto, é usado para coisas, em frases como: que é isso? Que pássaro é aquele? De que pedra você está falando. O pronome quem, por seu turno, é usado para pessoas em frases assim: Quem é o convidado? Quem escreveu este livro? Quem está vendo televisão?

— Ainda não atinei com o que o senhor quer dizer, tio. Falei um tanto confuso com o que ouvia.

— Tenha calma, pense comigo, se a pergunta de Allan Kardec fosse quem é Deus, ele estaria antropomorfizando a divindade, ou seja, dando a ela qualidades humanas. Usando o pronome neutro que, ele nos diz que Deus não é como nós, mas uma inteligência abrangente da qual derivam todas as coisas.

Meu tio sorriu como se estivesse satisfeito com a própria conclusão.

Meu pai parecendo cada vez roais movido pelo assunto, tomou a palavra:

— Abílio, gostaria de pedir a você desculpa.

— Desculpa, por que, Augusto?

— Pela maneira intransigente e preconceituosa com que tratei você por todo esse tempo.

— Não se preocupe com isso. Eu também tive a minha parcela de culpa em nosso relacionamento.

— Você?

— Sim. Quando percebi que você me via de um modo pouco simpático, afastei-me sob a alegação de que assim seria melhor para nós dois e nisso errei.

— Deveria ter sido mais humilde e me aproximando mais de vocês, entretanto, por orgulho, não o fiz. Deixemos, porém essas coisas que passaram.

— É como diziam os antigos: "Águas passadas não movem moinhos".

— Daqui para frente, todas as barreiras, que havia entre nós, foram quebradas.

— Espero em Deus que, inclusive, você se torne espírita.

— Talvez isso não esteja muito longe. A propósito, diga-me uma coisa.

— Fique à vontade.

— Diga-me, a codificação é toda a obra de Allan Kardec?

— Não. Ele ainda publicou um livreto chamado O que é o Espiritismo, uma obra propedêutica para o principiante espírita e a A Revista Espírita, que publicada no Brasil, deu origem a um conjunto de dez livros se não me engano.

— Puxa! Que memória você tem, Abílio! exclamou meu pai, admirado.

— Não se trata de boa memória, mas da repetição dessas coisas. Tanto falo nelas, que elas acabaram se incorporando à minha memória.

— Será que chego lá um dia? brincou meu pai.

— Só depende de você, meu amigo.

— Posso lhe fazer mais uma pergunta? É a última por hoje, garanto.

— Claro que pode. E saiba que me dá muito prazer responder as questões que você me faz.

— É o seguinte. Você acredita mesmo na comunicação dos espíritos?

— Sim, e você também acreditará se ler com atenção O livro dos médiuns.

— Eu vou lhe explicar por que fiz esta pergunta. Todas as vezes que falei com os padres e com amigos meus materialistas sobre os fatos mediúnicos, eles sempre me diziam que a mediunidade seria um conjunto de truques e trapanças que se assemelhavam aos truques dos prestidigitadores e dos mágicos de circos.

— O que você pode me dizer sobre isso?

— De início, não posso negar que a mediunidade é algo que com muita facilidade pode ser usada para o exercício do embuste, e muitos médiuns poderosos como Eusápia Pladino, Carlos Mirabelli, Eva Carriere, entre muitos outros, foram acusados de fraude; entretanto, o fato de um médium ser apanhado em fraude, não elimina o conjunto de sua obra.

— Por que os médiuns fraudam? indagou meu pai.

— Porque são seres humanos. Esta é a primeira razão. A segunda é o fato de que a mediunidade mal usada pode ser cassada pela Espiritualidade Maior e, por fim, porque o médium não é senhor dos fenômenos que acontecem com ele.

— O telefone toca de lá para cá e não daqui para lá. Assim, em lugares onde há médiuns profissionais que são remunerados, como acontece nos Estados Unidos, as pessoas pagam pata obter o fenômeno que desejam, e o médium, se não o consegue através de seus recursos mediúnicos, pode simular uma comunicação para atender à demanda do cliente e justificar o pagamento.

— Muito interessante! exclamou meu pai.

— Muito mesmo. Por isso, já ouvi alguém dizer que o menos importante no Espiritismo é receber espíritos. Em verdade, conhecemos um verdadeiro espírita por sua transformação moral e pelo esforço que faz neste sentido.

— Meu cunhado, eu gostaria de lembrar a você algo que considero fundamental.

— De que se trata?

— O Espiritismo, meu amigo, não tem por finalidade dar ao homem condições material de vida, não é uma religião de resultados, mas um discurso religioso que busca explicar a realidade de um ponto de vista espiritual ou, se você achar melhor, metafísico. Com isso, a nossa doutrina busca reforma íntima, a modificação dos caracteres e a instauração de um projeto moral cujo objetivo é nos levar aos mundos maiores.

— Isto é muito interessante...

— Não só. É algo básico para todo espírita saber e por em prática.

— Abílio, estou abismado! Como eu fazia uma ideia errada do Espiritismo!

— Não só você, Augusto, há muitas pessoas boas e corretas que, por falta de informação, pensam como você pensava.

— Mais uma vez estou grato a você, Abílio, muito grato mesmo.

— Agradeça não a mim, Augusto, mas ao Cristo, pois foi ele quem tocou no seu coração. Eu fui um mero instrumento para isso e nada mais.

CAPÍTULO X

Um ator perdido no tempo

Eu estava muito satisfeito com o correr dos acontecimentos, pois notara a melhora acentuada de meu pai, não só por sua aceitação das ideias espíritas, como por sua melhora como ser humano. Ele se tornara mais compreensivo.

Já podia falar em Deus quase que com naturalidade já que, no passado, julgando-se ateu este era um nome para ele impronunciável. Certa manhã, na hora do café, ele nos falou de suas mudanças.

— Vocês sabem, algo está acontecendo comigo.

— Algo de bom ou de mau? perguntou minha mãe com curiosidade.

— Acho que algo de muito bom.

— Que coisa é esta? indagou minha mãe.

— Este meu encontro com o Espiritismo. Só lamento ter levado tanto tempo para encontrar esta doutrina maravilhosa. É impressionante como os nossos preconceitos impedem o nosso progresso.

— Agora que adquiri estes novos esclarecimentos, não quero mais perder tempo. Meu pai ainda falou algumas coisas e, por fim deixou a mesa e foi para o trabalho. Eu estava feliz em ouvir aquelas palavras dele, pois elas indicavam uma mudança qualitativa que fazia de meu pai uma pessoa nova.

Aquela semana passou tranquila, exceto em um fato que se deu na terça-feira.

Quando minha irmã Cristina, ficou muito calada olhando para um canto da parede. Perguntei a ela o que se passava e ela me respondeu:

— Alvinho tem um homem ali no canto olhando para gente. Ele é esquisito.

— Esquisito como, Aninha?

— As roupas deles não se parecem com as nossas e o rosto dele está todo pintado. Compreendi que se tratava de um espírito desencarnado e, como meu tio Abílio me ensinara, fechei os olhos e pedi aos bons espíritos que ajudassem aquele irmão.

Depois de alguns segundos, perguntei à minha irmã:

— O homem ainda está no mesmo lugar, Aninha?

— Não. Ele foi embora.

No dia seguinte, quarta-feira estando na reunião do Ernesto Bozzano, meu tio fez a invocação e, não demorou muito, ouvimos uma voz masculina que se expressava através do Senhor Paulo Meneses

— Eu não devia estar aqui! Eu não devia!

— Nós o chamamos aqui, meu irmão. Disse meu tio Abílio.

— Eu não posso estar aqui agora. Devo ir para a casa de Lisânias que é o meu litúrgico. Esta semana vamos representar o **Agamenon**, de Ésquilo.

— Coube a mim o papel principal.

— Meu irmão, você está no século XXI e não na Grécia Antiga.

— Eu não sei o que é século XXI. Isso não faz o menor sentido. O que sei é que eu vinha da casa de Céfalo, onde assisti uma conversa de um sofista notável, um certo

Sócrates do demo de Alopeke. Ele fala muito bem e com isso engana todo mundo.

— Aristófanes não gosta dele e até compôs uma comédia para satirizá-lo.

— O nome, se não me engano, era **As nuvens**, foi um sucesso eu mesmo vi e quase estourei de tanto rir.

— Meu irmão, insisto, você não vive na Grécia Antiga. Você já viveu, mas isso faz muito tempo.

— Espere aí que tipo de sofista é você? Que conversa é esta? Como eu não vivo em Atenas. Não só vivo como aqui nasci e cresci. Você está parecendo com aquele Sócrates que faz o certo parecer errado e o errado certo. Você sabe que este tal de Sócrates vai se dar mal? Tem muita gente na cidade que o odeia principalmente Ânito e Méletos.

— Meu amigo, insistiu meu tio, olha bem ao seu redor e veja se este lugar parece com alguma casa grega das que você conheceu.

— Não. Não parece.

— Então, se não parece, você está enganado quanto a estar na Grécia.

— Isso é um ardil. É claro que estou na Grécia. Por Hércules que estou!

— Eu vou sair daqui e vou falar com o meu chefe.

— Quem é seu chefe? interrogou meu tio.

— Meu chefe é muito poderoso. Ele disse para eu vir para cá e ficar aqui tomando conta das coisas dele.

— Do que você está tomando conta?

— Eu não sei bem.

— Meu amigo, você sabe que está numa condição diferenciada?

— Diferenciada? O que é isso?

— Isso quer dizer que você não está aqui entre nós.

— Você está dizendo que estou morto! Isso é que não estou. Se eu estivesse morto, estaria no Hades. E se estivesse no Hades, teria viajado no barco do Caronte, teria visto Cérbero, o terrível cão de três cabeças. Nada disso eu vi. Nada mudou para mim. Continuo andando pela cidade de Atenas e me sinto muito bem.

— Quer saber de uma coisa? Eu não vou ficar mais aqui. Vou-me embora.

Tendo acabado de dizer estas palavras, o médium teve um ligeiro estremeamento. Neste mesmo momento, a irmã Letícia se manifestou através de minha tia, Hortência. O espírito, depois de nos saudar a todos, falou-nos, explicando a comunicação anterior.

— Meus irmãos, vocês acabaram de ver algo não muito comum, que se dá com certos espíritos, embora para os encarnados que não estudam sobre a vida espiritual pareça algo fantástico e mesmo fora de propósito. O espírito com quem entraram em contacto, agora há pouco, sofre uma espécie de paralisação psíquica.

— É como se ele houvesse parado no tempo, em uma de suas encarnações na Grécia Antiga. Ele vive emocionalmente naquela fase histórica, e a sua mente está tomada por antigas imagens das quais ele não consegue se liberar.

— Irmã, essa pessoa que ele chama de chefe ou Arconte parece exercer sobre ele grande fascínio. Disse o Dr. Ramalho.

— Não tenham dúvida. De que o espírito endurecido no mal exerce sobre esses espíritos fracos doentes um grande poder hipnótico. Este a quem chama de Arconte é o líder da falange obsessora que está naquela casa.

— Quem é esse espírito?

— Em tempo oportuno irão saber.

— E o que nós podemos fazer por este espírito?

— Não muita coisa, além de orar. Depois dessa manifestação, tenho certeza de que ele será levado para um de nossos hospitais psiquiátricos, onde médicos espirituais competentes vão descondicioná-lo. Não faz muito tempo, um espírito muito amigo dele veio até nós interceder por ele e seus rogos foram ouvidos.

— Minha irmã, o pouco que tenho estudado sobre a vida espiritual, revelou-me que um espírito só pode ser ajudado caso peça auxílio dos espíritos superiores e se tiver merecimento. Nesse caso, não haveria uma ajuda compulsória a esse espírito?

— De certo modo, sim. O caso dele é muito interessante. Nessa última encarnação na Hélade, ele não foi uma pessoa má. Ele está nesta situação não como castigo de algo negativo que tenha praticado, mas por ter adoecido depois de desencarnado.

— Adoecido como? Meu pai voltou a perguntar.

— Ele amou tanto a sua vida na Grécia Antiga como ator que resolveu negar-se e perdê-la. Foi, então viver em uma comunidade espiritual que é habitada por espíritos oriundos da Grécia. Ali existem as diversas cidades gregas como Esparta, Atenas, Corinto e Tebas, são projeções ideoplásticas. E assim encontrou o lugar adequado para alimentar suas fantasias.

— Há nesta história, algo para mim muito estranho, minha irmã, falou meu pai.

— Do que se trata? quis saber a irmã Letícia.

— Do tempo. Ele está distante de nós bem mais do que dois mil anos.

— É verdade, entretanto, devo deixar claro para vocês que a noção de tempo no mundo material, não é a mesma que temos no mundo espiritual.

— Em geral, o espírito desencarnado, vítima de perturbação, perde a noção de tempo e espaço. Em muitos castelos ingleses e na Torre de Londres existem personagens históricos desencarnados que assombram aqueles locais e foram vistos por muitas pessoas, chamadas médiuns videntes. Muitos desses espíritos se encontram presos a esses lugares por mais de mil anos.

Irmã Letícia parou de falar por um momento, enquanto ficávamos meditando sobre o que ela nos havia dito. Em verdade, em termos de conhecimento do mundo espiritual a gente está ainda no jardim da infância. É verdade que o Espiritismo abriu para nós as janelas da espiritualidade, o que nos possibilitou ver um pouco além do que víamos antes de seu surgimento, no século XIX, entretanto, a Doutrina dos Espíritos trouxe para nós apenas aquilo que poderíamos suportar no nível atual de nossos conhecimentos. Ainda estava imerso nesses pensamentos quando a

Irmã Letícia voltou a falar:

— Como vocês podem ver a nossa tarefa é árdua, pois há muitos espíritos sofredores que necessitam de nossa ajuda e, principalmente, de nossa compreensão. Não esmoreçamos, portanto, confiemos em Jesus e continuemos com este trabalho.

CAPÍTULO XI

O demônio e o Espiritismo

Em uma tarde de domingo, em que Tio Abílio veio nos visitar, o assunto não foi outro: o Espiritismo. Meu pai, cada vez mais entusiasmado falou:

— Abílio quando eu nada sabia do Espiritismo, um amigo meu me deu de presente um livro que se intitulava **O Espiritismo no Brasil**, escrito por um padre chamado Boaventura Kloppenburg.

— Eu conheço este livro. Observou meu tio. Ele escreveu um outro, **Umbanda no Brasil**.

— Pois bem. Li esta obra toda do início ao fim, e notei que se tratava de um ataque, muitas vezes grosseiro, ao Espiritismo. Nele diz o padre que a maioria dos chamados fenômenos mediúnicos se dão pela ação do diabo. Você poderia falar-nos um pouco sobre o diabo e o Espiritismo.

— Este é um assunto longo.

— Temos a tarde e a noite para ouvi-lo.

— Está bem. Por sorte acabei de escrever um livro intitulado **Deus e o demônio segundo o Espiritismo**.

— Legal, tio. O senhor vai publicá-lo? perguntei.

— Não sei. Dependo apenas de encontrar uma editora. Por sorte nossa, os originais dele estão no carro. Alvinho, por favor, vai lá fora e pega na mala do carro um livrinho encadernado em espiral, parecido com um caderno ou com uma apostilha. Está dentro de minha pasta.

— Está bem tio, já vou.

Fui ao carro, peguei o livro e o entreguei ao meu tio, que me agradeceu e nos disse.

— Pronto. Se a memória me falhar, tenho o livro como apoio. Vamos ver então esta questão que causa, às vezes, tanta polêmica no mundo religioso.

— Para a teologia católico-protestante, a existência do diabo é necessária para explicar como, em um mundo criado e governado por um Deus Bom e Justo, existe o mal. Não vou esmiuçar as sutilezas próprias dos teólogos.

— Vou me dedicar a examinar, primeiramente a concepção de demônio no imaginário popular.

— Começemos por seu nome.

No folclore europeu, o demônio aparece com diversos nomes. O francês Démon, o italiano Diávolo, o espanhol Diablo, o inglês Devil são termos que podem designar o príncipe das trevas. Na literatura apocalíptica, o diabo é chamado de Satã, Belial

e Belzebu, cujos caracteres e funções, às vezes, são independentes.

— No folclore e na literatura medieval surgem algumas distinções de hierarquia, por exemplo, Lúcifer é o príncipe do mal, o grande rebelde e Satã e outros demônios menores são seus servidores. Em geral, entretanto, essa diferença é rejeitada pela Teologia que parece defender a tese de que Satã e Lúcifer são uma única pessoa; por fim, na tradição gnóstica, aparecem nomes como: Satanás, Satanael, Abaton, Asmodeus, Triphon e Sabathai.

— Há uma ideia bastante difundida, segundo a qual o nome é a coisa.

— Esta concepção é muito antiga, e por causa dela é que, no decálogo, se proibiu pronunciar em vão o santo nome de Deus, pois, se banalizarmos o nome, acabamos, também, banalizando o que ele representa.

— A isso chamo de esvaziamento semântico.

Algo muito semelhante acontece com respeito aos tabus linguísticos.

— Existem palavras que são carregadas de energia negativa e que, por isso, devem ser evitadas. Por este motivo o diabo possui uma grande quantidade de nomes eufemísticos como: Diacho, Dianho, Diego, Demo, Cramulhão, Capeta, Cão, Tinhoso, Zarolho, Canhoto, Tisnado, o Negro, o Rapaz, o Compadre, o Coxo, o Tristonho, o Velho, o Jogador, o Solitário, o Tembá, o Azarepe, o Canha Duba, o Dubá, Mafarro, Mafarrico, Galhardo, o Homem, o Renegado, o Pé-de-Pato, o Sei-lá-o-que-diga, Coisa Ruim, a Velha Serpente, entre outros nomes'

— Como vocês sabem, o diabo é também um personagem bíblico. Vamos ver com que nomes ele aparece nos Evangelhos. O primeiro é Satã ou Satanás

— Esta palavra se diz em hebraico *Satan* e em aramaico *Sitiná*. O seu sentido é o de adversário, opositor, pessoa que se coloca contra os projetos de outra.

— Em grego, foi transliterado para *Satanás*. Na confissão de Pedro (*Marcos*, VIII: 27-33 e *Mateus*, XVI: 13-23) Jesus conversando com os apóstolos, diz-lhes que seria necessário que o filho do Homem padecesse muito, fosse rejeitado pelos poderosos e, por fim, morto. Pedro, escandalizado, repreende Jesus por falar daquele modo:

— Mas ele virando-se e olhando para os discípulos, repreendeu a Pedro dizendo:

— Afasta-te de mim Satanás porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens.

— Neste trecho, a palavra Satanás foi usada por Jesus com o sentido de que falamos há pouco. Pedro, por ignorância do projeto divino, tenta impedir que Jesus cumpra a sua missão; está, portanto, se opondo às pretensões do Mestre, daí o termo Satanás aplicado a ele pelo Cristo.

— Segundo termo é *Diabo*. E está relacionado com três outras palavras gregas: 1ª o verbo *diaballo*, formado pelo prefixo *dia* que significa separação em duas ou mais direções, e *bailo* cujo sentido é o de jogar, atirar, arremessar. 2ª O substantivo *diabolé-es* que significa desunião, calúnia. É por isso que na tradição ocidental é chamado de o Caluniador, Intrigante, o Pai-da-Mentira etc. 3ª O adjetivo *diabalo*, *os*, *on* que se traduz por, O Provocador, aquele que provoca ou produz divisões.

— Essas palavras, naturalmente, não eram aplicadas apenas ao diabo, mas eram palavras de uso comum, como acontece em nossa língua.

— Vamos examinar, em seguida, outra palavra: *Lúcifer*. Esse nome, com o qual costumamos designar o Espírito do Mal, deriva do adjetivo latino *lúci-fer-fer-ferum* e significa luminoso, o que traz a luz, o que porta o archote. *Lucifer-eri*, em latim, era o nome que se dava ao planeta Vénus com o nome de estrela Dalva, pelo fato de ele aparecer de madrugada como se trouxesse a luz do dia (a alva ou alba).

— A próxima palavra é bastante conhecida nós. Refiro-me a *demônio*.

— Esta é uma palavra não pode ser confundida com as anteriores. Quando os gregos usavam o substantivo *daimon-ônus* queriam falar apenas de um espírito desencarnado. Um *daimon* poderia ser um espírito guia, um espírito familiar ou um espírito obsessivo. Os verbos gregos *dairno-nizomai* e *daimono* expressam a ação de receber um espírito ou ser possuído por um desencarnado.

— Há entretanto, outros usos do termo. Platão, no *Crátilo*, usa *daimonios* associado à *Sophia*, com ideia de sabedoria divina. Heródoto (*História* IV: 126 e VII: 48) usa o termo como determinante da palavra homem, indicando pessoa excelente.

— Nos Evangelhos, quando este termo aparece, deve ser traduzido como espírito impuro, imperfeito ou obsessivo.

— Vamos agora a um termo do qual eu tinha muito medo quando era menino e que as pessoas evitavam pronunciar: *Belzebu*. O nome *Belzebu* difere um pouco de *Baalzebube*, deus de Acaron. O texto grego anota *Beelzebube*. A explicação razoável dessa diferença é que os judeus, com o fim de escarnecer dos acaronitas e o seu deus, converteram a palavra *zebube*, mosca em *sibbul* ou *sebe*, que significa estrume. Mas como a palavra *zebul* significa habitação, *Baalzebub* queria dizer o Senhor da habitação. Segundo, porém, ideia de que o meu deus é verdadeiro e o seu deus falso ou é o demônio, *Baalzebube* tornou-se um dos príncipes do inferno.

— Por estranho que isso possa parecer, o demônio aparece muitas vezes associado ou disfarçado em certos animais. Normalmente se encontram associados o demônio: A cobra, o macaco, o morcego, o gato, urso, o bode, o leão, o cachorro, o corvo, o galo, a cabra, o ganso, a mosca, o verme, o gafanhoto a lebre, raposa, a baleia, o cavalo, a hiena, o sapo, a coruja, o carneiro, a aranha, o gafanhoto, o escorpião, o abutre.

Para se justificar as relações entre os animais e diabo, separamos alguns, cujo simbolismo poderia explicar a cumplicidade entre eles e as Trevas.

A baleia

Ela é a boca enorme que devora tudo. No mito bíblico foi uma baleia que engoliu o profeta Jonas quando este caiu no mar. No sentido de boca voraz e saciável, ela representa a boca do inferno que engole os pecadores. Não devemos ainda nos esquecer de que, no Romance **Moby Dick**, de Herman Melville, a baleia é uma representação do mal.

O bode

Do mesmo modo que o carneiro, o bode é um símbolo da força genésica da natureza, da libido (impulso sexual) e da fecundidade. Embora se aproxime do carneiro o bode dele se afasta por ser o carneiro um animal solar, e o bode, na maioria das vezes um animal lunar. Por seu forte odor, foi considerado como um símbolo de abominação e putrefação. Vamos recordar que o demônio, tradicionalmente, possui um forte cheiro de enxofre. O demônio, o deus do sexo e de todas as formas de iniquidade encontra no bode a sua melhor representação.

Deste modo, não é de se estranhar que, no sabá, a festa das bruxas que tem por centro o culto a Satã, o princípio do mal, manifesta-se na forma de um bode, o *hircus noturnus* (bode da noite).

O cavalo

Há uma crença bastante geral que associa o cavalo ao Mundo dos Mortos e, por consequência, às Trevas. O cavalo é aquele que anuncia a morte.

Por esse motivo, no famoso livro de Artemidoro, *A chave dos sonhos*, sonhar com um cavalo indicaria que o sonhador correria perigo de morrer.

Adeusa da fertilidade, Demetér da Arcádia, muitas vezes era representada com a cabeça de cavalo. Essa deusa costumava ser identificada com uma das *Erínias* ou *fúrias*, divindades que castigavam os crimes no interior do *genos*.

As harpias, demônios das tempestades, da devastação e da morte são triformes: mulheres, aves e mulheres éguas, sendo uma delas a mãe do cavalo de Aquiles e, de outra, teria nascido o cavalo de Hermes.

Arhiman, o diabo do Zoroastrismo, quando quer matar e carregar a sua vítima assume a forma de um cavalo. O cavalo é ainda o símbolo da sexualidade masculina, da força viril, do macho.

O cachorro

Este é um animal de vastíssimo e complexo simbolismo. Sob o nome de Cérbero e com três cabeças, ele guarda as portas do inferno, alimentando-se da medula dos mortos. Sua baba venenosa é capaz de infectar toda uma região.

É ainda o companheiro de Hécate, a Diana subterrânea, protetora das feiticeiras e padroeira das ações maléficas.

A primeira função mitológica do cachorro é a de psicopompo, isto é, condutor das almas dos mortos. Assim, o cão é o guia do homem na morte como o havia sido na vida. Os cinocéfalos, macacos cuja cabeça assemelha-se a de um cachorro, tinham, na religião egípcia, a função de aprisionar ou destruir os inimigos da luz.

Entre os antigos germanos acreditava-se que um cachorro chamado *Garem* guardava a entrada do *Nifheim*, o Reino dos Mortos, região coberta de gelo e dominada pela mais densa treva.

Nas antigas culturas mexicanas, criavam-se cães especialmente destinados a guiar

as almas no além, assim, quando alguém morria, enterrava-se com ele um cachorro de pelo amarelado (cor do sol) que caminhava junto da alma como *Xolate*, o deus-cão, que acompanhava o sol quando ele descia do mundo para o mundo das sombras.

No Islamismo, o cão representa aquilo que há de mais sórdido e vil, pois é um animal portador de grande impureza. Em uma tradição de Maomé, o profeta do Islã, ensina que a vasilha onde bebeu um cão deverá ser lavada sete vezes, sendo que a primeira purificação deverá ser feita com terra. Ainda é atribuída ao profeta uma regra interessante: não se pode matar um cão, exceto os cães negros que possuem duas manchas brancas sobre os olhos, porque esses animais eram tidos como encarnação do diabo.

Por fim, vamos lembrar que, em nosso folclore, o diabo é chamado de cão e que, em muitas histórias, ele aparece na forma de um grande cachorro negro com olhos vermelhos como se fossem de brasa. No filmes sobre satanismo, o Anticristo criança é guardado e defendido por um cachorro.

A coruja

A coruja é, na mitologia grega, a ave pertencente à deusa grega Atená, a Minerva dos romanos e, por isso ela é o símbolo da reflexão. Entretanto, entre os astecas, ela é o animal que representa o deus do inferno, sendo guardiã da morada trevosa dos mortos. Foi também é um avatar da noite e das terríveis tempestades.

Este simbolismo, por um lado, associa à coruja ao Mundo dos Mortos e, por outro, às forças poderosas da natureza. No folclore, ela aparece como o gato preto e a serpente, associada às bruxas que, como se sabe, são servidoras do diabo.

O gato

Como o cachorro, o gato também possui um simbolismo extremamente complexo e variado. No folclore nipônico, o gato é um animal de mau agouro.

Dizem que ele é capaz de matar as mulheres e ocupar o lugar destas.

No Budismo, diz-se que o gato e a serpente foram os únicos animais que não se comoveram com a morte de Buda. Essa associação entre o gato e a serpente faz desses animais signos do pecado e do abuso das coisas materiais.

Na ilha de Sumatra, há uma tribo chamada *Nias*. Segundo esse povo, existe uma árvore cósmica que deu origem a todas as coisas. Os mortos, para alcançarem o céu, passam por uma ponte sob a qual está a profundidade dos infernos.

Há um guardião de pé, na porta do céu, que traz consigo um escudo e uma lança.

O gato o auxilia na tarefa de atirar no rio dos infernos a alma dos réprobos.

Podemos acrescentar ainda no Antigo Egito, os gatos eram considerados como divindades, a ponto de, em 525 a.C, na batalha de Pelusa, o exército persa de Cambises tomou o Egito levando gatos que os egípcios não podiam matar. A deusa gata no Egito se chamava Bastet.

A serpente

Historicamente, a serpente é um símbolo positivo e não negativo.

Nas mais antigas mitologias, ela encontra-se na origem da vida e simboliza a alma e a libido. Ela é um animal cósmico por excelência. Na forma de Ananda cujos anéis encerram o eixo do mundo. No mito grego, é o espírito vivificante e inspirador, padroeira dos médicos e dos adivinhos.

A serpente ainda se relaciona com as mulheres e, por consequência, com os cultos da fertilidade. Os *tcho-kwes*, uma tribo da Angola, costuma colocar uma serpente de madeira no leito nupcial para que a fecundação das mulheres seja garantida.

Na Índia, as mulheres que desejam engravidar tentam tocar em uma naja, serpente extremamente venenosa. Os Tupis-guaranis, no Brasil, pretendem tornar férteis as mulheres batendo nelas com uma cobra.

Em algumas culturas, a serpente é tida como a responsável pela menstruação, pois esta resultaria de sua picada. Essa estranha concepção já aparece nas culturas pré-masdeístas da antiga Pérsia. Na tradição rabínica diz que a origem da menstruação está nas relações entre Eva e a Serpente.

Embora a Cristandade tenha conservado, da serpente, o seu aspecto negativo e maldito, os textos sagrados se mostram ambíguos a este respeito, pois a mesma serpente que tira a vida, também pode evitar a morte. No livro de Números, lê-se: Então, Deus enviou contra o povo serpentes abrasadoras cuja picada matou muita gente em Israel. Veio, então, o povo dizer a Moisés: "Pecamos falar contra lahweh e contra a ti. Intercede junto a lahweh para que ele afaste de nós essas serpentes." Moisés intercedeu pelo povo e lahweh lhe disse: "Faze uma serpente de bronze e a coloque em uma haste. Todo aquele que for mordido e a contemplar, viverá." "Moisés fez o que Deus lhe ordenara e todo aquele que foi mordido olhava para a serpente de bronze não morria.

Na época da Igreja Primitiva, Jesus, que simboliza a humanidade, é apresentado como uma serpente atravessada na cruz, em uma clara alusão à serpente de bronze. Nos séculos XII e XIII, em um poema místico traduzido por Remy Courmont, reaparece a menção ao Cristo-Serpente.

Naturalmente, porém, não é desta serpente que mata e salva de que o imaginário medieval se apossou, mas da serpente da Gênese, "o animal mais astuto da Terra" que arrastou Eva ao pecado e com ela (ou por meio dela) Adão.

Esta é a serpente a que João, O Vidente de Patmos, se refere:

Foi expulso o grande Dragão, a Serpente Antiga, o chamado diabo ou Satanás, Sedutor de toda a Terra habitada. A Serpente foi expulsa para a terra e seus anjos foram com ela.

É a partir daqui que a serpente perde os seus atributos positivos e torna-se um ser repugnante e associado, claramente, a Satanás. Ela se torna, então, O Tentador, responsável direto pela queda do homem. Toda sabedoria que, na Antiguidade, se atribuía à serpente, é ilusória e perigosa, uma falsa sabedoria que leva à morte o

espírito dos homens. Alexandre Krappe, tratando do mito da serpente, escreveu: Na Epopeia de Gilgamesh, a serpente rouba do herói a erva da imortalidade, doada pelos deuses. Em a Nova Pomerânia, um bom demônio quis que as serpentes morressem e os homens, apenas mudando a pele, vivessem para sempre. Aconteceu, contudo, que um mau demônio, sabendo disto, reverteu o processo é por isso que as serpentes mudam de pele e os homens morrem.

No arquétipo do relato bíblico, a Serpente aparece fazendo Adão (ou melhor Eva) acreditar que a árvore da morte era a árvore da vida. Ela própria, a cobra, por certo, comeu da árvore da vida.

Assim, a serpente é a Mãe da Mentira, a sedutora, aquela que não se pode confiar, a que ilude e esses são traços do demônio.

A aparência do demônio

O demônio também se apresenta na forma humana. Nessas ocasiões, os seus disfarces são variados. Pode aparecer como um velho ou uma velha; uma jovem atraente; um criado ou um nobre; um pescador; um caçador; um mercador, um sapateiro ou um camponês. No folclore brasileiro, ele se manifesta, às vezes, como um negro tocador de viola, sempre pronto a participar de um desafio ou como um excelente dançarino.

Em muitos mitos europeus, o diabo toma a aparência de um monge, de um padre, de um anacoreta ou um peregrino. Quando aparece na forma de um filósofo, matemático, físico, alquimista ou gramático apresenta um conhecimento sobrenatural e uma habilidade fantástica nos debates. Pode ainda se manifestar como um anjo de luz ou mesmo disfarçado como Jesus ou a Virgem Maria; por fim, ainda pode se manifestar na ordem natural invisivelmente.

Em diversos mitos, o diabo aparece como um ser deformado e a sua aparência exterior denuncia a sordidez de seu caráter. Assim, o demônio é coxo porque, ao cair na Terra, expulso do céu, seus joelhos viraram para trás. Há, aqui, uma forte influência do mito de Hefestos, filho de Zeus e Hera que, ao nascer, por causa de sua feiura, foi atirado à Terra pelo pai, indo cair na ilha de Lemnos e em razão da queda teria ficado coxo. O diabo possui outra face no traseiro. É cego, tem chifres e cauda, tem pés de pato, não tem narinas (ou apenas uma) nem sobrancelhas. Seus olhos são quadrados e vermelhos ou emitem fogo. Exala um odor sulfuroso. E provido de asas, inicialmente emplumadas como a dos anjos e mais tarde, como as dos dragões alados ou dos morcegos.

Sendo um ser oponente da Grande Luz Divina, o demônio é negro, sua pele é escura ou apenas suas roupas. Se aparecer montado, a sua montaria será escura. Em razão de estar associado com o fogo e com o sangue, não é raro que assuma a cor vermelha. Ocasionalmente, poderá ainda usar roupas verdes por causa de sua associação com a caça. A imagem do diabo como caçador é uma metáfora que aparece nas enciclopédias medievais, que o descrevem como um caçador de almas

e o verde é a cor tradicional da roupa dos caçadores. Há, porém, quem defenda a tese de que ele é muito bonito, mas de uma beleza cheia de maldade.

Esta representação do demônio como um ser belo fisicamente deve-se ao fato de Lúcifer ser tido um dos anjos mais belos que havia no céu antes da queda.

Outra relação deve-se à identificação do demônio com os deuses célticos da fertilidade. O diabo ainda carrega uma espada de ferro e correntes as quais agita lugubrememente. O demônio, por fim, conhece os lugares onde existem tesouros enterrados, preside a sorte no jogo e os segredos da Alquimia.

Com isso, seduz os homens cobiçosos, que fazem pacto com ele para conseguirem fama e fortuna.

O tempo e o diabo

Nas crenças populares, certas horas do dia estão carregadas de forças mágicas. À noite, principalmente, é o momento mágico por excelência, é nessa hora que as forças do mal e da escuridão caminham livremente. À noite, os vampiros saem de suas criptas para se alimentarem de sangue humano, os lobisomens uivam nas encruzilhadas, cumprindo seu fado pavoroso; as almas dos mortos acordam e vêm visitar os vivos; as bruxas se reúnem em seus covis para adorarem Satanás ou dançarem nos sabás; Hécate, a pavorosa Senhora das trevas, deixa o Mundo das Sombras e vem caminhar sobre a Terra acompanhada dos monstros Gorgo e Empusa.

Em oposição à noite, o dia é o momento positivo em que a face de Deus sorri para o homem. A luz do sol destrói os vampiros, faz terminar o sabá das bruxas e interrompe a dança do Povo Pequeno nas clareiras da floresta.

Há, porém, uma hora do dia que o povo considera particularmente mágico: o meio-dia.

Dizem que não se deve rogar praga ao meio-dia porque, nesta hora, os anjos se reúnem em coro para louvar a Deus. Exatamente ao meio-dia, terminam sua louvação e dizem amém! Assim, as pragas proferidas nesse horário recebem o amém (assim seja) dos anjos e, por isso, têm grande possibilidade de dar certo. Meio-dia é a hora em que Jesus foi crucificado e o momento em que Adão pecou. Os gregos silenciavam nesta hora porque era o momento em que o deus Pan adormecia e seria muito perigoso acordá-lo. Em Roma, este horário é o do descanso dos deuses silvestres fatigados. Nas florestas medievais, ao meio-dia, quem apurasse bem os ouvidos, poderia ouvir a cavalgada sinistra seguindo Wuotans Heer, o eterno caçador maldito. E ainda, nessa hora, as mulheres de Creta eram perseguidas pelo demônio. Na Morávia, no meio do dia, o homem das águas sai de sua morada profunda para raptar crianças. Em Portugal, nesse horário, o Homem das Sete Dentaduras faz a sua ronda sinistra. Assim, o meio-dia é uma hora aberta em que o demônio se liberta e o mal ganha força quase incontrolável. Uma hora também muito rica em magia é às seis da tarde, hora limiar entre o fim

do dia e o início da noite. Nesse momento, os homens param os seus labores e recolhem-se em seus lares, os pássaros buscam abrigo no aconchego das árvores, as cigarras cantam entre as ramagens. As montanhas verdes se tornam escuras e o sol se esvai como uma ferida de luz. Este momento do dia não é considerado negativo porque é a hora do *ángelus*, isto é, o momento em que, segundo a tradição, Maria, a mãe de Jesus, recebeu a visita do anjo que lhe deu o anúncio da vinda do Messias.

A morada do diabo

Onde vive o diabo? A tradição cristã, calcada no modelo clássico do Hades greco-romano, coloca a região infernal embaixo da terra, daí a prática popular de se mandar alguém que nos irrite para as profundezas do inferno.

Na Idade Média, porém, a mansão do diabo ficava ao Norte, origem da escuridão e do frio. Por esse motivo as igrejas eram construídas voltadas para o Leste.

O Norte fica sempre à esquerda da porta principal, e desse lado, está sempre o demônio esperando uma oportunidade para atacar; por esse motivo as pessoas não enterram seus mortos em lugares próximos ao norte. A rigor, no Mundo Medieval, o Norte é a direção do inferno.

Uma associação bastante estranha, mas muito bem fundamentada, é a que se faz entre o diabo e o Papai Noel. Ambos vivem na Lapônia e dirigem as renas; vestem casacos vermelhos; descem pelas chaminés e se sujam de fuligem; usam grandes sacos (no caso do diabo, no saco estão as almas dos pecadores); carregam bastões; deslocam-se pelo ar com a ajuda de animais; alimentos e bebidas, como vinho, são usados para suborná-los. Um dos apelidos do diabo é *Velho Nick* deriva diretamente do nome de São Nicolau ou Santa Klaus. São Nicolau está relacionado com os cultos da fertilidade (também o diabo), daí alimentá-lo com frutos, torta e nozes.

Os lugares sagrados, para a religião pagã, tornaram-se malditos para o Cristianismo. Assim, os templos erigidos para os deuses do Paganismo foram considerados moradias do demônio, embora mais tarde tenham sido convertidos em templos cristãos. Árvores, fontes, montanhas, cavernas, grutas, ruínas, túmulos, cemitérios foram tidos como habitações comuns ao diabo.

Os demônios também podem assombrar as casas e os fantasmas ou espíritos dos mortos, nada mais são do que demônios. Por fim, fiel à velha tradição mesopotâmica, o povo acredita que o lugar onde vivem os demônios, em maior quantidade, é o ar.

Tanto eram os demônios, que se acreditava poder ferir-se um deles, atirando uma simples agulha para cima. Um padre antigo afirmava que os demônios vivem no ar como um enxame de moscas.

O número dos demônios existentes

A ideia de enxame de demônios como moscas levou muitos demonólogos a tentarem calcular o número de diabos existentes. Máximo de Tiro estima o número de 30.000. No século XIII, o abade Richalm afirmou, com toda a segurança que havia mais diabos, no Inferno e na Terra, do que grão de areia nas praias.

No século XVI, o demonólogo Johann Wier contou nada mais, nada menos do que 6.666 legiões formando um total de 7.403.926 demônios individuais.

Todos esses números, como se pode ver, facilmente nascem da imaginação exaltada dos demonólogos e não de afirmações com base em algum tipo de realidade.

Meu tio fez uma parada para beber um pouco do suco de uva que minha mãe havia feito. Meu pai aproveitando-se desse momento perguntou:

— Abílio, como o Espiritismo vê a questão do Diabo?

— Augusto, em um livro notável intitulado **O Céu e o Inferno**, Allan Kardec faz uma crítica profunda e radical à ideia do diabo. Para a nossa doutrina, não há diferenças entre anjos e demônios, uma vez que os demônios também seriam anjos, dentro do ponto de vista católico. Segundo o Espiritismo, os demônios não são seres com uma criação à parte e voltados para o mal, mas espíritos imperfeitos suscetíveis de regeneração desde que decidam mudar de atitude perante a lei de Deus, trocando o mal pelo bem, o ódio pelo amor.

— Abílio, você está dizendo que os demônios podem ser salvos? questionou meu pai.

— Quem diz isso não sou eu, mas Allan Kardec, intuído pelos bons espíritos.

— Para o Espiritismo, os espíritos saem das mãos de Deus simples e ignorantes.

— Os que caminham na direção do bem e erram menos, vão um dia alcançar a posição angélica e os que erram mais e recalcitram no mal se tornam demônios.

— Assim nada impede que os maus espíritos ao mudarem as suas posições possam se tornar anjos de luz.

— Pode-se dizer, então, Abílio, que os espíritas não acreditam na existência dos anjos e demônios? Interrogou meu pai.

— Certo, Augusto. Conforme o Espiritismo, anjos e demônios no sentido que lhes dá a teologia católica, não existem.

— Estou satisfeito, concluiu meu pai.

CAPÍTULO XII

Caem as últimas restrições de meu pai em relação ao Espiritismo

Naquela tarde-noite, como sempre, seguimos para a nossa sessão das quartas-feiras. A reunião transcorreu calmamente com a irmã Letícia se comunicando e nos dando mensagens de ordem moral. De repente, ela disse que havia ali um espírito que desejava comunicar-se conosco, mas através da psicografia.

Fiquei muito atento porque ainda não havia visto um médium psicógrafo em ação.

Algumas folhas de papel em branco foram colocadas à frente de Julieta Martins que, segundo já disse, possuía o dom de psicografar.

Ela continuou muito calma e, com os olhos fechados, começou a escrever.

A sessão prosseguiu e, ao seu final, o Dr. Ramalho a quem havia sido entregue o material psicografado, passou a mensagem para meu pai. Dizendo apenas:

— É para o Senhor.

Meu pai guardou a mensagem para lê-la em casa e é essa mensagem que transcrevo aqui com a permissão do papai:

Augusto, meu amado filho. Por fim, consegui permissão para entrar em contato. Filho, jamais perdi a lembrança daquela tarde de junho do ano de 1988, meu último dia sobre a Terra. Eu me lembro de você, sentado ao meu lado tendo as suas mãos entre as minhas.

Sua mãe chorosa à minha cabeceira. Que dia tão triste foi aquele! De repente, eu me senti de pé, olhando para vocês dois e para meu corpo lívido estirado na cama. O médico que veio me atender, o Dr. Samuel Goldstein, nosso amigo querido.

Fora do corpo, eu estava desorientado e, de repente, me vi em uma região inóspita, sombria onde havia muita gente que se assemelhava a Zumbi, caminhando a esmo. Estranhamente, eu estava com fome e sede. Em minha memória confusa, lembrava

-me do meu enterro e da missa do sétimo dia. Não tinha dúvidas de que estava morto. Só não sabia o que fazer. Desamparado como uma criança que perdeu os pais, comecei a chorar convulsivamente.

Os meus prantos dolorosos tinham, como resposta os risos dos meus companheiros de sofrimento.

A fome e a sede aumentavam consideravelmente.

A minha cabeça doía fortemente. Não querendo mais ouvir aquela zombaria insuportável saí correndo daquele lugar, mas a região sombria não tinha fim. Por mais que eu corresse, estava sempre dentro dela.

Na minha louca corrida, cheguei a uma espécie de caverna onde havia espessa vegetação com umas frutinhas roxas a pender dos ramos escuros.

Morto de fome estendi as minhas mãos para pegar os frutos, entretanto, naquele momento, senti uma espécie de forte golpe na nuca e caí no chão lodoso.

Olhei e vi, na minha frente, um monstro horrendo que me dizia com voz indescritível: "Estas frutas são minhas. Sai daqui, miserável." Eu não podia competir com ele e saí espavorido, caindo e levantando daquele solo escorregadio.

Ah! Meu filho! Você não pode imaginar como seu pai sofreu, como

experimentou até o fim a taça de amarguras que me foi oferecida. Um dia, já não mais aguentando, lembrei-me de minha mãe que era muito religiosa, ao contrário de mim, que zombava de suas crenças. Foi então que no fundo de minha alma veio um grito desesperado, um pedido de ajuda a Deus. Foi um grito angustiado, um grito cheio de desespero.

Quase imediatamente, notei uma pequena luz que veio em minha direção.

Ela foi aumentando gradualmente até que vi claramente sua avó, Clarissa, sorrindo para mim e me estendendo a mão. Pela primeira vez sorri e me acalmei.

Quando voltei a mim, estava em uma espécie de hospital, onde médicos atentos cuidavam de mim com extremo e desvelado carinho. Já não tinha mais a fome e a sede que me torturavam.

Levei algum tempo me recuperando nesta casa de saúde e quando consegui dar conta de mim mesmo e me lembrar de quem eu era, quis vir à Terra para ver aqueles que eu havia deixado aqui, mas não me foi possível, tive de esperar por algum tempo pela satisfação de meu desejo.

Filho, implorei por esta oportunidade porque precisava avisar a você da necessidade de mudar de comportamento.

Você se lembra do jeito que eu era. Como não tinha uma estatura filosófica para negar Deus, segundo as linhas do pensamento do materialismo clássico, eu dizia que acreditava, mas dizia da boca para fora. No fundo eu professava uma forma de ateísmo muito mais grave do que aquele que professam os verdadeiros ateus.

Você se lembra que eu era um amante das cervejinhas, das caipirinhas das churrascarias onde consumia grande quantidade de carne e de gordura.

Fumava desbragadamente. Tive casos amorosos fora do casamento. O pior é que eu achava tudo isso muito normal, entretanto, este comportamento tão normal foi a causa de minha morte.

Para que você não eduque meus netos com os mesmos erros que incorri na sua educação, peço perdão a você pelos péssimos exemplos que lhe dei. Fico feliz por saber que você se aproximou do Espiritismo, coisa que jamais me interessou, infelizmente.

Assim, suplico a você, meu filho, não mais se afaste desta doutrina de luz e de amor, pois nelas está a salvação das almas no melhor sentido desta palavra.

Por agora, é só. Até ao nosso próximo encontro.

Paulo Roberto Fonseca Teles

Meu pai acabou a leitura com lágrimas nos olhos. Virando-se para minha mãe, falou:

— Rosa, Rosa, você ouviu?

— Ouvi, Augusto. Era o seu pai mesmo.

— Sim. Sem dúvida alguma, aquela mulher que eu mal conheço não poderia saber tanta coisa a respeito dele, como as que estão nesta mensagem.

— Sabe, Rosa, como eu me sinto culpado.

— Culpado de que, Augusto.

— De não ter me dedicado há mais tempo ao Espiritismo. Como perdi tempo!

— Esqueça o tempo perdido e pense no tempo recuperado. Você agora é espírita.

— Como diz o povo: antes tarde do que nunca.

— Você está certa, Rosa.

CAPÍTULO XIII

A narrativa da Irmã Leticia: Tudo começou em Capela

Esta longa narrativa foi conseguida por meio da psicografia, em oito sessões de trabalho, com a médium Julieta Martins. Transcrevo-a aqui na íntegra pela importância que ela possui para o nosso trabalho.

"Não faz muito tempo, meus irmãos, alguém me fez uma pergunta sobre quem era o espírito que lidera a falange de sofredores que assolam a casa de nossos amigos. Pois bem. Chegou a hora de revelar o nome dele que se encontra associado à minha própria história.

Eu e ele viemos em um dos mundos que orbita em torno da estrela Capela, chamado Erodos. Em nossa última encarnação, ele era um grande sacerdote de um culto à nossa divindade máxima. O seu nome era Hasterius e o meu Eudóxia. De agora em diante, para facilitar a compreensão desta narrativa, vou conservar estes dois nomes, embora ao longo de nossas muitas vidas, tivéssemos nomes diferentes.

Em nossa última encarnação em Erodos, Hasterius era um grande mago que possuía notáveis faculdades mediúnicas, que ele recebera para usar em favor do próximo. Ele, entretanto, usava tanto as faculdades mediúnicas como o seu conhecimento de magia para saciar a sua sede de poder. Antes de continuar esta narrativa devo dizer o que estou chamando aqui de magia.

Chamo de magia a crença na existência, em nosso redor, de entidades espirituais benéficas ou maléficas. Através de determinadas técnicas o mago acredita poder dominar essas energias espirituais para colocá-las a seu serviço.

Na magia existem duas formas: direta ou indireta de que se utiliza.

O mesmo se dá na Terra, uma vez que foram os capelinos que trouxeram para este planeta os conhecimentos mágicos.

No primeiro caso, também conhecida como magia simpática, os efeitos surgem diretamente dessas práticas, e no segundo, os espíritos são convocados pelos

magos e os efeitos dependem deles. Ainda como na Terra, a magia em Erodos poderia ser usada tanto para o bem como para o mal. Na Terra essas duas formas foram chamadas impropriamente de magia negra e magia branca.

Na encarnação a que me refiro, como já disse, Hasterius era um sacerdote e eu uma sacerdotisa do culto do nosso deus maior. Eu o admirava e o tinha como meu mestre. Sem querer me eximir de culpas e responsabilidades, devo dizer que ele exercia sobre mim um forte fascínio de natureza hipnótica em todos os seus projetos. Nossos desvios e erros naquela encarnação foram de tal porte que teria de escrever um texto muito maior do que este para explicitá-los, o que não posso fazer aqui e agora.

Dando continuidade a nossa narrativa, devo dizer que os mundos, assim como os espíritos, também evoluem, passando de um estado para outro.

Naquela época distante, Erodos se preparava para avançar um passo na evolução dos mundos. Haveria, então, um processo seletivo que faria a separação entre os espíritos rebeldes, que não poderiam ficar naquele planeta e deveriam ser exilados, e os espíritos obedientes às leis divinas que conquistaram o direito de lá ficarem.

Um dia, sem que esperássemos, aconteceu um grande terremoto fazendo ruir o templo, causando a morte de Hasterius e a minha própria. No mundo espiritual, Assírios, eu e outros espíritos, que perseveravam no mal, fomos conduzidos ao grande Tribunal dos Espíritos Superiores que governavam o sistema capelino.

Foi deixado claro para nós que deveríamos incorporar a enorme caravana de espíritos exilados e que não mais encarnaríamos em nosso mundo de hoje.

Seríamos enviados a um mundo bastante inferior ao nosso, que girava em torno de uma estrela de quinta grandeza, que arrastava atrás de si um grupo de nove planetas. O mundo a nós destinado era o terceiro em ordem de afastamento da estrela central.

Hiperion, o grande Espírito que chefiava o tribunal, nos explicou que o nosso exílio não seria perpétuo e que poderíamos voltar assim que tivéssemos méritos para isso, e que a nossa função seria de auxiliar os espíritos ainda rudes ali encarnados. A nossa ida para este planeta não seria através de naves espaciais ou coisas semelhantes, mas pelo processo de encarnação, o que seria muito útil para a nossa adaptação a este novo mundo.

Estada no Egito

Muitos de nós fomos para lugares mais tarde chamados Mesopotâmia, Índia, Grécia, China, Palestina e Egito. Foi para este último país que Hasterius e eu fomos levados. Naquele tempo, o Egito ainda não era a Terra dos Faraós, mas um vale onde habitavam espíritos muito pouco evoluídos que estavam na fase em que os historiadores chamam de Neolítico. Talvez vocês não possam imaginar o quanto foi duro para nós os capelinos, viver em um planeta no estado em que a Terra se encontrava, mas nós não tínhamos escolhas.

Os espíritos, que viviam no vale do Nilo, moravam em choças acanhadas, trançadas às pressas ou em covis tenebrosos. Esses seres ainda não conheciam nem mesmo a técnica de acender o fogo, dependiam do fogo natural que vinha do céu na forma de raio. Comiam peixes, gafanhotos, vermes, formigas e cobras, quando tinham sorte, matavam algum animal maior como corças, gazelas, antílopes e macacos. Alguns desses povos praticavam a antropofagia. Não possuíam animais domésticos, agricultura, nem mesmo hortaliças.

Com a nossa chegada àquelas regiões inóspitas, pouco a pouco, em meio aos egípcios pré-históricos, surgiu uma nova geração que deu um formidável impulso às suas vidas. Nós os emigrados de Capela ensinamos a eles o trabalho com a terra, a domesticação dos animais, a técnica da construção de casas mais sólidas e fortes, a feitura do vinho e da cerveja; a arte de tecer e fabricar armas de metal e eliminamos o canibalismo, assim como os incestos que eram praticados com grande naturalidade. Nesta tarefa destacou-se um capelino por nome Osíris, cujo trabalho foi tão intenso e significativo que as futuras gerações o colocaram no panteon dos deuses.

Ensinamos a eles que havia seres superiores que mereceriam deles respeito, admiração e adoração. Com isso, surgiram cidades como Mênfis, Tebas, Heliópolis, Edfu, Hierakonpolis, Ombos, Fayum e Coptos. E templos dignos desses deuses em cada uma dessas cidades. Estabelecemos também o sistema político monárquico e o Estado egípcio passou a ser governado por um capelino ou seu descendente que era tido como a encarnação dos deuses na Terra.

O interessante é que os capelinos continuavam revoltados com a punição sofrida e, saudosos do seu mundo de origem, criavam mitos sobre terras maravilhosas, muito além das montanhas de onde eles haviam vindo, terras maravilhosas em que um dia habitaram e de onde foram expulsos. Do mesmo modo, agiram os judeus, os gregos e outros povos aqui exilados como mostram os seus mitos sobre a Idade do Ouro ou o paraíso perdido.

Hasterius, meu companheiro de desdita, não se emendava, e em algumas encarnações sempre esteve ligado à religião e ao poder, foi sacerdote do culto Solar dedicado a Ra na cidade de Heliópolis. Em uma dessas encarnações fui sua filha e com ele pude aprender muita coisa sobre magia, pois ele me preparava para ser sacerdotisa. Em uma de suas aulas particulares ele me falou:

— Minha filha, peço a você que tenha muito cuidado com os rituais, pois eles não são práticas vazias. Você será uma grande sacerdotisa e, por certo, vai dirigir os cultos, por isso precisa aprender sobre os rituais e dar a eles a devida atenção.

— Eu os considerava apenas uma prática formal.

— Você está enganada, minha filha. O ritual em si mesmo, não se esqueça, exerce uma função disciplinadora e deve ser usado rigorosamente na sucessão das fases, atos e operações relacionados à magia. Não existe magia se não houver o ritual adequado. Muitas vezes, quando a magia não dá certo, o erro se encontra no ritual.

Compreendeu?

— Sim, meu pai.

— Muito bem. Então, insisto com você: cuidado com os rituais porque eles são tudo, tudo mesmo.

Assim era Hasterius, capaz de ser carinhoso comigo e de me ensinar o que eu deveria aprender com grande paciência, mas, ao mesmo tempo, capaz de tratar com grande dureza e mesmo com crueldade seus inimigos. Hoje tão distante, já não vejo essas coisas dessa forma, nem levo mais a sério as aulas de Hasterius, mas naquela época elas eram muito importantes para mim.

O mago egípcio

A magia era uma prática muito comum no Antigo Egito, e se encontrava de tal modo entranhada na religião que, não raro, é difícil, para o moderno egiptólogo, separar uma da outra. Para ser honesta, devo dizer que os egípcios praticavam dois tipos de magia a que nos referimos há pouco: a positiva, usada para fins legítimos e a negativa utilizada para fins criminosos e provocar calamidades.

Em diversos textos egípcios antigos existentes entre vós, encontram-se várias narrativas em que se vê, com grande frequência, a magia se tornar servidora da religião e, muitas vezes, aparece ao lado das mais exaltadas e sublimes concepções espirituais.

A técnica principal da magia egípcia estava relacionada com o poder das palavras. Meus amigos, as palavras têm força, pois elas são o veículo do pensamento, ainda precisamos delas para nos expressar. Em mundos mais evoluídos, em planetas mais adiantados, a comunicação se faz de pensamento para pensamento, através da telepatia. Assim, quando uma pessoa fala mal de alguém, se refere a outrem com ódio ou amaldiçoa, essa energia não atinge apenas a pessoa a quem a agressão verbal é dirigida, mas também aqueles que a escutam, multiplicando-se assim a força da carga malévol.

Desde que a palavra fosse pronunciada de certo modo e obedecendo ao ritual, os resultados pretendidos seriam alcançados. No antigo Egito, as palavras poderiam também ser escritas em rolos de papiros, pedras preciosas, pedras comuns e também tabletes de barro. As práticas mágicas eram tão comuns no Velho Egito que os estrangeiros, visitando o Vale do Nilo, ficavam tão impressionados que de volta às suas terras, costumavam dizer que o Egito era o país dos feiticeiros.

Dois histórias sobre a magia egípcia

No Egito Antigo, havia muitas histórias sobre a prática da magia.

Aqui vou destacar duas delas. Certo dia em que o faraó Senefru estava muito triste, ele chamou seus cortesões e lhes disse que buscassem algum meio de fazer com que ele recuperasse a felicidade perdida. Os nobres imaginaram jogos, danças, músicas e espetáculos dramáticos, mas nada disso devolveu a alegria ao rei.

Como os nobres nada conseguissem, ele mandou que fossem buscar Tchatcha em Ank o grande mago da corte e quando ele estava na presença do rei, este lhe disse: — Amigo, minha alma se entristeceu como jamais esteve antes. Pedi ajuda a meus cortesões, mas eles em nada puderam ajudar. E você o que pode fazer por mim? O sacerdote passou algum tempo em silêncio, como se estivesse meditando, e por fim falou:

— Majestade, sua alegria voltará quando velejar de um lado a outro do lago e contemplar os belos bosques que por lá existem.

Em continuidade, o mago pediu que lhe fosse permitido organizar o passeio real. Ordenou que lhe trouxessem vinte ramos de ébano incrustados com fios do mais puro ouro, vinte virgens de belas formas, braços fortes e pernas bem torneadas e que soubessem cantar. Deveriam estar vestidas apenas com uma rede de pescar em lugar de suas vestes cotidianas. Elas remariam e cantariam para o faraó.

Depois que tudo isso foi feito, o rei tomou seu lugar no barco e teve início o passeio.

Enquanto as vinte belas jovens remavam em ritmo compassado, o faraó olhava para elas esquecido de suas preocupações e angústias. De repente, a líder das remadoras, enquanto remava ficou presa pelos cabelos, e uma de suas jóias, feita de turquesas, caiu na água e desapareceu. A moça e suas companheiras pararam de remar. O faraó, então, perguntou a elas:

— Por que parou de remar?

— Porque a nossa líder não está mais remando.

— Por que parou de remar? perguntou o soberano a chefe das remadoras.

— Porque perdi minha jóia preferida. Ela caiu nas águas e desapareceu.

— Não se preocupe minha amiga, pois tereis a vossa jóia de volta.

O faraó voltou ao castelo e mandou que fossem buscar o mago Tchatcha.

Assim que o faraó o teve em sua presença lhe disse:

— Meu amigo, deu tudo muito certo. Entrei no barco com as remadoras.

— Ao vê-las remando meu coração encheu-se de alegria. De repente elas pararam de remar porque a líder delas deixou cair, nas águas, a sua joia mais preciosa.

— Eu garanti a ela que recuperaria o objeto perdido.

— Vamos ver o que se pode fazer, meu senhor. Disse o mago.

O mago foi com o faraó ao local onde a jovem havia perdido o adereço.

Por meio de palavras mágicas separou as águas do lago de modo que a joia foi encontrada dentro de um caco de louça, no fundo. Ele a tomou e a devolveu a sua dona. O rei, muito satisfeito, recompensou o mago com muitos presentes.

A segunda história aconteceu no tempo do faraó Neb-Cau-Ra. Certo dia, esse faraó resolveu visitar um de seus mais alto dignitários, Aba-Aner, que era um estudioso e praticante de magia. Com ele foi, como era de costume, uma comitiva real da qual participava um belo soldado. Ora se deu que a esposa de Aba-Aner ao ver o soldado por ele se apaixonou. No dia seguinte, a mulher mandou uma de suas

amas dizer ao soldado sobre sua paixão. O rapaz, talvez lisonjeado ou mesmo impressionado com a beleza da mulher, tornou-se amante desta.

Passaram então a se encontrar em uma casinha afastada que era propriedade do marido traído.

A cada encontro a mulher pedia a um serviçal que arrumasse a casa para ela.

O mordomo que não se sentia bem com aquela cumplicidade, pois ele também estava traindo o seu Senhor, contou a Aba-Aner o que estava acontecendo.

O Marido enganado, de início, nada fez. Mandou apenas que o serviçal fosse à sua casa e trouxesse de lá uma caixa que estava dentro de um armário.

O homem fez o que lhe foi pedido e, trazendo a caixa, entregou-a a seu patrão.

Aba-Aner tomou uma quantidade de cera que estava dentro da caixa e com ela fez um crocodilo com mais ou menos dois palmos de tamanho.

Em seguida, disse algumas palavras sobre o animal e, depois, ordenou a ele: quando o homem for se lavar nas minhas águas, agarra-o. Feito isso, mandou que o mordomo ficasse de atalaia, e quando viesse o soldado para tomar banho, atirasse atrás dele o crocodilo de cera.

Dias depois a mulher mandou que o mordomo preparasse a casa para mais um de seus encontros. Ele, sem despertar suspeitas, obedeceu como sempre.

O soldado chegou de manhã bem cedo e ficou até o sol se por. Aí, ele saiu de casa e foi banhar-se no rio. O mordomo aproveitou quando ele entrou na água e atirou, atrás dele, o crocodilo de cera. Mal a imagem caiu na água transformou-se em um enorme crocodilo que, pegando o homem, mergulhou com ele para o fundo do rio. Então Aba-Aner convidou o faraó para um passeio juntos quando ele veria uma coisa maravilhosa, que acontecera em seu reino sem que ele soubesse.

O faraó ficou muito interessado e saiu com seu funcionário pelas margens do Nilo. Em certo lugar do rio, Aba-Aner parou e conjurou o crocodilo a aparecer ele veio trazendo consigo o soldado atravessado na boca. O faraó aproximou-se do animal e ficou maravilhado e o mago tocou no animal dizendo algumas palavras e este reassumiu a sua forma de cera. Finalmente, ante aos olhos espantados, o mago recolocou o animal na água, dizendo: leve o que é seu.

A figura do crocodilo assumiu de novo a antiga forma e mergulhou com o homem.

A Escola dos Hierogramatas

Esta era uma escola sacerdotal que havia em Heliópolis onde se ensinava magia e ciências ocultas, disciplinas que eram essenciais na formação dos sacerdotes egípcios. Ali se estudava e se praticava a projeção do corpo astral ou bilocação; a telecinesia ou movimento de objetos à distância sem o concurso de mãos humanas; fenômenos ectoplasmáticos ou de materialização; regressão a vidas passadas; levitação e criptostesia ou clarividência. Esses saberes, entretanto, eram conhecimentos secretos que estavam vedados ao grande público.

Deles poderiam participar apenas os iniciados e, principalmente os candidatos ao

sacerdício e a se tornarem faraós. Durante alguns anos Hasterius foi o presidente desta escola iniciática.

Mernephta Convida Hasterius a se tornar mago de sua corte

Na época em que se passaram esses acontecimentos, um fato novo se deu com o Egito: voltava às terras do Nilo um homem que havia deixado sua pátria, e que fora acusado de assassinato de um feitor egípcio, esse homem havia passado muito tempo fora de sua terra. Chamava-se Moisés e era filho adotivo de uma princesa egípcia, filha de Ramsés II. De fato o seu sangue não era egípcio, mas hebreu, um povo que há muitos anos havia sido introduzido no Egito, no tempo dos faraós hicsos, também chamado reis pastores e, com o tempo, convertido em escravos. Esse Moisés voltava investido, por um deus chamado laweh, segundo ele, dizia da missão de libertar o seu povo do domínio egípcio. Foi por causa desse homem que o faraó convocou Hasterius à sua presença.

Foi no Egito que o grego Pitágoras soube de suas existências anteriores como Aithalides, Euforbos entre outras.

— Meu caro Hasterius, chamei-o aqui para pedir a sua ajuda.

— Em que meus préstimos poderão ser úteis, meu faraó? quis saber Hasterius.

— Acho que vamos ter problemas, disse o Faraó.

— Que tipo de problemas, Senhor?

— Um homem está agitando os escravos hebreus.

— Quem é esse homem?

— Chama-se Moisés. Fugiu daqui há mais de vinte anos por ter matado um de nossos guardas que controlava o trabalho dos escravos; agora está de volta.

— Ele pediu uma reunião comigo e eu concordei. Gostaria de que você estivesse ao meu lado com seus magos a esta hora.

— Assim será, meu faraó, falou Hasterius.

Na tarde daquele mesmo dia, na audiência do faraó apareceram Moisés, seu irmão Arão e anciões judeus. Foi Arão que, aproximando-se do trono real, falou:

— Faraó, deixe meu povo ir para o deserto a fim de adorar o nosso Deus.

— Nada farei do que diz, hebreu. Teu povo não deixará o meu reino.

— Moisés, então, erguendo a voz, disse: Poi bem. Eu vou lhe mostrar a força de nosso Deus.

Nesse momento, Moisés atirou a sua vara ao chão e ela, para o espanto do faraó, transformou-se em uma serpente que passou a se contorcer no chão.

Hasterius manteve-se calmo e mandou que seus magos atirassem suas varas ao solo e todas elas se transformaram em serpentes.

— Moisés, não muito grande é a maravilha que seu deus produziu, uma vez que os meus magos fazem o mesmo. Vá embora, pois não libertarei seu povo, antes vou dobrar-lhes o trabalho.

De fato, Moisés havia se utilizado de um truque muito conhecido no Oriente, que

consiste em hipnotizar uma serpente, tornando-a rígida como um pedaço de pau, bastando para isso, calcar com o polegar uma região na base da cabeça do réptil. Moisés, havia estudado na escola hierogramatas, a qual falei há pouco, onde aprendera os segredos da alta magia egípcia e nada do que pudesse fazer, assustaria Hasterius e os seus magos que estudaram na mesma escola que ele. Como o faraó dissera, o trabalho dos escravos hebreus fora redobrado, e Moisés, voltando à presença dele fez-lhes novas ameaças as quais o soberano não se rendeu. Assim, Moisés começa a lançar sobre o Egito as suas famosas dez pragas, mas todas elas eram explicadas pelos magos egípcios e por esse motivo o Faraó continuava intransigente. Por fim, deu-se a morte dos primogênitos que, também não foi milagre de Deus, pois Deus não poderia eliminar pessoas inocentes inclusive animais, mas um assassinato em massa muito bem urdido.

Desse modo, aquela matança nada mais foi do que um uma série de crimes e nada mais. Notem que foi necessário marcar a casa dos judeus com um sinal para que Deus (os assassinos) quando passassem distinguíssem a casa dos judeus da casa dos egípcios.

O faraó, temendo que mais mortes acontecessem por causa de sua intransigência, decidiu deixar Moisés sair com todos os escravos hebreus que viviam no Egito. Os acontecimentos que seguem a este podem ser conhecidos por meio de um livro da Bíblia que se intitula *Êxodos*.

Devo a você mais uma explicação. Hasterius, assim que chegou ao Egito, entrou em contacto com uma sociedade de magos poderosíssimos que descendiam de Atlântida. Esses homens contaram-lhe sobre uma civilização que floresceu nas terras do Sul em um lugar chamado *Photobolia*, que significa a brilhante ou a fosforescente, nome dado por sua natureza exuberante e por uma claridade tão intensa que dava a impressão de que a luz do sol ali jamais se punha.

É este lugar que no futuro será chamado de Brasil. Ali cresceu uma civilização deslumbrante que se espalhou por toda a região hoje chamada de América do Sul, fragmentada em diversas culturas como os maias, os incas, os astecas, os olmecas entre outros. Aqueles sábios possuíam vários livros sobre a magia da Atlântida, informações de tal importância que, quem os possuísse, seria a pessoa mais poderosa deste mundo.

Este assunto interessou Hasterius que desejou saber se era verdade ou se tratava apenas de um mito. Um desses sábios se prontificou a ir com ele até esta terra distante. E lá chegando, eles localizaram o lugar onde a biblioteca se encontrava. Só que ela havia sido enterrada pelos sacerdotes atlantis, zelosos de proteger tais livros de olhos e mentes despreparadas para lê-los. Usando a sua faculdade de cripesitêsia ou vidência de coisas ocultas, Hasterius pode ver e se maravilhar com os livros, só não conseguiu retirá-los de onde estavam por causa do tempo em que ali foram guardados. Se fossem expostos à luz do sol não resistiriam por muito tempo.

Valendo-se da alta magia trazida de Capela, ele imantou o lugar com fluidos extraídos da natureza, tornando-o em um espaço sagrado.

O lugar exato, onde ficavam os livros, é o mesmo onde está a casa em que a Família Fonseca Teles está morando.

A finalidade desta imantação era fazer com que ele pudesse registrar qualquer ameaça ao seu tesouro estivesse ele onde estivesse. Era desse modo que ele ficava sabendo que a casa estava sendo ocupada, e, com espíritos levianos, ele comandava, expulsava da casa os moradores. Além desses, estavam também a seu serviço espíritos perdidos e desorientados como Ramiro, Carolina e o ator grego que vocês já conhecem. Assim, ele imaginava-se dono da casa quando, em verdade, a casa é que era a dona dele, pois impedia que ele caminhasse na direção dos Mundos Maiores.

Um dia teve vontade de ir ao lugar de seu tesouro para ver como estava e se não corria perigo. Assim, logo depois da partida de Moisés para o deserto, Hasterius pediu permissão ao Faraó para seguir em uma viagem a Fenícia.

Os fenícios, àquela época eram os maiores navegadores do mundo e costumavam vir até a América do Sul em busca de metais preciosos, madeiras odoríferas e aves raras. Naquela ocasião, perguntei a ele:

— Pai, você tem mesmo de fazer esta viagem?

— Sim, minha filha.

— Eu sentirei muito a sua falta, falei com sinceridade.

— Aqui no Templo, minha filha, não correrá o menor perigo.

— Espere-me que voltarei.

A decisão de meu pai era inabalável, e, em uma tarde de primavera, ele partiu para Cedam, de onde navegaria rumo à terra desconhecida. O que eu não sabia naquela época era a relação existente entre meu pai e as terras do Brasil.

Ele jamais me revelou a verdade sobre aquela viagem. Passaram-se dois anos sem que eu soubesse o paradeiro dele e, um dia, quando eu estava dormindo em meus aposentos, sonhei com ele me dizendo que chegara a seu destino, entretanto, havia sido morto pelos habitantes daquela terra. Foi a última vez que vi meu pai naquela encarnação.

Ainda vivi algum tempo na condição de sacerdotisa do Templo, mas meu pai havia feito, naquela encarnação, muito mais inimizadas do que amizades e, embora ele estivesse certo de que eu estaria segura no templo, de fato, eu não estava.

Minha vida sem meu pai tornou-se um verdadeiro inferno, um dos sacerdotes de Amon-Rá, chamado Abu-Refain, desejou se casar comigo. Eu não gostava dele, e unir-me a ele seria a última coisa que eu faria neste mundo.

Após o terceiro ano da partida de meu pai, o templo achou que já era hora de eleger um novo Sumo-Sacerdote e o escolhido foi Abu-Referin.

Não demorou muito e eu fui acusada de alta traição e de passar para o clero de Thebas informações preciosas de nosso templo. Nada disso era verdade, o que não

impediu de receber o beijo da morte dado pela deusa serpente Mertseguer, a Senhora do Silêncio. A execução se deu dois dias depois da sentença ser promulgada. Levada ao poço das serpentes, ali fui atirada e os beijos mortais se sucederam até que fechei olhos para as coisas deste mundo.

Assim que deixei meu corpo de carne, não tive medo e nem me espantei pelo fato de me ver, olhando para o meu corpo deitado no mármore frio, cercada das áspides que ali viviam. Fiquei ali por longo tempo como se estivesse presa aos meus despojos. Não sei quanto tempo passei assim. Quando voltei ao domínio de mim mesma, estava em uma casa de mumificação, olhando o que estava sendo feito com meu corpo. Um dos raros amigos de meu pai, um médico por nome Sinahuê, conseguiu o meu corpo e foi ele que o levou para eu ser mumificada. Então, o paraquista, o primeiro profissional a interferir no processo de mumificação aproximou-se de mim. Ele portava uma longa e afiada faca de obsidiana. Ele chegou bem perto de meu corpo e fez uma abertura mais ou menos larga, no flanco direito de meu cadáver. Em seguida com a habilidade própria de quem trabalha há muito tempo em uma determinada profissão, retirou as minhas vísceras. Depois se afastou e veio o tariqueuta ou salgador e mergulhou meu corpo em uma solução de sal e natro.

Assim, depois de lavado e purificado, meu cérebro foi retirado por meio de um gancho de bronze introduzido em minhas narinas.

Vi que a minha massa encefálica saía em migalhas de cor cinza-escura.

O cérebro ou o que restou dele, foi atirado ao lixo uma vez que, para os egípcios, o cérebro não possuía grande importância. Meu coração também foi retirado e colocado à parte cuidadosamente, uma vez que, em nossa religião, esse órgão possuía uma profunda importância. Tudo o que foi retirado de meu corpo, foi colocado nos vasos canopos.

Terminada essa parte, meu corpo foi desidratado, enfaixado e, por fim, levado para ser enterrado.

Sim. Eu estava morta e disso não poderia ter mais a menor dúvida.

Estava confusa porque não via as coisas que **O livros dos mortos** nos contava que aconteciam com os desencarnados. Não fui levada também para ser julgada no tribunal de Osiris, onde estão os 42 juízes dos mortais e a deusa Maat com a sua balança onde Anúbis colocaria meu coração para ser pesado. Só havia trevas em meu redor e sombras ameaçadoras, mas que nada diziam e de nada me acusavam. No meu coração havia uma enorme inquietação, um vazio, uma sensação de incompletude.

O que me doía era a ausência de sons naquele lugar. Ali só havia silêncio, e eu podia estar a sós comigo mesma e isso não era bom. Um forte sentimento de culpa me envolvia, era como se eu houvesse jogado fora a minha vida passada.

À medida que o tempo passava, eu ficava isolada mergulhada naquele silêncio pavoroso. Foi então que me ocorreu que eu havia sido uma sacerdotisa do templo

de Rá e que até aquele momento não me lembrara de entrar em contacto com ele. Nesse instante, do fundo de minha alma, supliquei:

"Rá, senhor de todas as coisas, tu que brilhas sobre os justos e os injustos, tu que alimentas a vida em todas as suas manifestações, vinde a meu auxílio pois de ti estou muito necessitada. Lembra-te de mim, Senhor e visita-me na minha aflição. Grito e ninguém me escuta; suplico e não sou atendida; abro os olhos e nada vejo nesta escuridão. Senhor, nós pecamos como nossos pais; nós nos desviamos de teus caminhos, nós preferimos a sombra de Apopi à tua luz. Salva-me das mãos de meus adversários, livra-me do poder de meus inimigos. Vem Senhor, iluminar a treva insuportável que me envolve."

Mal eu havia terminado a prece e um ser luminoso apareceu e me falou com bondade:

— Minha filha, Ra ouviu as tuas preces e me enviou para cuidar de ti.

— Eu que estava de cabeça baixa, por causa do excesso de luz que vinha daquele espírito, levantei a cabeça e, emocionada, o reconheci.

— Mãe, é você?

— Sim, minha filha, ouvi teu chamado angustiado e vim buscar-te.

Minha mãe sofrera muito com o meu exílio para a Terra, mas não pudera impedir que isso acontecesse, porque eu havia concorrido, decisivamente, para me afastar dela. Fui levada para Plano Espiritual onde tive uma longa e proveitosa conversa com minha mãe. Ficou então acertado que eu deveria me dedicar a uma longa reciclagem para rever conceitos e modificar a minha via espiritual.

Durante muito tempo, eu não sei o quanto com exatidão, fiquei trabalhando na assistência de espíritos sofredores que chegavam à nossa colônia e participando de caravanas que iam às regiões sombrias para resgatar determinados espíritos que por lá sofriam. Era um trabalho árduo, mas de fundamental importância para mim. Quanto a Hasterius, soube que fizera uma escolha bastante equivocada, decidindo não mais encarnar e ficar vivendo no astral inferior, comandando falanges de espíritos obsessores, mas sem se esquecer do tesouro que ele considerava seu.

Uma nova oportunidade na carne

O tempo passou e um dia minha mãe me chamou e me disse sem esconder a alegria na sua voz.

— Filha, por fim, consegui que você voltasse a viver na Terra.

— Será uma experiência dura e muito difícil. Quero deixar claro para você que não será obrigada a aceitar esta experiência. O que você me diz?

— Aceito, mãe, pois necessito recuperar o tempo perdido. E ser liberada para voltar ao nosso planeta de origem.

— Isso só depende de você, filha.

Como minha mãe me dissera, eu logo fui chamada para planejar aquela encarnação. Nasceria na Palestina em uma família muito rica formada em sua

maioria por saduceus. Nasceria em um corpo masculino, experiência que, na Terra, ainda não havia tido. Cresci estudando a lei de Israel com os mais sábios rabinos daquela época. Havia, porém, algo na lei de Moisés que não me satisfazia completamente, por isso, sofria certa inquietude, um desassossego para mim inexplicável.

Uma tarde, um amigo meu por nome Jeriel, saduceu como eu, encontrando-se comigo em Jerusalém, perto do tanque de Siloé, me falou como quem me contasse uma grande novidade:

— Meu caro Salatiel por onde tem andado?

— A mim é lícito perguntar-lhe a mesma coisa. Pois não o vejo faz algum tempo disse em tom de brincadeira.

— Ora, eu não saio de Jerusalém. Você sim. Disseram-me que andava por Jope, é verdade? interrogou-me o meu amigo.

— Sim. Estive por lá cuidando dos negócios de meu pai. Falei, mas não disse que tipo de negócio.

— Então é por isso que não temos nos visto.

— Sim, por certo.

— Você já sabe das novidades aqui por Jerusalém?

— Que novidades são essas? perguntei interessado.

— A maior delas todas, há um novo pregador. Um Galileu de uma aldeia chamada Nazaré. O nome dele é Jesus.

— E que tem ele de tão especial?

— Ele é um mestre sem ter ido à escola e nem mesmo frequenta o Templo.

— Um mestre-sem ir à escola! De fato é muito interessante. E qual é o núcleo de sua pregação? O que diz tal homem?

— Ele fala do Reino de Deus que, às vezes, ele chama de Reino dos Céus.

Aquela resposta me deixou preocupado. Desde menino o tema do Reino de Deus seduzia-me, embora não soubesse muito bem do que se tratava.

Depois, questionei os rabinos sobre esta questão, mas eles nada me disseram de concreto. Se aquele homem fazia do Reino de Deus o centro de suas pregações, provavelmente sabia como chegar a este reino. Despedi-me de meu amigo certo de que iria procurar aquele novo rabino para saber mais sobre o reino de Deus.

Não demorou muito, eu o encontrei na cidade pesqueira de Cafarnaum.

Ele estava com seus discípulos junto da sinagoga. Aproximei-me e lhe disse com delicadeza:

— Bom Mestre, que devo fazer para alcançar o reino dos Céus?

— Bom? Por que me chamas de bom? Bom é o nosso Pai que está no céu, disse-me ele, corrigindo a minha primeira fala.

— Compreendo, Senhor. Mas insisto: o que devo fazer para entrar no Reino dos Céus?

— Tem cumprido, rigorosamente, a lei de Moisés?

— Sim. Escrupulosamente.

— Muito bem. Então, vá, vende tudo o que é seu. O produto dessa venda deve dar aos pobres. Feito isso, segue-me e terá um tesouro nos céus.

Ele nada mais me disse, e uma cortina de silêncio fechou-se sobre nós.

Ponderei sobre o que ele me falou e não foi difícil saber que não faria o que ele me dissera. Deixei a sinagoga e voltei para casa, mas confesso que havia ficado incomodado com o que ouvi daquele homem.

Passaram-se alguns dias quando, certa manhã, ao acordar e fazer a minha higiene, notei em meu rosto manchas estranhas de cor avermelhada.

Não dei muita importância ao fato, imaginando que houvesse sido picado durante o sono por algum inseto, mas com o passar dos dias, apareceram, mais manchas e o meu rosto ficou inchado. Em pouco tempo, surgiram também bolhas que estouravam, deixando uma secreção mal cheirosa. Meu pai, sempre muito fiel à lei de Moisés, levou-me ao Templo para que eu fosse examinado pelo sacerdote.

Ele me levou para um quarto onde havia uma cama alta e ali me deitou e começou a me examinar. Terminado o exame, ele disse a meu pai secamente, que eu estava com lepra.

Observei que meu pai, ao ouvir este diagnóstico ficou lívido e eu me senti como que fulminado por um raio que caísse do céu e me atingisse em cheio.

O Sacerdote disse que o melhor que meu pai tinha a fazer era deixar-me no Templo para um exame mais demorado, o que levaria exatos sete dias.

Meu pai, muito triste, voltou para nossa casa, deixando-me sozinho na casa de lahweh.

Na minha alma, a palavra imundo repercutia com uma força incrível.

Naquela mesma noite, desesperado, burlei a vigilância dos homens do Templo e fugi dali correndo sem destino, dominado por uma sensação confusa de medo e vergonha. De uma coisa estava certo: se eu estava imundo era com os imundos que eu deveria viver.

Assim, cheio de angústia, depois de caminhar a esmo, fui para o Vale dos Leprosos onde eu acreditava ser o meu lugar. Naquele mundo de extremo sofrimento, esforcei-me por esquecer a minha família, a vida rica que eu tivera até aquele dia. Sem cuidados terapêuticos, a doença progrediu e tomou conta de todo o meu corpo. O que me doía mais era o fato de não compreender por que aquela desgraça me acontecera. Eu era um bom judeu e cumpridor da Lei. Sentia-me na situação de Jó, considerando-me vítima da arbitrariedade de Deus.

Um dia, um dos meus companheiros de sofrimento me falou que havia ouvido falar de um certo Jesus que dava luz aos cegos, voz aos surdos e até mesmo vida aos mortos. Se ele fazia tudo aquilo por certo também poderia nos limpar.

Soubemos, então, que Jesus seguia para Jerusalém e que passaria pela divisa entre a Samaria e a Galileia. Achamos que, por ser um lugar deserto e afastado, a gente poderia abordá-lo sem maiores problemas. Formamos, então, um grupo de dez

irmãos e fomos para lá.

Chegamos bem cedo e nos postamos na estrada à espera dele.

Mais ou menos, na hora sexta, ele apareceu seguido de seus apóstolos.

Nós nos adiantamos.

Josafá, um dos nossos, parou a uma distância considerável e em voz alta gritou para ele: "Senhor, tende compaixão de nós". Jesus atendendo este pedido nos disse:

"Eu quero. Ficai limpos." Na mesma hora, os nossos estigmas desapareceram.

Os meus nove companheiros saíram, felizes cantando e dançando, mas eu fui invadido por uma sensação enorme de respeito e gratidão por aquele homem que tanto nos fizera. Por isso, me aproximei dele e lhe disse:

— Senhor, serei eternamente grato pelo que me fez.

— Nada fiz que meu Pai não o desejasse também, agradecei a ele e não a mim.

— Senhor, sou muito rico e posso lhe pagar com o que quiser.

— Eu sei que é muito rico e esse é o seu maior problema. Vou lhe dar mais uma vez o mesmo conselho: se quiser agradecer ao Pai que está nos céus, vá, vende tudo o que é seu e dê o resultado da venda aos pobres e vem comigo.

— Agora, porém, deve ir ao templo apresentar-se ao sacerdote para contar o que lhe aconteceu e ser purificado.

Saí dali pensando no que me acontecera. Como as coisas deste mundo são efêmeras e passageiras. Eu, que era um homem rico, havia me transformado em um miserável leproso. De repente estava limpo e voltava a ser rico.

Quando cheguei em casa fui muito bem recebido por minha família e meu pai me devolveu todos os meus bens. Logo no dia seguinte, vendi tudo o que possuía, e entreguei o dinheiro para o pecúlio dos pobres e viúvas que havia no Templo.

Três dias depois me apresentei a Jesus e fui aceito como um de seus discípulos.

Assisti à morte dolorosa e injusta dele, mas continuei trabalhando na casa do caminho, sendo orientado e dirigido por Pedro e João, os grandes pilares da igreja nascente. Voltei a servir a Jesus em outra encarnação no século segundo de nossa era. Como corolário de toda a minha mudança íntima desencarnei sob as garras das feras nos circos romanos.

Durante muitos anos, trabalhei na Espiritualidade, continuando a aprender cada vez mais, sempre esperando por minha volta ao meu amado planeta.

Um dia, na Colônia onde eu trabalhava, visitou-nos um luminoso espírito, vindo de um mundo distante.

Estranhamente, dissera que ali estava para falar comigo. Não entendi o que um espírito com aquele grau de evolução desejava falar comigo, um espírito ainda imperfeito.

Na reunião com aquele irmão, ele me disse com alguma tristeza na voz:

— Minha filha, vim aqui para falar contigo sobre meu filho, Hasterius.

— Estou decidida a dar um basta nas insanidades dele. Ele não pode mais continuar a usar seu livre-arbítrio contra ele mesmo. Foi por isso que imaginei dar-

lhe uma última oportunidade. E como você está ligada emocionalmente a ele, vim pedir a sua ajuda.

— E em que posso ajudar?

— Imagino que seja possível formar aqui uma caravana socorrista para irmos à Terra em um lugar chamado Rio de Janeiro.

— E por que devemos ir lá?

— Porque este lugar exerce sobre o meu filho uma profunda atração, e ele mantém lá um grupo de espíritos sofredores, entretanto, o mais sofredor de todos esses espíritos é ele próprio. Eu gostaria de resgatar meu filho.

— Resgatá-lo de quem ou de quê?

— De si mesmo. Ele fez ali uma armadilha para os outros e ele mesmo acabou preso a ela. Gostaria de me ajudar?

— Gostaria. Respondi sem pensar muito.

Penso que assim fica explicado o motivo de eu estar aqui me valendo da cooperação de vocês para auxiliarmos este espírito desviante a se voltar para o caminho do amor e da luz.

Hasterius fica sabendo da nossa ação na casa que acreditava ser sua

Em um lugar tenebroso, nas regiões mais profundas do Umbral, onde fui levado em sonho pela irmã Letícia, existe um castelo cercado por arbustos espinhosos. Dali desce um riacho de águas escuras e lodosas. Nesse castelo, vive Hasterius com uma corte de espíritos infelizes e sofredores.

Uma tarde, Hasterius recebeu, em seu castelo, um de seus colaboradores que trabalhava fazendo uma espécie de coordenação com os espíritos que ali habitavam. O espírito, que se chamava Átila, vinha dar a seu Senhor notícias sobre a casa e seus novos habitantes. Muito irritado, Hasterius ouviu as informações de Átila e, por fim, falou:

— O que me diz, Átila? Fomos atacados e vocês foram incapazes de neutralizar. Jamais vi tamanha incompetência.

— Não foi um ataque honesto, de gente, algo que se esperasse, mas uma iniciativa covarde. Tudo começou com um espírito poderoso que trouxe, com ele, muitos soldados que cercaram a casa com halo de luz terrível que nos faz muito mal.

— Aos poucos foram retirando de lá alguns de nossos colaboradores e levando-os para não sei onde.

— Átila, você está me dizendo que o grupo que você dirigia não se encontra mais lá? Que o lugar está desprotegido?

— Sim. Quase não temos mais colaboradores naquela casa.

— Eu não estou acreditando no que estou ouvindo. Como é possível, meia dúzia de espíritos, vindos de não sei onde, conseguirem dar cabo das forças que lá estavam?

— Perdão, Senhor, mas não são quaisquer espíritos que lá estão.

— São muito fortes e trazem armas que neutralizam as nossas.

— Neutralizam coisa nenhuma! O que acontece é que estou cercado de idiotas como você e os seus soldados.

— Senhor, Perdão!

— Perdão coisa nenhuma! Você sabe como aquela casa é importante para mim.

— Eu não sei onde estava com a cabeça quando o escolhi para missão tão importante. Você é um animal! Está ouvindo? Você é um animal! Saía de minha presença.

À medida que Hasterius dizia essas palavras, Átila ia perdendo a forma humana e se transformando em algo semelhante a um lobo ou a uma hiena, e saiu pela porta ainda aberta com o rabo entre as pernas. Dominado pela Ira, Hasterius falou:

— Já que vocês para nada servem, eu mesmo vou cuidar do que é meu. Locusta! Locusta! Venha cá!

A esse chamado, atendeu um espírito repulsivo. A aparência era andrógina, o rosto comprido, os olhos verdes-lodo, cabelos grisalhos e desgrenhados, pescoço fino, mãos longas e esqueléticas que terminavam em garras com unhas pontiagudas. Sua voz era desagradavelmente rouca.

— O que deseja de seu humilde servidor, Mestre?

— Locusta, confio em você, por isso vou lhe dar uma ordem que espero seja cumprida.

— Não tenha dúvida, Senhor. Farei o que mandar com desvelo.

— Isso é bom. Eu estou me preparando para ir à região habitada pelos encarnados a fim de verificar o que está acontecendo com o meu tesouro.

— Recebi, porém, notícias de lá que me deixaram muito inquieto.

— Antes de partir, entretanto, queria que você fosse lá e fizesse uma avaliação real com o máximo de detalhes sobre o que está acontecendo. Você pode fazer isso.

— Naturalmente, Senhor.

O espírito maligno seguiu rumo ao endereço dado. Enquanto isso, em nossa reunião costumeira no Ernesto Bozzano, a irmã Letícia nos avisou.

— Meus queridos irmãos. Hasterius está preocupado com o nosso trabalho, porque estamos desmanchando a obra de seus colaboradores.

— Ficamos sabendo que ele enviou para cá um espírito extremamente grosseiro e perverso para nos observar. Nossa guarda espiritual, que está sempre alerta, assim que esse agente das trevas chegar, o levará preso para nossa colônia a fim de tratá-lo.

— Será que Hasterius virá mesmo, irmã? perguntou meu pai.

Creio que sim.

CAPÍTULO XIV

Por fim Hasterius se manifesta

De todas as sessões que eu havia assistido, esta foi a mais interessante porque eu

estava na expectativa de por fim, conhecer um personagem que, depois da narrativa da irmã Letícia, tornara-se central de toda essa história.

A sessão em que, pela primeira vez, Hasterius se manifestou, aconteceu em uma quarta-feira de janeiro do ano 2000. Como sempre acontecia, a sessão foi aberta pelo presidente do centro que fez uma prece e a sua esposa leu para nós uma página do **Fonte Viva**, o livro de Emmanuel. Terminada a leitura, a irmã Letícia se manifestou através da médium Maria Augusta:

"Que a doce Paz de Jesus nos envolva agora e sempre. Hoje teremos um dia muito especial e instrutivo, pois, esta noite, estará conosco o nosso irmão desencarnado Hasterius. Cuidado para que, quando ele estiver aqui, não tenhamos para com ele, sentimentos menores de hostilidade e até mesmo de simples antipatia. Ele necessita de nossa compreensão e de nosso amor. Acreditem: vocês não estarão em contacto com um monstro, um espírito maléfico, mas com um espírito sofredor que precisamos ajudar."

Não demorou muito e o médium Paulo Medeiros começou a dar sinais de que um espírito desejava se comunicar por meio dele. E em seguida, ouvimos a voz forte e autoritária de Hasterius soar no cômodo onde estávamos:

— Quem são vocês que invadiram o lugar que me pertence sem o menor respeito?

— Meu irmão, aquela casa não é sua e a família que lá vive não a invadiu, comprou-a legalmente, disse meu tio muito calmo.

— Não estou gostando disso. Não sou seu irmão, não o conheço e ninguém pode comprar uma propriedade que é minha sem que eu saiba, disse o espírito com energia.

— Meu irmão, você não pode ser proprietário de coisa alguma na Terra, porque você não pertence mais a esse mundo, insistiu o doutrinador.

— Você acha que eu sou idiota? Pensa que não sei que não pertencço ao mundo de vocês? Eu sei que sou um espírito fora de um corpo físico, mas isso não me impede de me considerar com direito a certas coisas na Terra que, no passado, foram minhas e continuam sendo.

— Está bem, meu amigo, porém, quero deixar claro para você que, enquanto não se desapegar das coisas materiais, não avançará no caminho que o levará à Luz Maior, explicou o tio Abílio.

— Isso que você está dizendo é pura besteira e prova que você não me conhece nem um pouco. Eu não sou qualquer um. Onde vivo, sou poderoso e respeitado, tenho um castelo e súditos fiéis que me servem sem discutir.

— Meu caro, isso não significa avanço moral, muito pelo contrário.

— Você vive na Espiritualidade, uma vida ilusória, com grandes fantasias de poder. Nada mais do que isso. As trevas jamais podem significar poder.

— O espírito trevoso é por natureza frágil, falou meu tio.

— Está bem! Então, você quer que eu mostre o meu poder. Muito bem!

— Se você quer provas de quem sou, as terá agora.

Mal o espírito acabou de dizer essas palavras, a mesa começou a tremer e as garrafas com água fluidificada começaram a dançar, mas sem derramar a água. Tio Abílio pediu-nos que nos mantivéssemos em prece. Embora estivesse com muito medo, procurei me controlar. Então um quadro que estava na parede saiu, e flutuou por toda a sala. Por fim, foi atirado contra as paredes com grande estrépito. Em seguida, as janelas começaram a bater como se uma força misteriosa as empurrasse de fora para dentro. Neste momento, a voz clara e enérgica da irmã Letícia ecoou na sala.

— Basta Hasterius! Basta!

— Quem ousa falar assim comigo?

— Eu, disse a irmã Letícia.

— Eu quem? perguntou ele.

— Olhe para mim, estou ao seu lado, retrucou a irmã Letícia.

— Eudóxia! O que você faz aqui?

— Estou aqui para buscá-lo, meu querido.

— Meu querido! Mas que hipocrisia é esta?

— Pensa que eu não sei que é você quem comanda esta conspiração contra mim? Foi você por certo, quem mandou prender Locusta, o meu melhor servidor.

— E depois de toda esta trama contra mim, você vem me chamar de meu querido.

— Hasterius, está chegando a hora de grandes modificações. Sei que você, tanto quanto eu, deseja ardentemente voltar para Capela, mas por suas atitudes, não ficará nem mesmo na Terra. Assim que se der o grande exílio dos espíritos deste mundo que não se curvaram à lei *de* Deus, você será enviado, mais uma vez, para mundos menos evoluídos e você sabe muito bem quanto foi dura a nossa estada nesses mundos. Hasterius, o Pai espera que você dê o primeiro passo na direção dele.

— Que pai é este de que você está falando? Não tenho pai e detesto conversas sem sentido.

— Claro que você tem pai, um pai amoroso que está disposto a perdoá-lo de todos os seus erros.

— Que perdão coisa nenhuma! Um justo não perdoa. Se ele é justo como vocês dizem não deve me perdoar. Se ele quiser me castigar que castigue porque perdoar é humilhante.

— Você está enganado, Hasterius, perdoar é divino e é necessário ser muito forte para perdoar e, mais ainda, para não receber o perdão como humilhação.

— Deixe de tolices. Não me arrependo de nada que fiz em nenhuma de minhas vidas, portanto, não quero o perdão dele nem de ninguém.

— Ainda que você não deseje o perdão do Pai, ele está sempre disposto a perdoar seus filhos, não importa o crime que tenham praticado.

— Está bem. Paremos com isso de uma vez por todas. Vamos direto ao assunto que me trouxe aqui.

- Que assunto é este, Hasterius?
- A invasão de minha propriedade. Você sabe melhor do que eu por que aquela casa me pertence e qual o motivo de meu interesse por ela.
- Sim, sei. E sei também que a sua preocupação é inteiramente inútil.
- Inútil! Por quê?
- Hasterius, você deveria saber que o seu tesouro não existe mais.
- Passaram-se muitos anos e a biblioteca, que havia lá virou pó, não mais existe.
- E mais ainda, se ela ainda existisse, que utilidade teria para você?
- Isso é problema meu.
- Não, meu amigo, isso é problema nosso. Hasterius, não sou indiferente ao seu sofrimento. Vê-lo sofrer, faz-me também sofrer. Quantas vidas vivemos juntos, quantas oportunidade perdemos, e agora você está perdendo mais uma.
- Não jogue fora esta chance que o Pai está lhe dando, não feche a porta que lhe está sendo aberta pela bondade divina.
- Quer saber de uma coisa? Já estou cansado de tanta conversa fiada.
- Vou-me embora. Tenho mais o que fazer.
- Hasterius, não faça isso, eu lhe suplico, falou emocionada a irmã Letícia.
- Já disse que sou surdo às suas súplicas. As súplicas são próprias dos fracos e eu não gosto de gente fraca.
- Não, Hasterius, as súplicas são próprias daqueles que amam e que sofrem quando aqueles a quem amamos estão cometendo erros irremediáveis.
- Olhe existe alguém aqui que deseja vê-lo.
- Ninguém deseja me ver, e nem eu desejo ver ninguém.
- Hasterius, olha para quem acaba de chegar.
- Não posso olhar, tem muita luz sofro de fotofobia.
- Está bem. Então não olhe para ela. Escute apenas o que ela tem para lhe dizer.
- Hasterius, que alegria vê-lo aqui! Disse a voz clara e branda do espírito que acabava de chegar
- Esta voz... Esta voz... Mãe, é você?
- Sim, meu filho, sou eu e estou aqui para buscá-lo.
- Mãe, você me abandonou? gritou Hasterius.
- Não, meu filho, sempre estive perto de você.
- Como perto de mim se jamais a vi?
- As suas escolhas, meu filho, colocaram um profundo abismo entre mim e você.
- Isso desde os tempos de Capela. O mau uso que você fez de seu livre-arbítrio fizeram com que você fosse exilado para a Terra e assim aumentasse a distância entre nós. Mergulhei nos vales profundos das regiões umbralinas, onde você vivia, quando o encontrei, eu podia vê-lo, mas você não me via. Estive com os nossos amigos superiores e supliquei por você, mas eles me disseram que nada poderiam fazer, se você não cooperasse, e você não estava cooperando.
- Disseram-me que me restava orar por você e é isso que eu tenho feito até agora.

— Mãe, você já falou demais, vá embora daqui, não me torture mais.

— Não sem você.

— Como não! Não vê que a sua luz me incomoda. Estamos separados para sempre. A luz e as trevas não podem conviver.

— Meu filho amado, ante aos olhos de Deus não existem castigos eternos nem afastamentos definitivos. Basta que você peça perdão pelos seus crimes e se disponha a refazer um longo caminho na direção dos Mundos Maiores.

— Não, minha mãe, sou um miserável. Meus crimes não têm perdão.

— Todos os crimes podem ser perdoados, porém, antes de conseguir o perdão divino. Deve perdoar a você mesmo. Liberte-se das algemas da culpa para que, livre, possa receber o perdão maior.

— Mãe, não me acene com falsas promessas. Deixe-me continuar minha vida como tenho feito até hoje, esta é a única vida que conheço e, por mais que seja sofrida, é a vida que tenho. Vá embora! Deixe-me nesta escuridão, pois é ela que me sustenta e me ampara.

— Filho, você está insano. As trevas são a ausência da luz e por isso a ninguém podem amparar.

Houve um silêncio breve entre Hasterius e sua mãe. Aproveitando a aparente fragilidade emocional do filho, disse-lhe:

— Meu filho, o que vou lhe dizer não é uma ameaça. Os espíritos perseverantes no mal, por longo tempo, e que albergam em seu seio a revolta contra Deus e o desejo de vingança contra o próximo sofrem um sério desgaste no perispírito, assumindo uma forma que lembra um ovo, daí serem chamados de ovóides.

— O corpo espiritual, desses seres, torna-se semelhante a pequenas esferas, cada uma um pouco maior do que um crânio humano. Seu estado é terrível: alguns se assemelham a amebas que respira em uma espécie de pântano; outros repousam, aparentemente, inertes como uma geleia apodrecida. Não gostaria de vê-lo assim, meu filho, mas se continuar em sua teimosia de rever posições, este será o seu destino.

— Esta é a coisa mais contraditória que já ouvi, falou Hasterius.

— Contraditória, por quê?

— Ora, vocês vivem falando em um Deus de amor, um Deus que perdoa não sei quantas vezes, e esse mesmo Deus criou esta tortura para castigar os espíritos que não concordam com ele.

— Não, meu filho, Deus não criou os ovóides. Tornar-se um deles é uma escolha dos espíritos. Veja o seu caso. De fato, você poderá se tornar um ovóide, mas não pela vontade divina, porém, por sua própria vontade. Arrependa-se, peça perdão a Deus por seus muitos erros, mostre-se disposto a recomeçar, e um novo caminho abrir-se-á à sua frente. Vamos, meu filho, decida-se.

— Eu não quero sair daqui e abandonar o meu tesouro.

— Meu filho, estou oferecendo a você um tesouro muito maior, um tesouro

verdadeiro que os ladrões não roubam e a ferrugem não corrói.

— Eu já me adiantei e anulei a imantação que você fez naquele ambiente, você agora está livre. Eu vou ativar em você as suas faculdades criptostésicas para você ver como se encontra a sua biblioteca. Veja, meu filho, veja!

Em verdade, não sei o que aconteceu, mas um silêncio grande tomou conta de nossa sala. Depois ouvimos a voz chorosa de Hasterius.

— Não! Não é possível! Onde estão os meus livros? Os meus livros tão preciosos.

— Meu filho, o tempo fez com que o seu tesouro virasse pó e lama.

— Admira-me que um espírito como você, que fez um grande progresso intelectual, não soubesse em que o seu tesouro havia se transformado.

— Veja que nada mais há naquela casa para você guardar, absolutamente nada.

— Venha comigo.

— Para onde?

— Para a verdadeira vida.

— Eu acho que não tenho escolha.

— Tem sim. Escolha o bem, a luz, o progresso e o amor do Cristo.

— Minha mãe, estou sofrendo muito. Durante muito tempo fui cego e tateei nas trevas. Passei tanto tempo fazendo o mal e agora compreendo que fui um suicida moral. Perdoa-me minha mãe, Eudóxia e todos aqueles a quem fiz mal.

— Estou cansado de continuar nesta luta inglória, a mais desastrosa que um espírito pode travar, pois quando pensa que está vencendo está, em verdade, perdendo.

— Ore comigo, meu filho, falou Laura com ternura.

— Não sei se sou digno. Tenho dúvidas de que ele ouvirá as preces desse réprobo miserável.

— Ouvirá sim. Hasterius, vamos, ore comigo:

"Eu elevei o meu olhar a ti, ó Eterno e me senti fortalecido. Tu és a minha força, não me abandones! Ó Senhor, sinto-me esmagado pelo peso de minhas iniquidades. Ajude-me! Tu conheces as fraquezas de minha carne; não afastas o teu olhar de mim.

Estou sendo devorado por uma sede ardente, faze brotar a fonte de água viva e aliviarei a minha sede para lamentar as aflições de minha vida.

Que a minha boca apenas se abra para te louvar e não pra lamentar as aflições de minha vida. Sou fraco, tu és forte, só tu és a razão de ser e o objetivo de minha vida. Que o teu nome seja bendito. Se me fazes sofrer é porque tu és o mestre e eu teu servidor infiel; curvarei a minha cabeça sem me queixar porque só tu és grande, só tu és a meta a ser alcançada".

Terminada a prece a irmã Letícia voltou a falar:

— Graças te dou meu Deus. Glória te dou, meu Deus por mais um pecador ter sido salvo. Ampara em teu seio o nosso irmão Hasterius, dá-lhe forças para que ele possa marchar por um novo caminho.

- Irmã Letícia, Hasterius foi vencido? perguntou meu tio Abílio.
- Não, meu amigo, Hasterius se tornou um vencedor. O vencedor de si mesmo.
- A vitória sobre nós mesmos é a maior e mais significativa que um espírito pode ter.
- E o que acontecerá com ele?
- Nós já preparamos um projeto de recuperação para ele, que esperamos seja cumprido na íntegra. Este projeto não será imposto a ele, mas aceito por ele.
- Está na hora dele aprender a usar o seu livre-arbítrio para o bem.

Cerca de três dias depois destes acontecimentos, em uma reunião em nosso centro, a irmã Letícia se manifestou por meio da tia Hortência e fez uma espécie de despedida:

- Meus amigos, meus irmãos, estou aproveitando esta oportunidade para agradecer a todos vocês pela colaboração que nos deram na tarefa de recuperar Hasterius. Devo lhes dizer que fui premiada com a oportunidade de voltar a meu planeta de origem, porém, me recusei para continuar na Terra, auxiliando Hasterius com todas as minhas forças. Devo reencarnar com ele mais uma vez para auxiliá-lo em uma existência muito dura que ele terá em regime de expiação.
- Fiquem com Deus e até um dia.

Meu pai e minha mãe se tornaram espíritas. Continuamos frequentando o Centro Espírita Ernesto Bozzano onde meu pai, anos depois, ocupou a presidência. Quanto à nossa casa, nunca mais tivemos problemas com espíritos sofredores. Eu e minhas duas irmãs também nos tornamos espíritas militantes e foi por insistência delas e de meus pais que escrevi este livro, valendo das gravações e anotações que fiz durante as sessões de desobsessão do Ernesto Bozzano.

Fim

Primavera de 2010

